

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE-FURG
INSTITUTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS, ADMINISTRATIVAS E CONTÁBEIS
MESTRADO PROFISSIONAL EM ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA - PROFIAP**

FABRICIO CASSOL SILBERSHLACH

**RELIGIOSIDADE E DESEMPENHO ACADÊMICO DISCENTE
EM TEMPOS DE PANDEMIA**

**Rio Grande
2023**

FABRICIO CASSOL SILBERSHLACH

**RELIGIOSIDADE E DESEMPENHO ACADÊMICO DISCENTE
EM TEMPOS DE PANDEMIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração Pública, da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Administração Pública.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Débora Gomes de Gomes

**Rio Grande
2023**

FABRICIO CASSOL SILBERSHLACH

**RELIGIOSIDADE E DESEMPENHO ACADÊMICO DISCENTE
EM TEMPOS DE PANDEMIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração Pública, da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Administração Pública.

Aprovado em 24 de abril de 2023.

Prof.^a Dr.^a Débora Gomes de Gomes (FURG)
(Presidente/Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Cristiane Gularte Quintana (FURG)
(Membra)

Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida Farias de Souza Nogueira (UFGD)
(Membra)

Eu gosto do impossível porque lá a concorrência é menor.

(Walt Disney)

AGRADECIMENTOS

Gratidão ao universo por todos os obstáculos vencidos para chegar até aqui!

A minha orientadora que me escolheu e fez dessa escolha a minha melhor versão, que marcou uma webconferência num sábado de manhã e nos conhecemos melhor para alinharmos o cronograma, desde lá nossos encontros e desencontros em função da rotina, aulas, covid etc. conseguimos chegar até aqui. Obrigado Débora, pelo teu suporte, energia e sensibilidade de aguentar minha euforia e me guiar pelo novo com tanta maestria que quando lembro de você só tenho gratidão e o coração quentinho pelo teu acolhimento e ensinamento.

Aos meus pais que sempre foram e são meus maiores suportes e amor genuíno dedico a vocês essa etapa! Eu quero e sempre vou orgulhar vocês. Sem vocês eu nada seria. Obrigado por tudo!

Ao meu irmão Patrick e sua família que são meus alicerces. Aos amores do dindo, que cresço e aprendo muito com essas crianças e afilhado pet que tanto amo. Ao Bento que nem nasceu e já faz parte da minha caminhada e que será muito amado pelo dindo mestre.

Ao Rod e Wil pelas palavras de conforto, companheirismo e paciência.

Aos meus filhos pets Galileu, Fiorella e Apolo pela energia e por estarem presentes transmitindo forças mesmo em silêncio.

Aos meus colegas e amigos que fiz durante o percurso.

Meus amigos próximos pelo apoio, amizade e incentivo.

Às professoras pela rica colaboração, que impactaram e deixaram esse trabalho melhor desde qualificação até a defesa.

RESUMO

Essa pesquisa teve como objetivo geral analisar a relação entre o nível de religiosidade e o nível de desempenho de estudantes de uma Universidade Federal do Sul do Brasil, durante o primeiro ano da pandemia. Para atingir esse objetivo foi realizada uma pesquisa quantitativa, de caráter descritivo quanto aos seus objetivos e, quanto aos seus procedimentos uma *survey*. A amostra foi composta por 116 discentes de graduação de uma universidade pública. Os dados foram coletados por meio de um questionário *online*, constituído pelo levantamento do perfil sociodemográfico dos estudantes, Escala de Religiosidade de Duke e a Escala de Autoavaliação de Desempenho Acadêmico. Os dados foram analisados por meio de estatísticas descritivas, análise de correlação, análise de regressão e pelos testes: *One-Way ANOVA*, *Teste T*, *Kruskall-Wallis*, *Levene* e *Shapiro-Wilk*. Os resultados do estudo evidenciaram: dificuldades enfrentadas pelos estudantes na adaptação, no isolamento social, na privação do convívio familiar, na contração da Covid-19 e no suporte psicológico durante a pandemia; a mensuração da religiosidade dos universitários, de acordo com a Escala Durel, demonstrou que 87,1% dos estudantes acreditam em Deus, com relação à Religiosidade Organizacional a maior parte dos estudantes (67,2%) nunca frequenta igrejas, templos ou outro encontro religioso; com relação à Religiosidade Não-Organizacional a maior parte dos estudantes (39,7%) nunca ou raramente dedicam tempo a religião e com relação à Religiosidade Intrínseca 40,5% dos estudantes sentem a presença de Deus em sua vida; o desempenho acadêmico dos resultados indicou, pela autopercepção, uma tendência de desempenho positiva, independentemente de eles estarem em um momento delicado, devido à pandemia. Sobre a relação entre o desempenho acadêmico e a religiosidade dos estudantes houve baixa correlação e relação quase nula entre as dimensões da religiosidade e o desempenho acadêmico, por outro lado houve uma influência forte e positiva da religiosidade intrínseca sobre o desempenho. Tendo em vista os resultados encontrados percebe-se que a religiosidade é um tema instigante para novos estudos, pois este estudo estabelece um diálogo sobre o tema durante o primeiro ano da pandemia.

Palavras-chave: Religiosidade; Desempenho discente; Perfil pandêmico.

ABSTRACT

This research had the general objective of analyzing the relationship between the level of religiosity and the level of performance of students at a Federal University in Southern Brazil, during the first year of the pandemic. To achieve this objective, a quantitative research was carried out, with a descriptive character regarding its objectives and, regarding its procedures, a survey. The sample consisted of 116 undergraduate students from a public university. Data were collected through an online questionnaire, consisting of a survey of the students' sociodemographic profile, the Duke Religiosity Scale and the Academic Performance Self-Assessment Scale. Data were analyzed using descriptive statistics, correlation analysis, regression analysis and tests: One-Way ANOVA, T Test, Kruskal-Wallis, Levene and Shapiro-Wilk. The results of the study showed: difficulties faced by students in adaptation, social isolation, deprivation of family life, the contraction of Covid-19 and psychological support during the pandemic; measuring the religiosity of university students, according to the Durel Scale, showed that 87.1% of students believe in God, with regard to Organizational Religiosity, most students (67.2%) never attend churches, temples or other meetings religious; regarding Non-Organizational Religiosity, most students (39.7%) never or rarely dedicate time to religion and regarding Intrinsic Religiosity, 40.5% of students feel the presence of God in their lives; the academic performance of the results indicated, by self-perception, a positive performance trend, regardless of whether they are in a delicate moment, due to the pandemic. Regarding the relationship between academic performance and students' religiosity, there was a low correlation and almost zero relationship between the dimensions of religiosity and academic performance, on the other hand, there was a strong and positive influence of intrinsic religiosity on performance. In view of the results found, it is clear that religiosity is an exciting topic for further studies, as this study establishes a dialogue on the subject during the first year of the pandemic.

Keywords: Religiosity; Student performance; Pandemic profile.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Instrumentos de mensuração da espiritualidade/religiosidade para a cultura brasileira.	25
Quadro 2- Estudos anteriores sobre religiosidade e estudantes de nível superior.....	27
Quadro 3 – Variáveis testadas para avaliar o desempenho acadêmico.	30
Quadro 4- Estudos anteriores sobre desempenho discente e estudantes de nível superior. ...	31
Quadro 5 – Estudos anteriores sobre impactos da pandemia no ensino superior.....	35
Quadro 6 - Operacionalização da pesquisa.....	47

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Perfil dos estudantes.	49
Tabela 2 – Perfil dos estudantes com relação aos aspectos pandêmicos.	514
Tabela 3 – Características religiosas	55
Tabela 4 – Características religiosas de acordo com a Escala DUREL.	56
Tabela 5 – Estatística descritiva das três dimensões da religiosidade.	58
Tabela 6 – Nível de religiosidade	59
Tabela 7 – Características do desempenho discente.	61
Tabela 8 – Estatística descritiva do desempenho dos estudantes.	64
Tabela 9 - Nível de Desempenho	64
Tabela 10 - Correlação de Pearson	67
Tabela 11 – Análise de regressão	69
Tabela 12 - Teste de Normalidade.	71
Tabela 13 - Homogeneidade da variância e Teste F para o nível de religiosidade organizacional conforme as variáveis sociodemográficas.	72
Tabela 14 - Homogeneidade da variância e Teste F para o nível de religiosidade não organizacional conforme as variáveis sociodemográficas.	73
Tabela 15 - Homogeneidade da variância e Teste F para o nível de religiosidade intrínseca conforme as variáveis sociodemográficas.	73

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO	12
1.2 LACUNA E PROBLEMA DE PESQUISA	16
1.3 OBJETIVOS	17
1.3.1 Objetivo geral	17
1.3.2 Objetivos específicos	17
1.4 JUSTIFICATIVA	18
1.5 CONTRIBUIÇÃO	18
1.6 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	20
2 REFERENCIAL TEÓRICO	22
2.1 RELIGIOSIDADE	22
2.1.1 Instrumentos de Mensuração da Religiosidade	24
Quadro 1 – Instrumentos de mensuração da espiritualidade/religiosidade para a cultura brasileira.	25
2.1.2 Estudos Anteriores	27
Quadro 2- Estudos anteriores sobre religiosidade e estudantes de nível superior.	27
2.2 DESEMPENHO DISCENTE	28
Quadro 3 – Variáveis testadas para avaliar o desempenho acadêmico.	30
2.2.1 Estudos Anteriores	31
Quadro 4- Estudos anteriores sobre desempenho discente e estudantes de nível superior. ...	31
2.3 IMPACTOS DA PANDEMIA	33
2.3.1 Estudos Anteriores	35
Quadro 5 – Estudos anteriores sobre impactos da pandemia no ensino superior.	35
3 METODOLOGIA	37
3.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA	37
3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA	37
3.3 COLETA E ANÁLISE DOS DADOS	38
3.4 ANÁLISE DOS DADOS	42
Quadro 6 - Operacionalização da pesquisa.....	47
4 RESULTADOS	49
4.1 PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DOS ESTUDANTES	49
Tabela 1 – Perfil dos estudantes.	49
Tabela 2 – Perfil dos estudantes com relação aos aspectos pandêmicos.	51
4.2 NÍVEL DE RELIGIOSIDADE DOS ESTUDANTES	55

Tabela 3 – Características religiosas	55
Tabela 4 – Características religiosas de acordo com a Escala DUREL.	56
Tabela 5 – Estatística descritiva das três dimensões da religiosidade.....	58
Tabela 6 – Nível de religiosidade	59
4.3 NÍVEL DE DESEMPENHO DOS ESTUDANTES	61
Tabela 7 – Características do desempenho discente.....	61
Tabela 8 – Estatística descritiva do desempenho dos estudantes	64
Tabela 9 - Nível de Desempenho	64
4.4 RELAÇÃO ENTRE O NÍVEL DE RELIGIOSIDADE E O NÍVEL DE DESEMPENHO	
67	
Tabela 10 - Correlação de Pearson	67
Tabela 11 – Análise de regressão	69
4.5 INFLUÊNCIA DAS CARACTERÍSTICAS DE PERFIL NO NÍVEL DE	
RELIGIOSIDADE E NO NÍVEL DE DESEMPENHO	70
Tabela 12 - Teste de Normalidade.....	71
Tabela 13 - Homogeneidade da variância e Teste <i>F</i> para o nível de religiosidade organizacional	
conforme as variáveis sociodemográficas.	72
Tabela 14 - Homogeneidade da variância e Teste <i>F</i> para o nível de religiosidade não	
organizacional conforme as variáveis sociodemográficas.....	73
Tabela 15 - Homogeneidade da variância e Teste <i>F</i> para o nível de religiosidade intrínseca	
conforme as variáveis sociodemográficas.	73
4.6 AÇÕES DE MELHORIAS PROPOSTAS JUNTO À UNIVERSIDADE	74
5 CONCLUSÃO.....	80
REFERÊNCIAS	85
Apêndice A – Carta Convite	98
Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	99

1 INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

O Brasil tem um traço cultural marcante que é a religião, que reflete na vida diária das pessoas, na capacidade de demonstração de múltiplas formas de fé religiosa, de modo que suas condutas e crenças religiosas constituem parte fundamental do *ethos* da cultura brasileira (ANDRADE, 2009).

Nesse sentido, Religião se trata de um sistema comum de crenças e práticas relativas à seres humanos dentro de universos e culturas específicas, devendo-se levar em consideração a variedade de fenômenos que se costumam chamar de religiosos (SILVA, 2004). Os sistemas de crenças podem influenciar de forma direta ou indireta o processo de tomada de decisão, pois afetam a percepção e a compreensão de situações e de atitudes (SALGUEIRO, 2007).

De acordo com o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE, 2010), 65% dos brasileiros acreditam no catolicismo, 13,4% são evangélicos pentecostais/neopentecostais, 8% sem religião, 4,1% evangélicos em missão (Luterana, Presbiteriana, Metodista, Batista, Congregacional, Adventista, Evangélica), 2,7% outras religiosidades, 2% espíritas e 4,9% evangélicos não determinados, ou seja, qualquer outro grupo evangélico que não esteja contemplado dentre os citados. (IBGE, 2010).

A religião leva à religiosidade do indivíduo e é entendida como a manifestação do sagrado, que é a presença de uma potência sobrenatural, que demonstra poder, por meio de algum símbolo como uma força sobrenatural (CHAUI, 1995). Essa força, considerada superior, serve de alento às situações mais diferentes que possam acontecer no dia a dia. As representações são naturais, mas possuem um significado que as liga às revelações da divindade em que aparece a força da potência realizadora daquilo que o homem pensa não ser capaz de resolver (BERNARDI; CASTILHO, 2016).

De acordo com Silva Thiengo *et al.* (2019, p. 7), entende-se a “religiosidade como a adesão à crenças e à práticas relativas a uma instituição religiosa organizada e a espiritualidade como a afinidade estabelecida entre uma pessoa e um ser ou uma força superior na qual ela acredita”. Já para Zangari e Machado (2018) a religiosidade é a forma como cada sujeito vivencia a religião e a espiritualidade está ligada ao sentido que se percebe ou que é atribuído à vida. Nessa visão, a espiritualidade pode ter uma associação com a religiosidade ou isso pode não ocorrer necessariamente (ZANGARI; MACHADO, 2018; KOENIG; PARKERSON JÚNIOR; MEADOR, 1997; MOREIRA-ALMEIDA *et al.*, 2008).

A religiosidade refere-se à ligação com um sistema de adoração, prática e segue uma religião, uma doutrina compartilhada com um grupo (PANZINI *et al.*, 2007). Estudos progressos passaram a mensurar a religiosidade do indivíduo, como é o caso de Lucchetti, Lucchetti e Avezum (2011), que avaliaram adultos de baixa renda da cidade de São Paulo; Taunay *et al.* (2012), que investigaram estudantes universitários da área da Saúde e pacientes psiquiátricos; Martinez *et al.* (2014), que estudaram usuários de serviços públicos de saúde, em Ribeirão Preto/SP; Paula (2015), que utilizou uma plataforma virtual como meio de coleta de dados e Strelhow e Sarriera (2018), que analisaram adolescentes de até 18 anos. Para mensuração da religiosidade surgiram instrumentos já validados, como é o caso do Índice de Religiosidade da Universidade de Duke (KING; KOENIG, 2009) e o questionário P-Durel (LUCCHETTI; LUCCHETTI; AVEZUM, 2011).

Alguns momentos vivenciados podem contribuir para que o indivíduo se volte para a religiosidade como, por exemplo, a entrada universitária que, geralmente gera emoções positivas de realização nos jovens recém-ingressos; porém, pode ser igualmente um período crítico e difícil. A passagem para o início da faculdade é repleta de transformações, adaptações de rotinas, muitas vezes acompanhada de mudança de casa, gerando altos níveis de estresse e ansiedade. Além disso, inicia-se o desafio acadêmico, uma maior cobrança por parte dos docentes, demanda por produção científica e participação em eventos de todo tipo (LIMA, 2020). Esses eventos citados podem desencadear uma busca por auxílio, conforto, por meio da religiosidade do indivíduo.

A religião revela-se como um tema discutido e relevante na existência das pessoas, nas diversas situações da sua vida. Também a religiosidade passa a representar uma importante fonte de suporte emocional, que repercute de forma significativa na saúde física e mental. A religiosidade é salutar, o ato de orar/rezar proporciona uma série de benefícios à saúde, independente da faixa etária e da religião professada. É uma forma pessoal de conversar com Deus, de acreditar em algo que fortalece e ampara (ZENEVICZ; MORIGUCHI; MADUREIRA, 2013).

Levando em consideração o exposto por Moreira, Lotufo e Koenig (2006), de que a vivência e a prática da religiosidade fortalecem os indivíduos na ocorrência das adversidades, bem como na manutenção e na melhora das condições de vida, assim como provoca emoções positivas e aumenta a autoestima, pode-se, por analogia, subentender que pode refletir no desempenho acadêmico do estudante.

O desempenho acadêmico de estudantes do ensino superior tem sido apontado como um fator essencial para a formação e o desenvolvimento de um mercado de trabalho qualificado e

competitivo (MALLMANN; NASU; DOMINGUES, 2021). O desempenho acadêmico desempenha uma função central no processo de formação, pois é uma das principais maneiras de avaliar a aprendizagem do discente, se constituindo em parte do desafio das instituições de ensino, que é a representação numérica do quanto do conhecimento explorado foi assimilado pelo acadêmico, o que se expressa na literatura de um modo geral e prático por meio das notas obtidas no decorrer do processo avaliativo (MEURER *et al.*, 2018).

A nota é uma medição quantitativa, assim como é o caso do coeficiente de rendimento, que é calculado a partir do conjunto de notas e frequência de disciplinas cursadas, e esta é a forma que mais tem sido utilizada para mensurar o desempenho discente em estudos progressos. (OLIVEIRA, 2006; COSTA; MACHADO; NOETO, 2020). A nota de ingresso no Ensino Superior também tem sido utilizada como forma de mensuração do desempenho acadêmico (SANTOS *et al.*, 2020).

Uma outra forma de mensurar o desempenho acadêmico é a autopercepção, que possibilita ao aluno realizar uma análise sobre sua trajetória acadêmica, podendo tomar consciência sobre as suas aptidões com relação às matérias, dando mais atenção aquelas que tem maior dificuldade (SOUZA, 2013; ALVES *et al.*, 2017). Esta modalidade pode ser entendida como uma forma de amenizar a mensuração do desempenho por nota ou coeficiente e foi utilizada por Silva *et al.* (2020) para mensurar o desempenho de estudantes de graduação em contabilidade. A identificação de outros fatores para avaliação de desempenho discente é crucial para que se tenha uma apropriada compreensão do processo de ensino-aprendizagem (NOGUEIRA, 2012; FERREIRA, 2015).

Miranda *et al.* (2014), Ribeiro *et al.* (2014) e Moleta, Ribeiro e Clemente (2017) se ativeram a identificar os fatores que influenciam o desempenho dos acadêmicos. Este está associado à inúmeras variáveis, como por exemplo: como função cumulativa entre o passado e o presente do discente, à capacidade de ensinar do corpo docente, à infraestrutura e à organização da instituição de ensino (MIRANDA *et al.*, 2015); à origem familiar e às condições financeiras e físicas (OLIVEIRA; CAGGY, 2013). Nesse sentido, diversos fatores que influenciam o ensino e a aprendizagem se relacionam com o desempenho acadêmico dos estudantes (BORGES; MIRANDA; FREITAS, 2017).

Conforme o exposto o desempenho acadêmico pode ser afetado por diversos motivos, inclusive pela situação de pandemia. Em tempos de pandemia, em dezembro de 2019 a Organização Mundial da Saúde (OMS) recebeu um alerta sobre a disseminação de um vírus, conhecido mundialmente como o novo coronavírus (SARS-COV-2 e/ou COVID-19). O contágio da doença iniciou-se na China e em poucas semanas o vírus foi disseminado para o

mundo. Devido à alta capacidade de transmissão do vírus, no período de março de 2020 houve o reconhecimento da doença como pandemia pela OMS (OPAS, 2020).

A fim de minimizar e evitar a disseminação do vírus na população, o Brasil determinou, por meio da Lei nº 13.979 de 2020 e da Portaria nº 1.565 de 2020, algumas medidas de proteção como por exemplo: o uso obrigatório de máscara, a higienização das mãos e dos ambientes, o distanciamento social, *lockdown* etc. (BRASIL, 2020). Ao destacar o distanciamento social, pode-se afirmar que ele ocasionou uma alteração no cotidiano da sociedade, sendo que uma alternativa para essa adaptação foi a adoção do trabalho remoto e/ou *home office* (BRIDI; BOHLER; ZANONI, 2020).

A inserção do *home office* durante a pandemia do covid-19 deu início a uma série de alterações em relação ao perfil do trabalhador, como a competência, habilidade e aptidão para assumir múltiplas tarefas, a disponibilidade de espaço, bem como o acúmulo de demandas e as condições de trabalho, além da conciliação das atividades profissionais e pessoais (ARARIPE *et al.*, 2020). Bridi, Bohler e Zanoni (2020) sinaliza como aspectos negativos o isolamento social e a falta de convivência com os colegas de trabalho. Para os estudantes estes aspectos negativos não são muito diferentes, pois as pessoas, em geral, tiveram dificuldades em conciliar as atividades profissionais, acadêmicas, pessoais e familiares neste novo contexto.

Os reflexos da pandemia para os estudantes envolveram entre outros fatores: o estresse como o medo de ser infectado pelo vírus, o isolamento/tempo de quarentena, o andamento dos semestres letivos, frustrações, solidão, negação, propagação de mitos e *fake news* sobre a doença (MAIA; DIAS, 2020; SCHMIDT *et al.*, 2020; SCALIA *et al.*, 2020; ZHAI; DU, 2020). Aliás, o cronograma de pesquisas, planos e projetos foram adiados, tais como: formaturas, pós-graduações e a entrada no mercado de trabalho em função da pandemia.

Até mesmo as Instituições de Ensino Superior (IES) viram-se obrigadas a fornecer aos seus professores e alunos um suporte que ainda não existia, e necessitaram disponibilizar plataformas de ensino para que as aulas não fossem canceladas, ampliando o prazo de formação dos alunos. Estudos realizados no campo educacional se voltam para proporcionar uma melhor compreensão dos impactos da Covid-19 neste setor (MORALES; LOPEZ, 2020); compreender a rotina, a mobilidade, o distanciamento, a continuidade dos estudos, as atividades remotas e as dificuldades enfrentadas (BARBOSA; VIEGAS; BATISTA, 2020).

Leite *et al.* (2020) pontuam que o Conselho Nacional de Educação (CNE) autorizou as universidades a retomarem as aulas por meio do ensino remoto, porém nota-se que os estudantes, em especial das universidades públicas, dependiam de fomento governamental para assistir as aulas. Devido à mudança repentina ocasionada pela pandemia os alunos foram

impactados psicossocialmente de diversas formas como acesso às aulas e ao material de estudo, assim como ansiedade e angústia (LEITE *et al.*, 2020).

Para Teixeira e Nascimento (2021) os impactos da pandemia mostram a fragilidade do sistema educacional nacional e a precariedade social existente na sociedade brasileira, pois os alunos não tinham acesso à tecnologia necessária para acessar a sala de aula, os professores tiveram que aprender rapidamente a utilizar tecnologias educacionais, dar aulas sem a cobrança de presença e compreender que muitos dos alunos estavam em situações de vulnerabilidade social, esforçando-se para concluir um curso.

Nesse contexto de pandemia e a tentativa de manutenção da saúde, física e emocional, bem como financeira das pessoas, o desempenho dos acadêmicos pode ter sido afetado e a religiosidade pode ter oferecido algum auxílio neste momento. Assim, este estudo delimita-se a estes três temas, a religiosidade e o desempenho acadêmico discente, em tempos de pandemia.

1.2 LACUNA E PROBLEMA DE PESQUISA

A partir dos estudos anteriores como o de Strelhow e Sarriera (2018), Mallmann, Nasu e Domingues (2021) e Bridi, Bohler e Zanoni (2020) surgem algumas lacunas de pesquisa. Por exemplo, sobre o tema religiosidade é oportuno destacar que não foram identificados estudos com análises direcionadas a amostras da região Sul do Brasil. Também, as pesquisas que têm relação com esse tema foram realizadas pela área de saúde.

Sobre o tema desempenho acadêmico são escassos os estudos que utilizam a autopercepção como forma de mensuração do desempenho discente. Depreende-se que se constitui uma lacuna de pesquisa utilizar o viés da autocompreensão do estudante e não apenas a mensuração por nota ou coeficiente. Destaca-se que a autopercepção dos estudantes pode ser impactada por diversos fatores, tais como o tipo de convívio em família, a cultura, crenças e valores individuais e familiares, situações emocionais e financeiras de manutenção e permanência na universidade, dentre outros. Estes fatores não estão previstos neste estudo, fato que representa uma limitação do estudo.

Em relação ao tema pandemia, entende-se que as lacunas de pesquisas são diversas, pois é um fato inovativo no contexto mundial. Desse modo, compreender, mesmo que por apenas uma ótica, o desempenho discente em tempos de pandemia se constitui uma lacuna de pesquisa latente.

Por outro lado, assim como a vida dos trabalhadores alterou a sua rotina devido à pandemia, a vida dos acadêmicos também foi impactada, especialmente em razão do isolamento social. Esse impacto pode abranger o desempenho acadêmicos dos discentes, que podem ter

buscado auxílio na religiosidade, pois segundo Miranda *et al.* (2015) a religiosidade e autoajuda podem contribuir na solução de problemas.

Nesse ínterim, são poucos os estudos que verificaram o impacto da religião na vida dos estudantes, sendo que um dos estudos localizados foi o de Rost (2021), que mostra que a religiosidade dos estudantes durante a pandemia não esmoreceu; mesmo afastados fisicamente os estudantes continuaram buscando alternativas para manter o seu contato religioso, através de tecnologias digitais os estudantes se aproximavam de sua comunidade religiosa e, em alguns casos, até mesmo jovens que nunca haviam tido contato com a religião começaram a participar nos encontros *online*.

A partir do exposto, este estudo propõe a seguinte questão de pesquisa: Qual a relação entre o nível de religiosidade e o nível de desempenho acadêmico discente, durante o primeiro ano da pandemia?

1.3 OBJETIVOS

Estão descritos a seguir os objetivos da pesquisa, que se dividem em objetivo geral e específicos.

1.3.1 Objetivo geral

Diante do problema de pesquisa proposto surge o seguinte objetivo geral: Analisar a relação entre o nível de religiosidade e o nível de desempenho, de estudantes de graduação de uma Universidade Federal do Sul do Brasil, durante o primeiro ano da pandemia.

1.3.2 Objetivos específicos

Para que o objetivo geral seja alcançado foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

- Identificar o perfil sociodemográfico dos estudantes;
- Mensurar o nível de religiosidade dos estudantes;
- Determinar, por meio de autopercepção, o nível de desempenho acadêmico dos estudantes;

- Analisar se, as características do perfil sociodemográfico dos estudantes influenciam o nível de religiosidade e o nível de desempenho acadêmico, durante o primeiro ano da pandemia;
- Propor, a partir dos achados deste estudo, ações junto à gestão da Universidade, a fim de contribuir para a melhoria do desempenho dos estudantes.

A partir da consecução destes objetivos específicos é factível a execução do objetivo geral e da solução do problema de pesquisa proposto.

1.4 JUSTIFICATIVA

A justificativa de realização deste estudo perpassa alguns argumentos descritos a seguir. A religião tem destaque na cultura brasileira e há escassez de trabalhos que tenham como eixo a dimensão religiosa, especialmente em relação aos jovens (ANDRADE, 2009), uma vez que são um grupo vulnerável (LIMA, 2020). A religiosidade nos acadêmicos aumenta o otimismo em momentos de conflitos e isso leva à melhora do apoio social, diminui o estresse e, por consequência, os níveis de ansiedade (MOTA, 2020).

É relevante compreender o desempenho do estudante antes que este adentre o mercado de trabalho (COSTA; MACHADO; NOETO, 2014). Entender a interação do desempenho acadêmico com seus antecedentes e consequentes, no contexto educacional e da pesquisa científica é relevante por se tratar de um fenômeno multideterminado (SOUSA, 2013).

Levando em consideração a heterogeneidade na classe estudantil, cada vez mais é bem-vinda a verificação dos fatores incidentes sobre o desempenho acadêmico que distinguem alunos com desempenhos elevados dos demais (MONTEIRO; ALMEIDA; VASCONCELOS, 2012). A pandemia trouxe instabilidade econômica, social e psicológica aos alunos, depreendendo-se que pode ter impactado no desempenho discente, dado que para Miranda *et al.* (2014) este é complexo e abrange inúmeras variáveis.

Ferreira, Almeida e Soares (2001) destacam que o sucesso acadêmico está relacionado às experiências que os alunos vivenciam no curso e ultrapassa uma noção limitante de rendimento escolar representado apenas pela nota de uma disciplina ou a média alcançada no fim do ano. Nesse contexto, torna-se relevante investigar o tema sob a ótica da auto percepção da classe estudantil.

1.5 CONTRIBUIÇÃO

As contribuições geradas por este estudo colaboram com diversas esferas, comentadas a seguir.

Para a instituição escolar a reflexão sobre e/ou possível aumento da religiosidade na comunidade acadêmica pode contribuir positivamente nos relacionamentos, pois pode gerar pessoas mais empáticas, mais bondosas, mais disciplinadas e mais respeitadas, favorecendo a jornada estudantil na instituição (VALENTE, 2017).

Para os gestores das Instituições de Ensino Superior (IES) os resultados poderão servir de auxílio para o desenvolvimento de ações, no âmbito dos cursos de graduação e pós-graduação, voltados para o aumento do desempenho acadêmico dos discentes, proporcionando, em uma perspectiva interna, a melhoria no índice de retenção dos alunos na IES, e, externamente, o aumento dos indicadores em provas de avaliação de desempenho, seja no Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE) ou no Exame de suficiência dos diversos cursos. Tanto na formação de professores, quanto na dos profissionais que a instituição vai formar, a instrumentalização para lidar com a Religiosidade do seu público é uma demanda atual.

Em relação ao docente, a contribuição do estudo está na reflexão de que este pode disponibilizar materiais e encontros para tratar do tema, com as demandas presentes à identidade, o autoconhecimento, os valores e diversidade, cujos campos sociais, culturais e religiosos são amplamente demandados e visualizados como formas específicas para aplicação no campo universitário, que nesse espaço pode ser de escuta, fala e pode contribuir para que as pessoas sejam mais compassivas, generosas, pacientes, atentas a si, aos outros, à natureza e ao ambiente, independente das diferentes religiosidades.

Dessa forma, depreende-se que é relevante que o docente esteja sensível à sua dimensão espiritual e busque conhecer teorias e metodologias de suporte para a prática docente, com foco no desenvolvimento dos discentes e de seu próprio desempenho. Para os discentes os resultados contribuem para o reconhecimento e reflexão sobre sua atual situação em relação ao seu desempenho no curso em que está matriculado. Também, sensibilizar os estudantes para a própria Religiosidade como forma de autocuidado, no desenvolvimento do ser e do autoconhecimento pode aumentar o otimismo em momentos de tensão e isso pode acarretar melhora do apoio social.

Com essa sensibilização para as dimensões de Religiosidade, de acordo com as inclinações pessoais e às vezes coletivas, pode-se prover um rumo norteador, com um equilíbrio e centralidade em meio do caos vivenciado, que é a pandemia e nos desafios diários também

encontrados, promovendo bem-estar e desenvolvimento positivo. Por isso, permite o vislumbre de como se pode acrescentar informações acerca da religiosidade como forma de compreender o desempenho discente em diferentes contextos.

Em tempos de pandemia, todos ficaram vulneráveis, pois a ansiedade, o medo, a angústia, a vida-morte, a saúde-doença, são ambivalências que os/as estudantes precisam saber enfrentar, para não sofrerem com os efeitos da não solução desses aspectos, o que faz surgir os casos de síndromes, medos, crises, tristeza e decepção (KOENIG; PARKERSON JÚNIOR; MEADOR, 1997; MOREIRA-ALMEIDA *et al.*, 2008; MARZARI; BARBOSA, 2020; QUEIROZ, 2022).

É importante ressaltar que a empatia, conhecer e controlar suas próprias emoções, saber se relacionar interpessoalmente e automotivação como ação propositiva, relacionada à religiosidade do indivíduo social, consegue assegurar atitudes de confiabilidade e segurança, indispensáveis para a manutenção de um *status* saudável junto aos professores/as e alunos/as no cotidiano do contexto educacional (FLEXOR; RODRIGUES; SILVA, 2020).

Uma contribuição empírica do estudo volta-se para o Centro Ecumênico da Universidade, pelo intermédio da Pró-reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC) da Universidade, que receberá um relatório técnico contendo as principais descobertas desta pesquisa, com sugestões de ações que contribuam com a religiosidade dos estudantes, também na mitigação da evasão e permanência dos estudantes, pois conforme Flexor, Rodrigues e Silva (2020) a religiosidade contribui nestes aspectos.

Como contribuição teórica este estudo pode fomentar a geração de hipóteses de um papel protetivo da religiosidade com base na pesquisa empírica. Também, contribuiu com os pesquisadores ao fomentar as temáticas propostas. Além disso, fornece à literatura uma compreensão de diferentes dimensões da formação discente e sua contribuição para o seu desempenho. Por fim, este estudo contribui na identificação das diferentes dimensões religiosas dos discentes, proporcionando para a IES informações que poderão fomentar estratégias que busquem incentivar e melhorar as relações, bem como a retidão e o zelo no cumprimento de obrigações em sala de aula.

1.6 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

A dissertação está estruturada em cinco capítulos. Além desta introdução, no próximo capítulo é apresentada a fundamentação teórica, no terceiro capítulo é descrito o delineamento metodológico do estudo. No quarto capítulo estão os resultados da pesquisa e no quinto capítulo

encontra-se a conclusão da pesquisa. Após estão elencadas as referências que suportam todo o aporte teórico desenvolvido.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 RELIGIOSIDADE

Religião é um sistema comum de crenças e práticas relativas a seres humanos dentro de universos e culturas específicas, devendo-se levar em consideração a variedade de fenômenos que se costumam chamar de religiosos (SILVA, 2004). Os sistemas de crenças podem influenciar de forma direta ou indireta o processo de tomada de decisão, pois afetam a percepção e a compreensão de situações e de atitudes (SALGUEIRO, 2007).

A religião mais popular no Brasil é a Católica, que é a prática religiosa dos ensinamentos da Igreja Romana e Ortodoxa, que se baseia em Jesus Cristo e seus preceitos (EDUCA+ BRASIL, 2022). O espiritismo é uma religião que não apresenta diversos elementos presentes nas outras religiões, tais como culto externo, sacerdócio organizado e nem intermediário entre a criatura e o Criador, sua ideologia é propagar o amor e a caridade (UNICAP, 2022).

A religião Evangélica compreende os praticantes de diversos grupos, inclusive os que fazem parte de igrejas pentecostais/neopentecostais (PARADELA, 2014). Nesse sentido, o evangelicalismo representa um conglomerado de igrejas que se apoiam no movimento de renovação cristã, que se baseiam no “renascimento” enquanto conversão para a religião, seguir os ensinamentos bíblicos com ênfase na morte e ressurreição de Jesus Cristo (INFOESCOLA, 2022). Outro desdobramento inclui os Evangélicos em missão se vinculam a um movimento religioso cristão de ruptura com os dogmas (EDUCA+ BRASIL, 2022).

Pesquisas realizadas no cenário brasileiro apontam na mesma direção, visto que as características centrais da experiência religiosa de jovens universitários estão menores em comparação com seus pais, pois houve sensível redução na adesão religiosa, e menor aceitação da autoridade das igrejas. (RIBEIRO, 2019).

De acordo com os dados disponíveis até 2021, com base no Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), a distribuição da população brasileira quanto à religião é de prevalência de Católicos 64,6%, Protestantes (evangélicos pentecostais/neopentecostais, evangélicos em missão) 22,2%, Espíritas de 3% a 4%, Umbandistas e Candomblecistas obtiveram um índice de 1% a 2%, o restante foi distribuído entre Judaísmo, Islamismo, outras religiões e entre aqueles que não possuem nenhuma religião.

Para o IBGE (2010) a religião evangélica em missão compreende as seguintes organizações religiosas: luterana, presbiteriana, metodista, batista, congregacional, adventista

e outras evangélicas de missão; já as evangélicas pentecostais compreendem: Assembleia de Deus, Congregação Cristã, O Brasil para Cristo, Evangelho Quadrangular, Universal do Reino de Deus, Casa de Bênção, Deus é Amor, Maranata, Nova Vida, Comunidade Evangélica, evangélica renovada não determinada e outras evangélicas de origem pentecostal; e por fim são consideradas evangélica não determinada outros grupos evangélicos.

Pesquisa do Instituto de pesquisas do Grupo Folha - Datafolha, realizada em setembro de 2020, ou seja, uma década desde o último Censo Demográfico disponibilizado à população brasileira, aponta que os índices se deslocaram, pois indicou que o percentual de Católicos reduziu de 64,6 para 50% e o percentual de protestantes aumentou de 22,2% para 31%, sendo que as demais religiões e os sem religião absorveram o restante da redução de Católicos. Também foi destacado que as mulheres são a maioria entre os Católicos e entre os Protestantes, representando 51% e 58% destes, respectivamente. Outra informação oportuna descreve que pessoas entre 45 e 59 anos são mais religiosas que as demais faixas etárias. (G1, 2020).

No Brasil a maioria das pessoas formam a base de suas crenças e valores espirituais por meio de escolhas religiosas, podendo haver, por vezes, nesta base, uma composição de diferentes religiões e de práticas de autoconhecimento (DEZORZI; RAYMUNDO; GOLDIM, 2016). Ou seja, a dimensão espiritual de cada sujeito assume manifestações singulares, que podem incluir uma ou mais religiões, ou nenhuma em particular (ELY; CALIXTO, 2018).

A religião leva à religiosidade do indivíduo e é entendida como a manifestação do sagrado, que é a presença de uma potência sobrenatural, que demonstra poder, por meio de algum símbolo como uma força sobrenatural (CHAUÍ, 1995). Essa força, considerada superior, serve de alento às situações mais diferentes que possam acontecer no dia a dia. As representações são naturais, mas possuem um significado que as liga às revelações da divindade em que aparece a força da potência realizadora daquilo que o homem pensa não ser capaz de resolver (BERNARDI; CASTILHO, 2016).

Esse sagrado envolve os seres humanos, criando vínculos com as qualidades divinas, eterno, perfeito, envolvendo não só um ser humano, mas também para grupos que assumem manifestações comuns, que passam a fazer parte de uma sociedade e constroem valores, que são elementos determinantes de uma cultura (SILVA, 2004). Em todas as culturas existem manifestações possíveis de expressar o sobrenatural que faz parte de suas vidas (BERNARDI; CASTILHO, 2016).

A religiosidade é vista como um papel excepcional na organização dos ambientes físico e social, além do ambiente interno (cognição e personalidade) dos indivíduos, a qual deve ter um efeito sobre o desenvolvimento cognitivo em geral, e do acesso às formas mais robustas de

bem-estar psicológico e satisfação com a vida, como a satisfação com a religião (NASCIMENTO; ROAZZI, 2014).

A religiosidade faz parte da totalidade das disposições culturais do indivíduo, é um elemento simbólico interiorizado. Religiosidade pode até mesmo ser considerada, metaforicamente, uma vestimenta que se põe e se retira quando necessário. No entanto, é mais comum que faça parte das experiências mais profundas do indivíduo, de modo que ele nem sempre perceba que vive com pontos de vista religiosos (VALENTE, 2017). Conforme Paredes (2018) a religiosidade pode ser vista como uma aliada, que se manifesta com intensidade por aqueles que buscam algo ou sofrem por alguma coisa.

A religiosidade dos jovens em comparação com seus pais, tem uma sensível redução na adesão religiosa e uma menor aceitação da imagem de autoridade das igrejas. Uma porcentagem expressiva de universitários ainda acredita num ser transcendente e as religiões só são consideradas significativas se/quando contribuem para a experiência pessoal de fé. (RIBEIRO, 2019; MOREIRA-ALMEIDA *et al.*, 2008).

Os jovens, devido à vida universitária agitada preferem uma religiosidade que não afete suas atividades, suas obrigações e tentam adaptar-se devido à sua rotina de estudos, podem expressar a sua devoção de forma inconstante, sem hora marcada, instável, que não seja um compromisso e as vezes até esporádica à sua demonstração de fé ou rezas (OLIVEIRA, 2017). Dentre esses jovens as gerações nascidas entre 1985 e 1999 têm menos religião e/ou religiosidade do que suas gerações anteriores, isso devido a seus modos de vida e suas instruções e exemplos dos próprios pais (OLIVEIRA, 2017).

Kinnaman (2021) revela, em sua pesquisa sobre religiosidade com 1.296 jovens norte-americanos, dentre outras coisas que: 59% dos jovens de origem cristã deixaram ou estão deixando a igreja depois de terem sido frequentadores assíduos; a maioria diz que está menos ativa na igreja hoje em comparação com quando tinham 15 anos; quase dois quintos dizem que atravessaram um período que duvidaram seriamente de sua fé; um terço descreve um período em que sentiram rejeição pela fé dos pais.

2.1.1 Instrumentos de Mensuração da Religiosidade

Sobre os instrumentos de mensuração tem-se o Índice de Religiosidade da Universidade de Duke – DUREL (KOENIG; BUSSING, 2010), presente em mais de centenas de publicações ao redor do mundo e disponível em vários idiomas. (KING; KOENIG, 2009).

Original da América do Norte, o instrumento analisa a religiosidade, em três dimensões: religiosidade organizacional (RO), religiosidade não organizacional (RNO) e religiosidade intrínseca (IR). A RO refere-se a como participar de encontros religiosos físicos, como cultos, missas, grupos de oração; RNO refere-se à atividade religiosa privada, pessoal e que pode ser feita individualmente como orar/rezar, estudar as escrituras, assistir programas de TV religiosos; e a IR relaciona-se ao grau de compromisso ou motivação religiosa pessoal (KOENIG; BÜSSING, 2010).

A versão em português da P-Durel, que foi elaborada por Koenig, Meador e Parkerson (1997), foi adaptada ao contexto brasileiro por Moreira-Almeida *et al.* (2008) e validada em alguns estudos, comprovando elevada consistência interna (LUCCHETTI *et al.*, 2011). Na literatura foram mapeados alguns instrumentos de mensuração, que estão listados no Quadro 1, por meio de estudos aplicados.

Quadro 1 – Instrumentos de mensuração da espiritualidade/religiosidade para a cultura brasileira.

Autor/ano	Nome do Instrumento	Características
Panzini (2004)	Escala de <i>Coping</i> Religioso/Espiritual (CRE)	Leva em conta aspectos positivos e negativos da religiosidade, mensura as estratégias de cunho religioso-espiritual usadas pelas pessoas para lidar com situações difíceis, sendo algumas positivas ou adaptativas, e outras negativas ou mal adaptativas. Também foi utilizada na pesquisa por Silva <i>et al.</i> (2016).
Aquino (2005)	Escala de Atitudes Religiosas (EAR-20)	Divide-se em três dimensões (comportamental, afetiva e cognitiva), associadas à espiritualidade e religiosidade. Busca investigar a relação entre o sentido de vida e a atitude religiosa. Também foi usada por Aquino <i>et al.</i> (2009).
Ferreira (2005)	Escala de Orientações Religiosas	Mensurar o tipo de orientação religiosa (intrínseca ou extrínseca). Também foi utilizada na pesquisa de Rodríguez-Rad e Ramos-Hidalgo (2017).
Gonçalves <i>et al.</i> (2009)	<i>Self-rating Scale for Spirituality (SSRS)</i>	Aborda: a importância de passar o tempo com pensamentos espirituais e meditações; o esforço para viver de acordo com as crenças religiosas; a relevância dos pensamentos espirituais; o interesse na literatura religiosa; o impacto da espiritualidade ao manter o equilíbrio e estabilidade na vida; e a consideração que se dá à espiritualidade como base para a vida. Também foi utilizada por Moreira <i>et al.</i> (2016).
Marques <i>et al.</i> (2009)	Escala de Avaliação do Bem-estar Espiritual (SWBS)	Complementa os indicadores de qualidade de vida e avalia o bem-estar espiritual geral, não é fundamentada em assuntos teológicos específicos ou padrões de bem-estar específicos, que podem variar conforme a crença ou religião. Também foi utilizada por Miranda <i>et al.</i> (2015).
Panzini <i>et al.</i> (2011)	WHOQOL- SRPB- Questionário sobre qualidade de vida da Organização Mundial da Saúde	Divide-se em seis domínios: físico, psicológico, nível de independência, relações sociais, meio ambiente e espiritualidade/religiosidade/crenças pessoais, com o objetivo de medir a qualidade de vida. Também foi usado por Magalhães <i>et al.</i> (2015).

Kimura <i>et al.</i> (2012)	<i>Daily Spiritual Experience Scale (DSES)</i>	busca acessar a dimensão espiritual por meio das experiências que se manifestam no cotidiano diário, como gratidão, compaixão, paz interior, conexão com o transcendente, sem envolvimento com crenças ou comportamentos de uma religião específica. Também foi utilizada por Sánchez <i>et al.</i> (2014).
Taunay <i>et al.</i> (2012)	Índice de Religiosidade Duke (DUREL)	Mensura as três dimensões da religiosidade: Religiosidade Organizacional; Não Organizacional e Religiosidade Intrínseca.
Taunay <i>et al.</i> (2012)	Inventário de Religiosidade Intrínseca	Possui o objetivo de mensurar a religiosidade intrínseca de modo específico. Foi validado e foram encontradas propriedades psicométricas adequadas.
Sánchez <i>et al.</i> (2014)	<i>Functional Assessment of Chronic Illness Therapy-Spiritual Well-Being FACIT-SP</i>	Avalia o bem-estar espiritual, centrando-se nos aspectos existenciais da espiritualidade e fé, é de amplo uso na literatura científica mundial. Também foi utilizado por Lucchetti <i>et al.</i> (2015).
Curcio <i>et al.</i> (2015)	<i>Brief Multidimensional Measure of Religiousness and Spirituality (BMMRS)</i>	É um instrumento multidimensional para medida da espiritualidade e religiosidade para a área da saúde. Possui 11 dimensões (experiências espirituais diárias, valores/crenças, perdão, práticas religiosas particulares, superação religiosa, apoio religioso, histórico religioso espiritual, comprometimento, religiosidade organizacional, preferências religiosas e autoavaliação global de religiosidade/espiritualidade).
Gonçalves <i>et al.</i> (2016)	<i>Treatment Spirituality/Religiosity Scale (TSRS-Br)</i>	Mensura a ênfase dada à espiritualidade e religiosidade em tratamentos de usuários de substâncias psicoativas.
Santos e Diniz (2016); Benson, Donahue e Erickson (1993)	<i>Faith Maturity Scale (Escala de Maturação da Fé – EMF)</i>	Esta escala enfatiza os valores e manifestações comportamentais da fé indo além dos conteúdos das crenças, e é composta por 12 itens selecionados para refletir o compromisso de uma pessoa com sua religião.

Fonte: Ampliado a partir de Forti, Serbena e Scaduto (2020).

O Quadro 1 apresenta os instrumentos de mensuração da espiritualidade/religiosidade para a cultura brasileira, de acordo com a pesquisa de Forti, Serbena e Scaduto (2020); porém, o estudo de Santos e Diniz (2016) apresentou a Escala da Maturação da Fé, que permite a mensuração da religiosidade, sendo, desta forma, incluído no Quadro 1. O Questionário de Duke é o único que não considera a espiritualidade. Os demais apresentam temas relacionados à espiritualidade e religiosidade com outros aspectos como a qualidade de vida, influência da espiritualidade/religião no enfrentamento de doenças, saúde mental, esperança, depressão, sentido de vida, autoestima, crenças pessoais e morte.

Poderia ainda ser acrescentado como uma medida para uso no Brasil, o Índice de Compromisso Religioso de Santos *et al.* (2012) que é composto por duas escalas: Escala de Crenças Religiosas (ANDRADE *et al.*, 2001) e Escala de Práticas Religiosas (MEIRA *et al.*, 2001) que envolvem crenças e práticas de grupos mais predominantes no Brasil (católicos, espíritas e protestantes) e são desenvolvidas para utilização na população geral (de crianças a idosos).

2.1.2 Estudos Anteriores

Para localizar estudos anteriores sobre a temática foi realizada uma busca sistemática, no portal de periódicos CAPES, com as palavras-chave “religiosidade” *and* “estudantes de nível superior”, em fevereiro de 2022, que após aplicação de filtros: materiais dos últimos cinco anos e avaliados por pares, com acesso CAF-e, resultou em quatro estudos, que passam a ser apresentados sucintamente no Quadro 2.

Quadro 2- Estudos anteriores sobre religiosidade e estudantes de nível superior.

Autor/Ano	Objetivo	Resultado
Machado <i>et al.</i> (2018)	Avaliar associações entre bem-estar subjetivo (BES), religiosidade, ansiedade e outros fatores em uma amostra de estudantes brasileiros de medicina, de uma universidade pública do nordeste do Brasil.	Os achados demonstram associação negativa entre BES e ansiedade; no entanto, contrariamente à literatura, eles também evidenciaram uma associação negativa entre BES e Religiosidade Intrínseca.
Fleury <i>et al.</i> (2018).	Verificar a influência da religiosidade na satisfação com a vida e na adoção de estratégias para lidar com os problemas.	Os resultados indicam que a religiosidade influencia positivamente e de forma significativa a satisfação com a vida, bem como a adoção de estratégias para enfrentamento de problemas.
Berkenbrock; Costa (2018)	Apresentar um aspecto das trajetórias religiosas de universitários evangélicos no Brasil, a resignificação da crença e da prática religiosa.	Sobre as trajetórias religiosas foi evidenciado que o sentido religioso adquirido anteriormente à entrada na universidade se modifica de diferentes formas. O processo de ressignificar as crenças e práticas pode levar a movimentos como o trânsito religioso, percurso entre diferentes opções religiosas, as adesões provisórias, a produção de sínteses pessoais para a crença, assim com as negociações próprias em relação às práticas requeridas dos adeptos.
Flexor, Rodrigues, Silva (2020)	Analisar a importância da religião nas preferências políticas, sociais e econômicas entre os jovens universitários da periferia do Rio de Janeiro.	Influência significativa das igrejas evangélicas em diversos assuntos de cunho moral. A pesquisa identifica uma ampla e difusa demanda por políticas sociais e melhor provisão de bens públicos como saúde e educação.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir da literatura citada.

Machado *et al.* (2018) seguiu uma abordagem transversal, observacional, analítica. Os dados foram coletados por meio da aplicação de um questionário autoaplicável incluindo questões focadas em dados sociodemográficos.

Fleury *et al.* (2018) e Machado *et al.* (2018), usaram a escala de Duke (Durel) como instrumento de mensuração, que se refere à frequência que a pessoa vai ao templo religioso e que dedica às atividades religiosas individuais e sobre as suas experiências religiosas.

Conforme os achados de Fleury *et al.* (2018) a religiosidade é uma importante aliada no desenvolvimento, pode influenciar na satisfação com a vida e exerce influência na adoção da estratégia a ser utilizada para o enfrentamento de um problema.

Berkenbrock e Costa (2018) usaram um meio distinto das demais, voltaram-se para a pesquisa qualitativa e evidenciaram que, dentre os universitários entrevistados foi identificada movimentos de troca de religiões, que é o trânsito religioso, e que podem ocorrer durante a trajetória religiosa do indivíduo e são movimentos comuns à condição moderna, pois há muita descoberta na vida acadêmica.

Flexor, Rodrigues, Silva (2020) aplicaram uma *survey* com universitários regularmente matriculados e buscaram dados nominais, tais como denominações religiosas, cor, idade, gênero ou classe de renda familiar. O perfil dos estudantes da periferia reflete o perfil religioso, sendo a força das igrejas evangélicas de um lado e do outro os sem religiões entre os jovens periféricos.

Em síntese, percebe-se que a religiosidade pode ter muitas facetas, que é pesquisada tanto pelo viés quantitativo quanto qualitativo e que o período universitário evidencia um divisor na vida dos acadêmicos, podendo demonstrar ações distintas no antes e depois da graduação. O indivíduo reflete suas vontades, seus desejos e suas opções de escolhas durante essa trajetória, ou ele pode seguir na sua religião que teve origem da sua educação familiar ou pode começar a viver/conhecer/praticar uma nova religião. Existem também os não adeptos ou sem religiões, mas nessa fase da vida acadêmica, eles já vivenciaram algumas religiões e preferem não ter compromisso com isso no período da graduação.

2.2 DESEMPENHO DISCENTE

O desempenho acadêmico discente tem relação com diversos fatores, sejam eles internos ou externos, como por exemplo, questões familiares, sociedade e experiências escolares (RIVIKIN; HANUSHEK; KAIN, 2005). Santos (2012) e Souza (2013) destacam que o desempenho dos estudantes é afetado pela interação entre características próprias dos discentes, como aspectos pessoais, socioeconômicos e recursos dos cursos e instituições de ensino.

Costa, Silva e Abbas (2017) apontam que a aprendizagem está ligada a um interesse e a necessidade de alcançar determinada meta, surgindo assim a motivação. Conforme Lima, Kroenke e Hein (2010) a motivação é parte fundamental do processo de aprendizagem, logo entende-se que alunos motivados aprendem com mais facilidade e alcançam melhor

desempenho acadêmico. Para Souza (2013) muitas vezes o desempenho do discente é afetado por diferentes fatores, porém quando os professores intervêm com base em valores humanos o resultado tende a ser positivo, seja ele social ou diretamente relacionado ao desempenho do aluno.

Conforme Miranda *et al.* (2015) o desempenho acadêmico decorre de uma variedade de fatores, como a formação do corpo docente, a estrutura da IES, como bibliotecas e salas de aula e atributos dos próprios estudantes, como a forma que utilizam seu tempo e outras variáveis demográficas. De acordo com Camargos *et al.* (2013), o desempenho discente é composto por elementos referentes às dimensões: corpo docente, corpo discente e IES.

O corpo docente é medido de acordo com a qualificação acadêmica e/ou profissional dos docentes. A dimensão relacionada aos discentes envolvem características internas e/ou externas do estudante. Por fim, na dimensão da IES são avaliadas as características da instituição (MIRANDA *et al.*, 2015).

Para Wang (2017) o desempenho acadêmico é a maneira como o discente responde a objetivos previamente definidos, sejam eles de curto ou longo prazo, em busca de sua realização acadêmica. Entretanto, Sales e Castro (2021) enfatizam que não existe consenso sobre uma possível definição do que é desempenho acadêmico, embora descrevam que seja o resultado da maneira como os alunos despendem tempo e energia para aprimorar seus conhecimentos.

Outra forma de mensuração do desempenho é a autoavaliação que, para Cheng e Chan (2003), é definida como a percepção e avaliação que os universitários constroem a partir das interações com as aulas, atividades e provas desenvolvidas, pois tal avaliação permite ao jovem compreender a visão do próprio estudante sobre seu desempenho.

Por meio das avaliações, de um modo geral, é que ocorre a mensuração do desempenho acadêmico, mas para isto, torna-se necessário estabelecer uma base para análise. Estas bases podem ser mais simples ou complexas, podendo ser nota de uma avaliação, nota de uma disciplina, nota média do período ou média geral acumulada (MIRANDA *et al.*, 2015) dentre outras possibilidades.

Algumas variáveis são mais incidentes em estudos que utilizaram medidas internas de mensuração do desempenho acadêmico, ou seja, as formas utilizadas pelas IES para medir o desempenho dos discentes, que são gênero, idade e horas de estudo (MIRANDA *et al.*, 2015; BORGES *et al.*, 2018). O Coeficiente de Rendimento Acadêmico (CRA) é a forma mais usual de avaliação do desempenho acadêmico, pela facilidade de acesso destes dados perante as IES (YORK; GIBSON; RANKIN, 2015, MIRANDA *et al.*, 2015; BORGES *et al.*, 2018) bem como

também é a maneira mais frequente de mensuração do desempenho acadêmico, conforme a literatura (MARTINS; MARINHO; 2019).

O Quadro 3 elenca um conjunto de variáveis e estudos que analisam as variáveis e a forma de avaliação do desempenho acadêmico.

Quadro 3 – Variáveis testadas para avaliar o desempenho acadêmico.

Autores	Variáveis	Forma de avaliação do desempenho acadêmico
Guney (2009)	Qualificação Pedagógica, Gênero, Idade, Absenteísmo, Desempenho Escolar Anterior, Atividade Remunerada, Horas de Estudo e Tamanho da Turma	Notas de avaliações dos alunos em módulos de Contabilidade
Cornachione Júnior <i>et al.</i> (2010)	Gênero, Idade, Participação em Projetos de Iniciação Científica, Pesquisa ou Extensão e Horário da Disciplina(Turno)	Autoavaliação dosalunos
Ferreira e Crisóstomo (2012)	Status Socioeconômico	Nota final das disciplinas
Camargos et al. (2013)	Gênero, Idade e Absenteísmo	
Souza, Cruz e Lyrio (2017)	Modalidade, Gênero, Idade, Status, Nota, Frequência.	
Burrus e Graham (2009)	Horas de Sono	Coeficiente de Rendimento dos alunos(CRA)
Soares e Barbedo (2013)	Gênero e Idade	
Lepp, Barkley e Karpinski (2014)	Gênero, Idade e Nível de Ansiedade	
Mamede <i>et al.</i> (2015)	Gênero, Idade e Estado Civil	
Moura, Miranda e Pereira (2015)	Estratégia ou Método de Ensino, Escolaridade dos Pais, Absenteísmo, Desempenho Escolar Anterior, Horas de Estudo, Comportamentais (Motivação e Nível de Ansiedade), Participação em Projetos de Iniciação Científica, Pesquisa ou Extensão, Frequência de Utilização da Biblioteca e Tamanho da Turma	Coeficiente de Rendimento dos alunos(CRA)
Andrietti e Velasco (2015)	Gênero, Idade, Horas de Estudo e Horário da Disciplina(Turno)	
Rangel e Miranda (2016)	Gênero, Atividade Remunerada, Horas de Estudo eMotivação	
Mehmood, Sadaf e Kousar (2017)	Gênero, Status Socioeconômico e Escolaridade dos Pais	
Zaidi <i>et al.</i> (2017)	Estratégia ou Método de Ensino, Idade, StatusSocioeconômico, Horas de Estudo e Motivação	
Haile, Alemu e Hablewold (2017)	Gênero e Horas de Sono	
Smirnov e Thurner (2017)	Gênero e Idade	
Souza <i>et al.</i> (2017)	Bom Ensino, Meta e Objetivos Claros, Carga Horária Adequada, Avaliação Adequada e Competências Genéricas.	Desempenho do aluno de contabilidade no Exame Nacional do Desempenho dos Estudantes (ENADE)

Fonte: Elaborado a partir da literatura citada.

Observa-se que os estudos supracitados evidenciaram um conjunto amplo de variáveis capazes de influenciar e/ou se relacionar com desempenho e as variáveis mais incidentes nestes estudos foram gênero e idade. Dentre as formas apontadas na literatura percebe-se que a maioria se baseia no desempenho, seja em notas de disciplinas, exames ou no coeficiente de rendimento que é o conjunto de notas do aluno, somente Cornachione Júnior *et al.* (2010), apontam para uma opção diferente que é a autoavaliação, onde, desta forma, o aluno pode determinar qual foi o seu desempenho enquanto discente. Com relação às formas de avaliação dos alunos, percebe-se que a grande maioria das avaliações é descritiva, muitas vezes testando não a capacidade de aprendizado, mas a capacidade que o aluno tem de decorar conteúdos (IRALA; MENA, 2021).

2.2.1 Estudos Anteriores

Para localizar estudos anteriores sobre a temática foi realizada uma busca sistemática, no portal de periódicos CAPES, com as palavras-chave “desempenho discente” e “estudantes de nível superior”, em maio de 2022, que após aplicação de filtros: materiais dos últimos cinco anos e avaliados por pares, com acesso CAF-e, resultou em quatro estudos. O Quadro 4 descreve brevemente os estudos anteriores mapeados.

Quadro 4- Estudos anteriores sobre desempenho discente e estudantes de nível superior.

Autor/ Ano	Objetivo	Resultado
Souza; Cruz; Lyrio (2017)	Analisar se há associação do índice de aprovação no exame de suficiência contábil com o desempenho discente e a qualidade dos cursos superiores no Brasil.	Há associação entre o exame de suficiência contábil com o desempenho dos discentes e a qualidade dos cursos superiores em Ciências Contábeis no Brasil.
Meurer <i>et al.</i> (2018)	Verificar a relação do desempenho acadêmico com as características observáveis e experiências estudantis dos alunos de Contabilidade de uma instituição de ensino superior pública no Sul do Brasil.	Quatro variáveis apresentam relação significativa: reprovação em disciplina, horas de estudos extraclasse, disciplina de conteúdo profissional e nota obtida no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). As características observáveis dos alunos da instituição de ensino superior e as experiências estudantis influenciam o desempenho.
Martins; Marinho (2019)	Analisar a relação entre as variáveis concernentes às dimensões corpo docente, corpo discente e IES com a variável desempenho acadêmico.	As variáveis estratégia ou método de ensino (dimensão corpo docente), <i>status</i> socioeconômico, absenteísmo, desempenho escolar anterior, horas de estudo e motivação (dimensão corpo discente) e ambiente de estudo e forma de ingresso (dimensão IES) possuem relação com a variável desempenho acadêmico.
Santos <i>et al.</i> (2020)	Analisar os fatores socioeconômicos, demográficos, comportamentais e psicológicos que diferenciam o desempenho acadêmico de estudantes portugueses da área de negócios.	O desempenho acadêmico difere de acordo com: nota de ingresso no Ensino Superior; idade; frequência; facilidade com cálculos matemáticos, interpretação de texto e raciocínio lógico; horas de sono e de estudo; formação do professor; e ser fumante.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir da literatura citada.

O Quadro 4 apresenta duas avaliações acerca do resultado de alunos do curso de contabilidade (SOUZA; CRUZ; LYRIO, 2017; MEURER *et al.*, 2018), apesar de metodologias e variáveis diferentes os estudos mostraram diferentes elementos compõem o desempenho docente obtido no ensino superior. Um destaque foi obtido no estudo de Meurer *et al.* (2018), que mostra que o desempenho que o aluno tem durante o ensino médio (medido pelo ENEM), tende a refletir na sua carreira acadêmica subsequente.

Além disso, o desempenho obtido no ensino superior ainda sofre influência de aspectos relacionados ao discente, docente e da IES. Martins e Marinho (2019), salientam em sua pesquisa que as variáveis ligadas aos docentes e à IES decorrem de demandas estruturais e metodológicas, porém no caso dos discentes o que influencia é o esforço empregado e aspectos socioeconômicos. Muitos aspectos citados por Martins e Marinho (2019), são reafirmados na pesquisa de Santos *et al.* (2020).

Além dos estudos mapeados foi localizado o estudo de Souza *et al.* (2022), que se dedicou a conhecer a religiosidade de docentes e discentes dos cursos de odontologia de diferentes Instituições de Ensino Superior no Brasil, por meio de um estudo transversal, realizado com 390 discentes e docentes de diferentes cursos de odontologia do Brasil. Foi utilizada a escala DUREL para mensuração do envolvimento religioso.

No que concerne a dedicação às atividades religiosas, os autores evidenciaram que 45,4% o fazem diariamente e 74,4% afirmaram sentir a presença de Deus em suas vidas. Quanto a transcendência da religião para os as atividades da vida diária 42,1% afirmaram ser totalmente verdade que a religião esteja por traz de todo o seu modo de viver e que em geral é verdade que a religião está em todos os aspectos da vida (33,8%). O estudo evidenciou as maiores médias dos domínios da DUREL (RO, RNO, RI) para o sexo feminino e para participantes das regiões norte e nordeste, em consonância com o apontado na literatura, destacando que os aspectos da religiosidade são influenciados por questões individuais, assim como situacionais relacionados a fatores sociais.

Ainda, de acordo com o Quadro 4, as três dimensões mostraram relevância para o desempenho docente, sendo que a dimensão discente apresentou um maior número de variáveis, visto que as que mais se repetiram nos estudos são as horas dedicadas aos estudos, desempenho em exames anteriores e a desistência. A dimensão corpo docente indicou duas variáveis significativas em relação ao desempenho acadêmico: a qualificação pedagógica e o método de ensino. No caso da dimensão IES, verificou-se que a qualidade proporcionada para os

estudantes influenciaram positivamente o seu desempenho, a qualidade no caso envolve o ambiente de estudo, o tamanho da turma e a forma de ingresso.

Porém, entende-se que mesmo que a literatura apresente aspectos relacionados ao desempenho, pouco se sabe sobre o desenvolvimento dos alunos no período pandêmico, onde foram abertas diversas exceções com relação à presencialidade (mesmo em aulas remotas), à troca de avaliações descritivas por trabalho, e uma adaptação forçada tanto pelos estudantes quanto pelas IES e corpo docente. Desta forma o item 2.3 discute os impactos da pandemia.

2.3 IMPACTOS DA PANDEMIA

A sociedade passa por grandes mudanças desde o início da pandemia do novo Coronavírus. A Covid-19 é, segundo o Ministério da Saúde Brasileiro (2020), uma doença causada pelo vírus da família dos Coronavírus, denominado SARS-CoV-2.

Barbosa *et al.* (2020) indicam que, durante o cenário pandêmico, a religiosidade possibilitou aos estudantes mais resiliência para enfrentar os desafios impostos e o distanciamento social. Rost (2021) destaca que, apesar das limitações de presencialidade e o afastamento de alguns estudantes da comunidade religiosa houve aproximação de outros por conta das transmissões religiosas por aplicativos, canais de *Youtube* e redes sociais.

Pode-se depreender que mesmo que a Covid-19 seja uma doença que tem alto poder de contaminação, por ser um novo vírus para os humanos, que não há imunidade previamente adquirida, o que o torna ainda mais infectante, talvez estes motivos tenham levado os estudantes a buscarem uma conexão com a sua religião. Também, a Covid-19 é contagiosa e a transmissão viral acontece da pessoa infectada para uma sadia, seja por meio do contato pessoal próximo ou com objetos e superfícies contaminadas, ou por meio de gotículas de saliva, espirro e tosse, seguido de contato com a boca, nariz ou olhos (SCHUCHMANN *et al.*, 2020).

Discutir os novos caminhos, desafios e expectativas para o campo da educação de forma integrada em tempos de pandemia é tão importante quanto as medidas de proteção, pois a educação é uma ação formada de diversos atores – família, espaço, professores (as) e estudantes –, exigindo ajustes e acompanhamento permanente (SILVA, *et al.*, 2020). Intervindo nesses caminhos a partir do manejo das competências, dos saberes científicos, políticos e éticos, a educação, como ressalta Freire (2014, p. 24), tem o relevante papel de “[...] defender uma prática em que o ensino rigoroso dos conteúdos jamais se faça de forma fria, mecânica e mentirosamente neutra”.

Inicialmente a pandemia provocou desconforto geral, posta a exigência de adaptação das rotinas (BADIN; PEDERSETTI; SILVA, 2020), além de colocar o desafio de se repensar a escola, retirando a tradicional sala de aula e redimensionando as práticas para outras formas de realização das aulas, novos modelos e espaços de formação e mediação do conhecimento surgiram (KIRCHNER, 2020).

De acordo com Kirchner (2020) a pandemia trouxe muitos desafios, mas também inúmeras possibilidades de mudanças e pode-se dizer que se viveu em um tempo de ousadia que impulsionou a busca por respostas para enfrentar a realidade do período de ruptura educacional. Na preocupação de ser um fator essencial para ajudar na contínua e necessária busca do aprendizado buscou-se formas de continuar o processo de ensino/aprendizagem. O ensino remoto é uma estratégia didática e pedagógica criada para diminuir os impactos das medidas de isolamento social sobre a aprendizagem e, por meio das metodologias ativas, propõe um instrumento tecnológico para reuniões no formato de videoconferência (BACICH; TANZI NETO; TREVISAN, 2015).

A educação *online* vai muito além do uso exclusivo de tecnologias digitais, ela também pode ser definida pela interatividade, colaboração, afetividade, coautoria, aprendizagem significativa e avaliação adequada. O que caracteriza a educação *online* é a arquitetura pedagógica e não a tecnologia digital em si, pela mediação docente implicada, relação síncrona e assíncrona, entre outros, buscando a visão de que aprendemos qualitativamente nas trocas e nas construções conjuntas, estabelecendo comunidades de conhecimento mediadas pelo digital em rede, mas não somente por ele (MARTINS; ALMEIDA, 2020).

Mesmo sendo relevante o uso das tecnologias a pandemia revelou a desigualdade existente no País, como descrevem Carneiro *et al.* (2020) que com a interrupção das aulas *online* ficou evidenciado que, mesmo vivendo na era digital, muitas pessoas não tiveram acesso a ela; além disso, também houve dificuldade de acesso aos recursos tecnológicos e falta de equipamentos, por parte dos discentes e docentes.

Conforme já comentado, o ensino remoto, adotado durante o período da pandemia, foi realizado por meio de aulas e atividades assíncronas e síncronas. No modo assíncrono as atividades ocorreram de modo não sincronizado, isso é, sem a exigência de presença simultânea com os alunos; já as atividades síncronas implicam que os participantes se encontrem no mesmo momento e local (sendo *online* ou *offline*) (MOREIRA; BARROS, 2020).

Conforme Ribeiro (2019), assim que findada a pandemia, a expectativa era de que professores (as) e estudantes voltassem diferentes ao ambiente escolar. O autor acrescenta ainda que – pertinente ao confinamento, sacrifícios, regras, ansiedade, cuidados com a higiene,

distanciamento entre as pessoas, falta de ânimo, valorização profissional etc. – o novo contexto fará com que os profissionais da educação e estudantes estejam modificados, ao menos do ponto de vista psicológico e comportamental.

2.3.1 Estudos Anteriores

Para localizar estudos anteriores sobre a temática foi realizada uma busca sistemática, no portal de periódicos CAPES, com as palavras-chave “impactos da pandemia” and “estudantes de nível superior”, em abril de 2022, que após aplicação de filtros: materiais dos últimos cinco anos e avaliados por pares, com acesso CAF-e, resultou em seis estudos elencados no Quadro 5.

Quadro 5 – Estudos anteriores sobre impactos da pandemia no ensino superior.

Autor/ Ano	Objetivo	Resultado
Palmeira, Silva e Ribeiro (2020)	Analisar as estratégias didáticas passíveis de serem utilizadas pelos professores de instituições de ensino superior para dar continuidade aos semestres acadêmicos de forma remota no período pandêmico.	A utilização das metodologias ativas serviu para levar ao estudante a ressignificação do seu modo de aprender, fomentando a sua autonomia e o desenvolvimento do pensamento crítico, reflexivo e analítico.
Osti, Pontes Jr. e Almeida (2021)	Compreender em qual grau o cenário de pandemia afetou o envolvimento nas atividades de aprendizagem por parte dos estudantes do ensino superior.	Os estudantes tiveram sua capacidade de engajamento nas atividades de aprendizagem alteradas, tempo de estudo e saúde mental, em especial o estresse. Os alunos dos últimos anos mostraram-se mais persistentes com as atividades acadêmicas. A estrutura tecnológica necessária foi uma limitação no processo.
Sales e Castro (2021)	Identificar as principais mudanças ocorridas na realização do internato dos estudantes de medicina e a visão do interno mediante tais mudanças.	A pandemia por Covid-19 trouxe impacto negativo na realização das atividades de internato de estudantes de medicina, sendo que de 303 estudantes 108 pararam as atividades de internato.
Capelato (2021)	Contribuir com a melhoria da aprendizagem dos alunos que chegam à universidade com diferentes níveis de proficiência em matemática.	Devido ao contexto pandêmico a análise interpretativa leva a conclusão de que o convívio escolar, ainda que digital, é o ponto de partida para a construção da aprendizagem.
Schlemmer, Oliveira e Menezes (2021)	Identificar pistas que possibilitem cocriar uma proposta de Educação Online, numa perspectiva ecossistêmica.	Quando instituições educacionais, suas equipes diretivas, professores e estudantes se lançam ao desafio da cultura digital em rede, também se projetam ao imprevisível e ao novo. E diante desse cenário, passam a usar diferentes Tecnologias Digitais, delas se apropriam e a elas se acoplam, se agenciando com diferentes plataformas digitais em rede ou até mesmo desenvolvendo plataformas, em uma perspectiva reticular e inventiva.
Nicolini e Medeiros (2021)	Sistematizar as discussões realizadas em um Grupo de Reflexão Docente, envolvendo	A discussão apresentada indica que o Brasil, a partir de sua diversidade regional, não estava preparado para a pandemia e para as suas repercussões na educação. Além disso, espaços que

	narrativas de diferentes Regiões do Brasil sobre o período pandêmico no ensino de história.	oportunizam trocas de saberes e experiências entre diferentes sujeitos que trabalham pela construção de aprendizagens históricas significativas são urgentes para repensar as ações no campo do ensino de história.
--	---	---

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir da literatura citada.

O Quadro 5 apresenta sinteticamente estudos que trataram temas acerca dos impactos da pandemia no ensino superior nacional. Dentre os achados percebe-se que existiram grandes dificuldades alinhadas aos docentes e às IES em como desenvolver o ensino remoto, que remete à necessidade de adaptação dos professores, utilização de novas metodologias (PALMEIRA; SILVA; RIBEIRO, 2020; OSTI; PONTES JR.; ALMEIDA, 2021). A dificuldade discente foi a adaptação ao ensino remoto pois, muitos alunos não tiveram acesso à internet, nem a um ambiente de estudo adequado, assim como à equipamentos de informática como *notebook* (PALMEIRA; SILVA; RIBEIRO, 2020). Gerou-se, assim, uma situação de estresse, dificultando o aprendizado, em casos como no estudo de Sales e Castro (2021) e Osti, Pontes Jr. e Almeida (2021), em que ocorreu evasão dos alunos devido às dificuldades encontradas em torno da pandemia.

Mesmo com tantos pontos negativos foi possível desenvolver novas possibilidades de interação e atividades mais direcionadas, quebrando as barreiras presenciais (CAPELATO, 2021). Schlemmer, Oliveira e Menezes (2021) e Nicolini e Medeiros (2021) reforçam que a situação causada pela pandemia não foi o ideal, mas possibilitou que a educação superior pudesse avançar a um novo nível de interação, que pode trazer benefícios aos estudantes, caso seja aplicada e desenvolvida da maneira dinâmica.

A partir dos resultados nota-se que o surgimento da pandemia da Covid-19 trouxe a necessidade de desenvolver os processos de ensino e de aprendizagem em espaços digitais e em rede. Também foi possível perceber que houve um impacto negativo na aprendizagem discente durante o período pandêmico, mas também indicações de novas possibilidades para o ensino remoto. No entanto, pouco foi evidenciado sobre como o desempenho discente e as relações sociais que envolvem a religião foram afetadas durante o período pandêmico, desta forma esse estudo delimita-se a esta lacuna de pesquisa.

3 METODOLOGIA

Esta seção descreve os aspectos que envolvem a operacionalização dos objetivos da pesquisa, elenca a classificação do estudo quanto aos objetivos, quanto aos procedimentos e quanto à abordagem do problema. Na sequência, apresentam-se as características da população e amostra do estudo, bem como os procedimentos de coleta e análise dos dados.

3.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

Tendo em vista a definição do problema e do objetivo geral da pesquisa que foi analisar a relação entre o nível de religiosidade e o nível de desempenho, de estudantes de graduação de uma Universidade Federal do Sul do Brasil, durante o primeiro ano da pandemia (ou seja, 2020), destaca-se que a investigação foi caracterizada pela sua natureza descritiva. De acordo com Gil (2017) a pesquisa descritiva serve para levantar a opinião, atitudes e crenças de uma população. Na medida em que esse estudo buscou descrever sistematicamente dois fenômenos e suas relações, que são a religiosidade e o desempenho acadêmico em tempos de pandemia.

A pesquisa caracteriza-se como *survey*, na medida que buscou uma descrição quantitativa e numérica dos dados que pertencem a uma determinada população (CRESWELL, 2021). Além disso, a pesquisa *survey* permite ao pesquisador investigar fatos, atitudes e opiniões que servirão para entender determinados comportamentos sociais (BAKER, 2001). Segundo Gil (2017) uma *survey* caracteriza-se pelo questionamento direto dos indivíduos cujo comportamento se deseja conhecer. Basicamente, procede-se à solicitação de informações ao público-alvo de pessoas acerca do problema estudado para, em seguida, mediante análise quantitativa, tecer considerações a partir dos dados coletados.

Essa pesquisa adotou uma abordagem quantitativa. Essas propiciam investigação empírica, cujo função é delinear, analisar as características de fatos ou fenômenos e avaliar programas ou isolamento de variáveis que são mais relevantes (MARCONI; LAKATOS, 2003).

3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA

Com o objetivo de avaliar a religiosidade e o desempenho acadêmico junto a estudantes universitários de graduação este estudo foi desenvolvido junto a uma universidade pública. A universidade em questão fica localizada na região sul do Brasil, possui 64 cursos de graduação,

14 cursos de residência, 24 cursos de especialização, 33 cursos de mestrado, 13 cursos de doutorado. Que em números congrega 11.800 discentes, sendo mais de 9 mil alunos de graduação presencial, mais de 300 alunos de graduação à distância, cerca de 2.500 alunos de pós-graduação. Cerca de 900 docentes e mais de 1.200 técnicos administrativos em educação. Os diversos cursos se concentram em 13 unidades acadêmicas.

Nesta dissertação foram convidados a participar os alunos de graduação do Instituto da área de negócios (cursos: Administração, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Comércio Exterior e Gestão de Cooperativas), da modalidade presencial, da universidade analisada. Dessa forma a população de estudo abrangeu 1.463 alunos.

O contato foi através das coordenações e secretarias de cada curso da universidade, por meio de *e-mails*, que estavam disponíveis nas páginas dos cursos, ou seja, no endereço eletrônico da universidade. Além disso, os alunos foram também convidados a participar por meio das redes sociais como *Instagram* e *WhatsApp*. O contato via secretaria e coordenação dos cursos ocorreu por e-mail, onde foram enviados durante 4 semanas seguidas um e-mail convite para os alunos participarem da pesquisa; percebendo a pouca adesão foi realizado um esforço junto aos alunos na rede social *Instagram* buscando no perfil do curso acessar os alunos diretamente, assim como através de contatos particulares onde obteve-se os contatos de *WhatsApp* de alguns alunos e esses foram convidados a participar individualmente.

Tendo em vista a população de estudo, 116 alunos concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e aceitaram participar desta pesquisa. A adesão da população à amostra foi próxima a 8%.

3.3 COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

A coleta de dados ocorreu por meio de um questionário *online*, utilizando a plataforma *Google forms*. No caso deste estudo a *survey* foi constituída por um levantamento de perfil sociodemográfico do estudante (bloco 1), pelas escalas: Escala de Religiosidade da Duke (DUREL) (bloco 2) e a Escala de Autoavaliação de Desempenho Acadêmico (EADA) (bloco 3).

A DUREL foi desenvolvida por Koenig, Parkerson Júnior e Meador (1997), com o objetivo de mensurar a religiosidade de uma pessoa, em 2007, sendo que a escala teve sua versão original traduzida e validada para o português no estudo de Moreira-Almeida *et al.* (2008). A Escala DUREL possui cinco itens, sendo que os dois primeiros avaliam a religiosidade organizacional e não-organizacional, e os três itens finais avaliam a religiosidade

intrínseca. Cabe ressaltar que os itens foram avaliados dentro de suas dimensões separadamente, desta forma nos escores das dimensões não foram somados como um escore total (KOENIG; PARKERSON JÚNIOR; MEADOR, 1997; MOREIRA-ALMEIDA *et al.*, 2008).

Já a EADA é uma escala de 18 itens de autopercepção, que foi desenvolvida por Souza (2013), para verificar o desempenho dos estudantes, que é a avaliação da aprendizagem que pode ser representado de forma numérica sobre o quanto conhecimento foi explorado e assimilado pelo acadêmico, o que é expressado, em geral, por meio das notas obtidas no decorrer do processo avaliativo (MEURER *et al.*, 2018). Caso o estudante tenha pontuações elevadas indica uma avaliação positiva, notas satisfatórias, compreensão de conteúdos, atenção nas tarefas, entre outros; caso a pontuação seja baixa indica uma avaliação negativa do estudante sobre seu rendimento e comportamento escolar através da autopercepção.

O questionário foi composto pelas questões dispostas nos Blocos 1, 2 e 3.

Bloco 1 - Perfil Sociodemográfico do estudante

<p>Idade:</p> <p>Quanto ao sexo você se identifica como:</p> <p><input type="checkbox"/> F <input type="checkbox"/> M <input type="checkbox"/> outro <input type="checkbox"/> Prefiro não me identificar</p> <p>Etnia:</p> <p><input type="checkbox"/> Branca <input type="checkbox"/> Negra <input type="checkbox"/> Amarela <input type="checkbox"/> Parda <input type="checkbox"/> Indígena <input type="checkbox"/> Não desejo declarar</p> <p>Qual seu estado civil?</p> <p><input type="checkbox"/> Solteiro(a) <input type="checkbox"/> Casado(a) <input type="checkbox"/> Divorciado(a) <input type="checkbox"/> Viúvo(a) <input type="checkbox"/> Outro. Qual?</p> <p>Você reside?</p> <p><input type="checkbox"/> Com os pais <input type="checkbox"/> Com familiares <input type="checkbox"/> Sozinho <input type="checkbox"/> Divide moradia <input type="checkbox"/> República</p> <p>Durante a pandemia você (ano de 2020):</p> <p><input type="checkbox"/> manteve a sua residência habitual <input type="checkbox"/> retornou para o município de seus pais/familiares</p> <p>Qual seu curso?</p> <p>Como se mantém financeiramente?</p> <p>Durante a pandemia (ano de 2020) você fez isolamento? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não</p> <p>Durante a pandemia (ano de 2020) você estava realizando alguma atividade presencial? <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> sim Qual?</p> <p>Durante a pandemia (ano de 2020) você esteve privado do convívio familiar? <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> sim pode descrever sucintamente? _____</p> <p>Em algum momento você achou que estava com covid-19? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não</p> <p>Apresentou algum dos sintomas? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não</p> <p>Fez o teste para diagnóstico do covid-19?</p> <p><input type="checkbox"/> Não fiz o teste <input type="checkbox"/> O teste deu positivo para Covid-19 <input type="checkbox"/> O teste deu negativo para Covid-19</p> <p>Teve suporte psicológico/psiquiátrico durante a pandemia? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não</p> <p>Você é considerado uma pessoa do grupo de risco da covid-19? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não</p> <p>Você realizou alguma atividade física durante a pandemia? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não</p> <p>Você estudou alguma matéria de seu interesse mesmo com o calendário acadêmico suspenso? (Caso a resposta seja sim, favor citar a matéria que estudou).</p>

Bloco 2 – Religiosidade

<p>Você acredita em Deus? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não</p> <p>Se sim, há quanto tempo? <input type="checkbox"/> Sempre acreditei <input type="checkbox"/> Há 1 ano <input type="checkbox"/> Há 5 anos <input type="checkbox"/> Há 10 anos <input type="checkbox"/> Há mais de 10 anos</p> <p>Com relação à sua religião/crença/doutrina/etc., você se considera?</p> <p><input type="checkbox"/> Ateu (não acredita em Deus) <input type="checkbox"/> Budista <input type="checkbox"/> Católico <input type="checkbox"/> Espírita <input type="checkbox"/> Evangélico <input type="checkbox"/> Judeu</p>

Mulçumano Protestante Espiritualista Espírita
 Sem religião, mas espiritualizado (não pertence a nenhuma religião mas acredita em Deus).
 Outro. Especifique: _____
 O quanto você se considera uma pessoa religiosa? Você diria que é:
 Muito religioso Moderadamente religioso Pouco religioso Não religioso
 No primeiro semestre da pandemia você se percebeu mais religioso Sim Não
 A (Escala DUREL: Religiosidade Organizacional)
 A1 Na pandemia (considere o ano de 2020), com que frequência você foi a uma igreja, templo ou outro encontro religioso (presencial ou *on-line*)?
 Mais do que 1 vez por semana 1 vez por semana 2 a 3 vezes por mês
 Algumas vezes por ano 1 vez por ano ou menos Nunca
 B (Escala DUREL: Religiosidade Não-Organizacional)
 B1 Com que frequência na pandemia (considere o ano de 2020), você dedicou o seu tempo a atividades religiosas individuais, como preces, rezas, meditações, leitura da bíblia ou de outras práticas religiosas?
 Mais do que 1 vez ao dia Diariamente 2 ou mais vezes por semana
 1 vez por semana Poucas vezes por mês Raramente ou nunca
 C (Escala DUREL: Religiosidade Intrínseca)
 C1 Em minha vida, eu sinto a presença de Deus (ou do Espírito Santo).
 Totalmente verdade para mim Em geral é verdade Não estou certo
 Em geral não é verdade Não é verdade
 C2 As minhas crenças religiosas estão realmente por trás de toda a minha maneira de viver.
 Totalmente verdade para mim Em geral é verdade Não estou certo
 Em geral não é verdade Não é verdade
 C3 Eu me esforço muito para viver a minha religião em todos os aspectos da vida.
 Totalmente verdade para mim Em geral é verdade Não estou certo
 Em geral não é verdade Não é verdade

Especialmente a Escala DUREL, utilizada neste estudo apresenta 3 escores, sendo que a questão A1 se refere a religiosidade organizacional, a B1 a religiosidade não-organizacional e as questões C1, C2 e C3 somadas se referem à religiosidade intrínseca (KOENIG *et al.*, 1997; MOREIRA-ALMEIDA *et al.*, 2008).

A valorização das questões será da seguinte forma:

A1: No período considerado (ano de 2020), com que frequência você vai a uma igreja, templo ou outro encontro religioso (presencial ou online)?	
<input type="checkbox"/> Mais do que 1 vez por semana	5 pontos
<input type="checkbox"/> 1 vez por semana	4 pontos
<input type="checkbox"/> 2 a 3 vezes por mês	3 pontos
<input type="checkbox"/> Algumas vezes por ano	2 pontos
<input type="checkbox"/> 1 vez por ano ou menos	1 ponto
<input type="checkbox"/> Nunca	0 pontos
B1: Com que frequência você dedicou o seu tempo a atividades religiosas individuais, como preces, rezas, meditações, leitura da bíblia ou de outros textos religiosos?	
<input type="checkbox"/> Mais do que 1 vez ao dia	5 pontos
<input type="checkbox"/> Diariamente	4 pontos
<input type="checkbox"/> 2 ou mais vezes por semana	3 pontos
<input type="checkbox"/> 1 vez por semana	2 pontos
<input type="checkbox"/> Poucas vezes por mês	1 ponto
<input type="checkbox"/> Raramente ou nunca	0 pontos
C1: Em minha vida, eu sinto a presença de Deus (ou do Espírito Santo).	
<input type="checkbox"/> Totalmente verdade para mim	4 pontos
<input type="checkbox"/> Em geral é verdade	3 pontos
<input type="checkbox"/> Não estou certo	2 pontos
<input type="checkbox"/> Em geral não é verdade	1 ponto

<input type="checkbox"/> Não é verdade	0 pontos
C2: As minhas crenças religiosas estão realmente por trás de toda a minha maneira de viver.	
<input type="checkbox"/> Totalmente verdade para mim	4 pontos
<input type="checkbox"/> Em geral é verdade	3 pontos
<input type="checkbox"/> Não estou certo	2 pontos
<input type="checkbox"/> Em geral não é verdade	1 ponto
<input type="checkbox"/> Não é verdade	0 pontos
C3: Eu me esforço muito para viver a minha religião em todos os aspectos da vida.	
<input type="checkbox"/> Totalmente verdade para mim	4 pontos
<input type="checkbox"/> Em geral é verdade	3 pontos
<input type="checkbox"/> Não estou certo	2 pontos
<input type="checkbox"/> Em geral não é verdade	1 ponto
<input type="checkbox"/> Não é verdade	0 pontos

Bloco 3 – Desempenho Acadêmico

Instruções: considere por um momento a lista de frases a seguir. Utilizando a escala, assinale a opção que corresponde ao quanto cada uma das afirmativas se aplica a você. Lembramos que não existem respostas certas ou erradas. Deste modo, pedimos que, por favor, responda a todas as frases da forma mais sincera possível. Sendo assim responda as questões abaixo de acordo com sua experiência nos momentos iniciais da pandemia. Considere o primeiro semestre letivo de 2020.

Tirava boas notas sem dificuldades.

1 2 3 4 5

Tinha aprendido todo o conteúdo e alcançado as notas que desejava.

1 2 3 4 5

Considerava-me um estudante com bom comportamento.

1 2 3 4 5

Estava com as matérias em dia, por isso tirava boas notas.

1 2 3 4 5

Embora minhas notas fossem boas, queria sempre aumentá-las.

1 2 3 4 5

Esforçava-me bastante em meus estudos.

1 2 3 4 5

Minhas notas eram boas em todas as matérias.

1 2 3 4 5

Considero que me dava bem nos estudos, pois nunca fiquei em exame.

1 2 3 4 5

Estudava para tirar as melhores notas.

1 2 3 4 5

Todos me admiram pelo meu excelente desempenho.

1 2 3 4 5

Tinha bom desempenho porque tive bons professores.

1 2 3 4 5

Fiz todas as minhas tarefas, por isso obtive boas notas.

1 2 3 4 5

Estava satisfeito(a) com meu desempenho.

1 2 3 4 5

Pensava que meus resultados em atividades e provas são bons.

1 2 3 4 5

Gostava de perguntar aos professores sobre o assunto que estava aprendendo.

1 2 3 4 5

Aprender coisas novas fazia com que eu tirasse boas notas.

1 2 3 4 5

Procurava sempre aprender mais sobre os assuntos que estudo.

1 2 3 4 5

Pensava que era bom aluno, pois tenho tirado boas notas.

1 2 3 4 5

Legenda: 1 Discordo Totalmente; 2 Discordo; 3 Não Concordo, Nem Discordo; 4 Concordo; 5 Concordo Totalmente.
--

A valorização das questões do bloco 4 foi realizada da seguinte forma: Discordo Totalmente (1 ponto); Discordo (2 pontos); Não Concordo, Nem Discordo (3 pontos); Concordo (4 pontos); Concordo Totalmente (5 pontos) e o somatório equivale ao nível de desempenho dos estudantes.

Com relação ao questionário, foi realizado um pré-teste entre os dias 10 e 20 de outubro de 2022, junto a três especialistas docentes buscando fazer a análise semântica que serve para verificar os itens com relação a sua redação, compreensão e adequação. Foram identificadas algumas melhorias necessárias: adequação da questão relativa ao estado civil e aprimoramento na promoção do foco da pesquisa. Foi constatado pelos especialistas que para responder o questionário o tempo entre 5 e 7 minutos. Concluída a etapa do pré-teste, foram realizadas as adequações e foi iniciada a coleta de dados que ocorreu em novembro de 2022.

O instrumento de coleta de dados permitiu que os alunos da universidade investigada participassem da pesquisa anonimamente e, como os questionários foram aplicados *online* e sem identificação, isso permitiu que o aluno se sentisse encorajado a responder com sinceridade, tendo em vista que o tema de desempenho acadêmico e religiosidade em diversos sentidos são tidos como tabus dentre os universitários.

Este estudo seguiu os preceitos da Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde, que dispõe sobre as normas aplicáveis às pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes da pesquisa e obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, conforme Parecer Consubstanciado número 5.589.762.

A seguir encontra-se descrito o processo de análise quantitativa dos dados coletados.

3.4 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados coletados, por meio do questionário, foram tabulados em planilha eletrônica e foram calculadas, a partir dos escores definidos para os blocos 2 e 3, as estatísticas descritivas, tais como: média e desvio-padrão, propiciando uma primeira visão dos resultados. De acordo com Fávero e Belfiore (2017) a média é a soma de todas as observações e a divisão pelo número total de observações, o desvio-padrão é a diferença entre cada valor observado a partir da média estabelecida e representa o quanto um valor pode variar para mais ou para menos. Após a

extração das estatísticas descritivas os dados foram exportados para o *software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)*, no qual foram analisados por meio de Correlação de Pearson e após análise de regressão linear múltipla.

O Coeficiente de Correlação de Pearson (ρ), segundo Favero (2017, p. 312), “É uma medida que varia entre -1 e 1. Por meio do sinal, é possível verificar o tipo de relação linear entre as duas variáveis analisadas (direção em que a variável Y aumenta ou diminui em função da variação de X); quanto mais próximo dos valores extremos, mais forte é a correlação entre elas.” Conforme o autor: a) Se ρ for positivo, existe uma relação diretamente proporcional entre as variáveis; se $\rho = 1$, tem-se uma correlação linear positiva perfeita; b) Se ρ for negativo, existe uma relação inversamente proporcional entre as variáveis; c) se $\rho = -1$, tem-se uma correlação linear negativa perfeita; e d) Se ρ for nulo, não existe correlação entre as variáveis.

Além disso, Field (2009) indica que os resultados devem ser observados e divididos em três níveis, o primeiro é uma alta relação em que os valores variam entre 0,7 e 1, o segundo nível indica uma relação média e compreende os valores de 0,4 até 0,6 e o último nível corresponde a uma baixa relação que é quando os valores são inferiores à 0,3.

Durante a análise de correlação também é observado o valor- p representado por *Sig. (2-tailed)*, “o valor- p *Sig* (bicaudal) informa se sua correlação foi significativa em um nível alfa escolhido. O valor- p é a probabilidade de se ter um determinado valor $-r$ apenas por acaso. Se o seu valor- p for menor que 0,10, a correlação é significativa” (HAIR JÚNIOR *et al.*, 2019).

Este estudo, seguindo as indicações de Silva (2016), utilizou a seguinte fórmula:

$$DA_i: \alpha + \beta_1. Rel\epsilon_i + \beta_2. Dummy\epsilon_i + u_i$$

DA : É o escore do Desempenho Acadêmico;

β_1 e β_2 : Coeficientes angulares de cada variável;

$Rel\epsilon_i$: É o escore baseado nas três dimensões da DUREL;

$Dummy\epsilon_i$: É o escore das variáveis *dummy* (1º semestre, Acredita em Deus).

u_i : é o termo de erro (Diferença entre o valor real de DA e o valor previsto).

A regressão, segundo Silva (2016), trata-se de uma técnica utilizada para investigar a relação entre variáveis que surgem em problemas científicos, já a regressão linear múltipla é uma metodologia estatística que possibilita a previsão e estimação de valores de uma variável de resposta de interesse (Desempenho Acadêmico) através de um conjunto de variáveis

regressoras (Religiosidade e Perfil). Neste estudo o desempenho acadêmico foi dependente das variáveis religiosidade e do perfil do estudante.

Foram utilizados alguns testes para auxiliar a análise dos resultados, sendo que o primeiro foi o teste de ANOVA de uma via (ou *One-Way ANOVA*) que é um teste estatístico e é utilizado para comparar as médias de três ou mais grupos independentes em relação a uma variável contínua. Ele testa se há diferenças significativas entre as médias dos grupos, utilizando a variância das observações dentro dos grupos (variância intragrupo) (GARCIA-MARQUES; AZEVEDO, 1995). Para realizar o teste de ANOVA de uma via foram seguidos os seguintes passos:

- Formulação da hipótese nula e hipótese alternativa: A hipótese nula (H_0) afirma que não há diferença significativa entre as médias dos grupos, enquanto a hipótese alternativa (H_1) afirma que há diferença significativa entre pelo menos duas das médias dos grupos.
- Verificação das pressuposições do teste: É necessário verificar se as pressuposições do teste são atendidas, como normalidade dos dados e homogeneidade das variâncias.
- Cálculo do valor F e p -valor: O valor F é calculado dividindo a variância intergrupo pela variância intragrupo. O p -valor é a probabilidade de obter um valor F tão extremo ou mais extremo do que o valor observado, considerando a hipótese nula verdadeira.
- Interpretação do resultado: Se o p -valor for menor que o nível de significância escolhido (geralmente 0,05), rejeita-se a hipótese nula e conclui-se que há diferença significativa entre as médias dos grupos. Caso contrário, não há evidências suficientes para rejeitar a hipótese nula e conclui-se que não há diferença significativa entre as médias dos grupos.
- Realização de testes *Post-hoc*: Se houver diferenças significativas entre as médias dos grupos, é necessário realizar testes *Post-hoc* para determinar quais grupos diferem significativamente entre si.

Tendo em vista que os dados relativos a gênero não puderam ser analisados com o teste ANOVA optou-se por realizar a análise usando o Teste T , é um teste estatístico que é usado para determinar se há diferenças significativas entre duas médias. O teste T é baseado na estatística t , que é calculada como a diferença entre as médias das duas amostras dividida pelo erro padrão da diferença das médias. O erro padrão da diferença das médias é uma medida da

variabilidade entre as duas amostras e é calculado a partir da variação dentro de cada amostra. Para realizar um teste t , é preciso seguir os seguintes passos:

- Formular as hipóteses: o primeiro passo é formular as hipóteses nula e alternativa. A hipótese nula (H_0) é a afirmação de que não há diferença entre as médias das duas amostras, enquanto a hipótese alternativa (H_1) afirma que há diferença entre as médias.
- Coletar os dados: em seguida, coleta-se as duas amostras independentes.
- Calcular a estatística do teste: com os dados das duas amostras, é possível calcular a estatística do teste t . A fórmula para o cálculo é a seguinte:

$$t = (x_1 - x_2) / (s / \sqrt{n})$$

Onde:

x_1 e x_2 são as médias das duas amostras;

s é o desvio padrão combinado das duas amostras;

n é o tamanho da amostra.

- Determinar o valor crítico: para determinar se a diferença entre as médias é significativa, é preciso comparar o valor calculado do teste t com um valor crítico da distribuição t de *Student*. Esse valor crítico depende do nível de significância escolhido e dos graus de liberdade do teste ($n_1 + n_2 - 2$, onde n_1 e n_2 são os tamanhos das amostras).
- Tomar uma decisão: com o valor calculado do teste t e o valor crítico, é possível tomar uma decisão. Se o valor calculado for maior do que o valor crítico, rejeita-se a hipótese nula e conclui-se que há diferença entre as médias das duas amostras. Caso contrário, não há evidências para rejeitar a hipótese nula.
- Interpretar os resultados: se rejeitada a hipótese nula, pode-se concluir que há diferença entre as médias das duas amostras. Se não rejeitada a hipótese nula, não é possível afirmar que há diferença entre as médias.

Deve-se pontuar que, quando encontrada alguma distribuição anormal, optou-se por utilizar as considerações de Hair Júnior *et al.* (2019), de que quando a amostra é grande (mais de 30 observações), pode-se aplicar o Teorema Central do Limite, que afirma que a média de uma amostra grande segue uma distribuição normal, mesmo que a população subjacente não o faça. Para calcular a regressão com amostras anormais que têm mais de 30 observações, de acordo com Hair Júnior *et al.* (2019), é possível utilizar uma abordagem chamada regressão robusta, que é uma técnica que permite ajustar um modelo de regressão linear aos dados, mesmo

que a distribuição dos dados não seja normal. Adotando tal estratégia de análise foram realizadas as análises.

Na sequência foi realizado o Teste Kruskal-Wallis é um teste estatístico não paramétrico utilizado para comparar três ou mais grupos independentes em relação à sua mediana, quando os dados não seguem uma distribuição normal. Em outras palavras, o teste verifica se as medianas dos grupos são iguais ou diferentes (FAVERO, 2017). O procedimento para realizar o teste de Kruskal-Wallis é o seguinte:

- Classifica-se os dados de todas as amostras em ordem crescente.
- Atribui-se um número para cada valor, correspondente ao seu *rank*.
- Soma-se os *ranks* de cada amostra.
- Calcula-se a estatística de teste H, que é dada pela seguinte fórmula:

$$H = [12 / (n * (n + 1))] * \sum(R_j - R)^2 - 3(n + 1)$$

onde n é o número total de observações, R_j é a soma dos *ranks* da j -ésima amostra, R é a soma total dos *ranks* de todas as amostras.

- Compara-se o valor de H com a distribuição qui-quadrado com $k-1$ graus de liberdade, onde k é o número de amostras. Se o valor de H for maior do que o valor crítico da distribuição qui-quadrado, rejeita-se a hipótese nula de que todas as amostras vêm da mesma distribuição.

O teste de *Kruskal-Wallis* é um teste não paramétrico utilizado para comparar três ou mais grupos independentes em relação à sua mediana, quando os dados não seguem uma distribuição normal (FAVERO, 2017). A interpretação do resultado é semelhante ao teste ANOVA e indica se há evidências de que pelo menos uma das amostras difere das outras em relação à sua mediana.

Ainda foi realizado o Teste Levene, que é um teste estatístico que avalia a igualdade de variâncias entre duas ou mais amostras (FAVERO, 2017). Comumente utilizado com o Teste ANOVA para verificar se a suposição de homocedasticidade¹ é atendida. O teste de Levene é um teste não paramétrico, o que significa que ele não requer que as amostras tenham uma distribuição normal. O teste compara as variações dos dados em cada grupo, utilizando uma medida robusta de dispersão.

¹ A homocedasticidade significa que as variâncias dos grupos a serem comparados são aproximadamente iguais.

Assim como o Teste ANOVA, o teste de Levene mensurou nesta pesquisa se existem evidências na amostra de estudantes investigados que o desempenho acadêmico é relacionado à religiosidade (ou variável *dummy*), tendo em vista que podem ter relação e isso significa que há evidências de que, pelo menos uma das amostras tem uma variância diferente das outras, ou não, significando que não há evidências suficientes para afirmar que as variâncias dos grupos são diferentes.

O teste de Shapiro-Wilk é um teste estatístico utilizado para avaliar se uma amostra de dados segue uma distribuição normal (FAVERO, 2017). Ele é uma das ferramentas mais comuns para testar a normalidade dos dados e é amplamente utilizado em análises estatísticas paramétricas. O teste é baseado na hipótese nula de que os dados são provenientes de uma distribuição normal. Se o *p-valor* do teste for menor do que o nível de significância (geralmente 0,05), rejeita-se a hipótese nula e conclui-se que os dados não seguem uma distribuição normal.

A interpretação do resultado do teste de Shapiro-Wilk é a seguinte: se o valor-p for maior do que o nível de significância, não há evidências suficientes para rejeitar a hipótese nula e conclui-se que os dados seguem uma distribuição normal. Se o valor-p for menor do que o nível de significância, rejeita-se a hipótese nula e conclui-se que os dados não seguem uma distribuição normal (FAVERO, 2017).

A partir da análise quantitativa proposta foi organizada a operacionalização da pesquisa, que apresenta as bases para o instrumento de coleta de dados, assim como mostra o Quadro 6.

Quadro 6 - Operacionalização da pesquisa

Objetivo	Operacionalização	Autor de base
Identificar o perfil sociodemográfico dos estudantes;	Questionário – bloco 1	Lima (2020); Osti, Pontes Jr. e Almeida (2021).
Mensurar o nível de religiosidade dos estudantes;	Questionário – bloco 2	Lucchetti <i>et al.</i> (2012)
Determinar o nível de desempenho acadêmico	Questionário – bloco 3	Sousa (2013)
Analisar a relação entre o nível de religiosidade e o nível de desempenho, de estudantes de graduação de uma Universidade Federal do Sul do Brasil, durante o primeiro ano da pandemia.	Regressão com as variáveis coletadas nos blocos 1, 2 e 3	Contribuição do estudo
Analisar se, as características do perfil sociodemográfico dos estudantes influenciam o nível de religiosidade e o nível de desempenho acadêmico, durante o primeiro ano da pandemia;	<i>One-Way ANOVA</i> <i>Teste T</i> <i>Kruskall-Wallis</i> <i>Levene</i> <i>Shapiro-Wilk</i>	
Propor, a partir dos achados deste estudo, ações junto à gestão da Universidade, a fim de contribuir para a melhoria do desempenho dos estudantes.	Análise descritiva	

Fonte: Elaborado pelo autor.

Destaca-se que o primeiro ano de Pandemia, ou seja, 2020, teve a suspensão das aulas na Universidade de março a junho e que depois de junho as aulas iniciaram por meio remoto, sendo que o desempenho dos estudantes, por meio de autopercepção, foi relativo ao primeiro semestre letivo de 2020.

A seguir estão apresentados os resultados da pesquisa.

4 RESULTADOS

Os resultados desta pesquisa foram apresentados em subseções: a primeira contém o perfil sociodemográfico, que compreende as características sociais e demográficas do estudante, na época do período pandêmico; a segunda descreve o perfil e mensuração do nível de religiosidade dos estudantes; a terceira apresenta o nível de desempenho acadêmico dos estudantes; a quarta discorre sobre a relação entre o nível de religiosidade e o nível de desempenho dos estudantes; a quinta enuncia a influência das características do perfil sociodemográfico no nível de religiosidade e no nível de desempenho dos estudantes; e a sexta e última seção propõe, a partir dos achados deste estudo, ações junto à gestão da Universidade, a fim de contribuir para a melhoria do desempenho dos estudantes.

4.1 PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DOS ESTUDANTES

O perfil sociodemográfico dos estudantes que aceitaram participar voluntariamente da pesquisa, através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, está dividido em duas partes: a primeira contempla a análise do perfil dos estudantes com base nas características sociais e demográficas e a segunda abrange o perfil dos estudantes com relação aos aspectos pandêmicos. A Tabela 1 apresenta os dados sociais e demográficos referentes aos 116 alunos que participaram da pesquisa.

Tabela 1 – Perfil dos estudantes.

Sexo						
Feminino	Masculino	Outro	Total			
78 (67,2%)	37 (31,9%)	1 (0,9%)	116 (100%)			
Idade						
Entre 19 e 24 anos	Entre 25 e 28 anos	Entre 29 e 34 anos	Entre 35 e 38 anos	Total		
41 (35,34%)	30 (25,87%)	18 (15,52%)	13 (11,20%)	116 (100%)		
Entre 39 e 44 anos	Entre 45 e 48 anos	Entre 49 e 54 anos	Entre 55 e 58 anos			
9 (7,76%)	1 (0,86%)	2 (1,72%)	2 (1,72%)			
Etnia						
Amarela	Branca	Indígena	Negra	Parda	Não desejo declarar	Total
1 (0,82%)	96 (79,3%)	1 (0,82%)	13 (10,7%)	9 (7,4%)	1 (0,82%)	116 (100%)
Estado Civil						
Casado(a)	Divorciado(a)	Solteiro(a)	Total			

44 (38%)	4 (3,4%)	68 (58,6%)	116 (100%)		
Onde você reside?					
Com familiares	Com os pais	Divide moradia	República	Sozinho	Total
31 (26,7%)	35 (30,2%)	19 (16,4%)	3 (2,6%)	28 (24,1%)	116 (100%)
Como se mantém financeiramente?					
Bolsista	Exerço atividade remunerada	Meus pais (familiares) me ajudam	Outro	Trabalho	Total
10 (8,6%)	83 (71,6%)	11 (9,5%)	11 (9,5%)	1 (0,9%)	116 (100%)
Qual seu Curso?					
Administração	Ciências Contábeis	Ciências Econômicas	Comércio Exterior	Gestão de Cooperativas	Total
49 (42,25%)	30 (25,87%)	25 (21,55%)	9 (7,75%)	3 (2,58%)	116 (100%)

Fonte: Elaborada pelo autor, com dados de pesquisa.

A Tabela 1 apresenta os dados dos estudantes com relação aos aspectos sociais e demográficos, com isso percebe-se que a amostra encontrada na área de negócios indica que a maior parte dos respondentes é do sexo feminino, com 67,2% da amostra final, o sexo masculino representa 31,9% e 0,9% dos respondentes não se encaixam em nenhum dos dois gêneros.

Com relação à idade dos estudantes percebe-se uma crescente, na qual a dimensão de 19 até 24 anos compreende a maior parte dos alunos (35,34%) e essa porcentagem vai diminuindo conforme a idade aumenta até o máximo observado na amostra que foi de 58 anos. Com relação à etnia dos alunos a grande maioria se considera branco(a) (79,3%), seguido por negro(a) (11,2%), pardo(a) (6,9%), sendo que os(as) considerados(as) amarelo(a), indígena ou não deseja se declarar representaram 0,9% cada.

Com relação ao estado civil dos alunos a maioria é solteiro(a) (58,6%), sendo que na sequência encontram-se os alunos(as) casados(as) com 38% da amostra e divorciados(as) com 3,4% da amostra. A maior parte dos alunos reside com seus pais 30,2% ou com familiares (26,7%). A terceira maior classificação mostra que 24,1% dos alunos moram sozinhos, 16,4% dividem a moradia e 2,6% residem em uma república.

Quando questionados sobre como se mantêm financeiramente a maior parte dos estudantes responderam que exercem atividade remunerada (71,6%), já a segunda classificação ficou empatada entre receber ajuda dos pais e outra forma com 9,5%, somente 0,9% dos alunos trabalham.

Por fim, foi identificado a qual curso o estudante está vinculado: a amostra foi composta por 42,25% de estudantes da administração, 25,87% de ciências contábeis, 21,55% de ciências econômicas, 7,75% do curso de comércio exterior e 2,58% de gestão de

cooperativas. A Tabela 2 apresenta os resultados referentes às características derivadas do período pandêmico.

Tabela 2 – Perfil dos estudantes com relação aos aspectos pandêmicos.

Durante a pandemia (ano de 2020) você					
manteve sua residência habitual		retornou para seu município de seus pais/familiares		Total	
104 (89,7%)		12 (10,3%)		116 (100%)	
Durante a pandemia (ano de 2020) você estava realizando alguma atividade presencial?					
Sim		Não		Total	
74 (63,79%)		42 (36,21%)		116 (100%)	
Durante a pandemia (ano de 2020) você fez isolamento?					
Sim		Não		Total	
91 (78,4%)		25 (21,6%)		116 (100%)	
Durante a pandemia (ano de 2020) você esteve privado do convívio familiar?					
Sim		Não		Total	
50 (43,1%)		66 (56,9%)		116 (100%)	
Em algum momento você achou que estava com covid-19?					
Sim		Não		Total	
78 (67,2%)		38 (32,8%)		116 (100%)	
Apresentou algum dos sintomas?					
Sim		Não		Total	
76 (65,5%)		40 (34,5%)		116 (100%)	
Fez o teste para diagnóstico do covid-19?					
Não fez o teste	O teste deu positivo para covid-19		O teste deu negativo para covid-19		Total
43 (37,1%)	31 (26,7%)		42 (36,2%)		116 (100%)
Teve suporte psicológico/psiquiátrico durante a pandemia?					
Sim		Não		Total	
99 (85,3%)		17 (14,7%)		116 (100%)	
Você é considerado uma pessoa do grupo de risco da covid-19?					
Sim		Não		Total	
95 (81,9%)		21 (18,1%)		116 (100%)	
Você realizou alguma atividade física durante a pandemia?					
Sim		Não		Total	
44 (37,9%)		72 (62,1%)		116 (100%)	
Você estudou para alguma disciplina de seu interesse mesmo com o calendário acadêmico suspenso?					
Sim		Não		Total	
11 (9,48%)		103 (90,52%)		116 (100%)	
Dos que responderam sim: Qual?					
Contabilidade Pública	Desenvolvimento Econômico	Empreendedorismo	Marketing	Não especificou	Total
3 (27,27%)	1 (9,09%)	2 (18,18%)	1 (9,09%)	4 (36,37%)	11 (100%)

Fonte: Elaborada pelo autor, com dados de pesquisa.

Conforme descrito na Tabela 2, percebe-se que 10,3% dos alunos entrevistados retornaram ao seu município de origem para ficar com pais e familiares, ao mesmo tempo que 89,7% mantiveram-se na residência atual. Os resultados mostraram que 63,79% dos estudantes, mesmo durante a pandemia, continuaram realizando alguma atividade

presencial, expondo-se ao risco de contrair a Covid-19. Outro resultado evidencia que somente 78,4% dos estudantes fizeram o isolamento social, enquanto 21,6% não realizaram nenhum tipo de isolamento.

Destaca-se que 41,3% dos alunos ficaram privados do convívio familiar, tendo que enfrentar a pandemia e uma nova modalidade de estudos sem o apoio familiar. Dos alunos entrevistados 67,2% acreditaram que em algum momento estiveram com Covid-19; desses, 65,5% apresentaram sintomas da doença, e somente 62,9% realizaram a testagem, tendo em vista que para 36,2% dos alunos o teste deu um resultado negativo e para 26,7% dos alunos o resultado foi positivo. Um resultado relevante é que 85,3% dos alunos tiveram suporte psicológico durante a pandemia, tendo em vista que 81,9% da amostra era considerada grupo de risco. Outro resultado encontrado foi que somente 37,9% dos alunos realizaram atividades físicas durante a pandemia.

Por fim os alunos foram questionados se buscaram estudar para alguma disciplina durante a pandemia, mesmo com o calendário acadêmico suspenso, somente 9,48% da amostra continuou com seus estudos e as principais disciplinas elencadas foram contabilidade pública (27,27%), empreendedorismo (18,18%), desenvolvimento econômico e *marketing* (9,09%) e 36,37% da amostra não especificou.

Ao final na análise do perfil dos estudantes e com base na literatura analisada nesta pesquisa podem ser analisados alguns resultados. A primeira constatação foi que as universidades enfrentaram várias dificuldades durante o período pandêmico. Pontua-se que as mais desafiadoras foram: a transição para o ensino *online*, pressão financeira, saúde e segurança para todos os estudantes e funcionários, interrupção das pesquisas e atividades acadêmicas e a pressão emocional e de saúde mental (OSTI; PONTES JR.; ALMEIDA, 2021; CAPELATO, 2021).

Quanto à transição para o ensino *online*, as universidades foram forçadas de maneira repentina a adotarem o ensino *online* mesmo com diversos professores não estando familiarizados com as tecnologias necessárias e para os alunos que não tinham acesso adequado à internet ou equipamentos tecnológicos (NICOLINI; MEDEIROS, 2021). A pressão financeira apareceu quando as universidades tiveram que lidar com a perda de receita, incluindo a queda na matrícula, e isso afetou a capacidade das universidades de oferecerem serviços e recursos necessários aos estudantes (PALMEIRA; SILVA; RIBEIRO, 2020).

A saúde e segurança dos estudantes e funcionários foi um desafio, pois mesmo que as universidades tenham tomado medidas para garantir a segurança dos estudantes e

funcionários durante a pandemia, ainda foi um aspecto desafiador, pois envolvia a distribuição de equipamentos e a implementação de protocolos de distanciamento social antes desconhecidos (SCHLEMMER; OLIVEIRA; MENEZES, 2021). A interrupção das pesquisas e atividades acadêmicas pode ter afetado o progresso e o cronograma de muitos projetos de pesquisa e programas acadêmicos (PALMEIRA; SILVA; RIBEIRO, 2020).

Por fim, a pressão emocional e de saúde mental remete ao que os professores enfrentaram durante a pandemia enquanto se adaptavam à nova realidade de trabalho com falta de conexão social, aumento de cobranças e estresse, que resultaram em crises de ansiedade (PALMEIRA; SILVA; RIBEIRO, 2020). Na sequência são apresentados os resultados referentes à religiosidade. Tendo em vista esse panorama das universidades, por sua vez os alunos também enfrentavam seus próprios problemas para seguirem com seus estudos.

Ao observar os resultados desta pesquisa e a literatura científica percebe-se que o período pandêmico foi complicado para os estudantes universitários, especialmente devido à necessidade de se adaptarem às novas formas de aprendizado em meio a uma crise global sem precedentes. As escolas e universidades tiveram que rapidamente fazer a transição para o ensino *online*, o que foi difícil para muitos estudantes que não estão acostumados com esse formato de aprendizagem (OSTI; PONTES JR.; ALMEIDA, 2021).

Os estudantes enfrentaram dificuldades para lidar com a incerteza e a ansiedade causadas pela pandemia, incluindo problemas de saúde, perda de empregos e outras dificuldades econômicas, além de preocupações com a saúde de familiares e amigos (SALES; CASTRO, 2021). Todos esses fatores podem ter afetado negativamente o desempenho acadêmico e o bem-estar emocional dos estudantes durante a pandemia (SALES; CASTRO, 2021).

Tendo em vista que muitos estudantes tiveram que modificar suas rotinas para continuar seus estudos durante a pandemia. Isso pode ter incluído a adoção de práticas de higiene mais rigorosas, como lavar as mãos com frequência, usar máscaras e evitar aglomerações (OSTI; PONTES JR.; ALMEIDA, 2021). Ao se adaptarem às novas formas de aprendizagem *online* foi necessário encontrar maneiras de se manterem motivados e engajados em seus estudos em casa, e isso está alinhado à criação de um espaço de estudo, estabelecimento de horários regulares para estudar, participação em grupos de estudos virtuais e a busca por recursos *online* para ajudá-los a aprender (SCHLEMMER; OLIVEIRA; MENEZES, 2021). Também pode ter sido necessário fazer ajustes em sua vida pessoal e social, como reduzir a quantidade

de tempo gasto em atividades sociais e se adaptar às novas formas de interação social *online*. Esse estudo aponta como principais desafios dos estudantes:

- **Ajuste ao ensino à distância:** os estudantes universitários não estavam acostumados com o ensino à distância e tiveram que se adaptar rapidamente às novas formas de aprendizado *online*, inclusive muitos apresentaram dificuldades de acesso à internet ou com falta de tecnologia adequada (SCHLEMMER; OLIVEIRA; MENEZES, 2021).
- **Isolamento social:** o isolamento social e o distanciamento físico foram necessários para ajudar a conter a propagação da COVID-19, mas a falta de interação social e a perda de eventos sociais importantes, como festas, formaturas e jogos esportivos gerou sentimentos de solidão e desconexão aos estudantes (SALES; CASTRO, 2021; PALMEIRA; SILVA; RIBEIRO, 2020).
- **Problemas financeiros:** como aconteceu com muitas pessoas os estudantes universitários perderam empregos e tiveram que lidar com redução de renda (NICOLINI; MEDEIROS, 2021).
- **Saúde mental:** a pandemia foi o estopim de uma série de problemas de saúde mental, incluindo ansiedade, depressão e estresse. Especialmente a falta de contato social e a incerteza em relação ao futuro contribuíram com esses problemas (SALES; CASTRO, 2021).
- **Falta de oportunidades de estágio e emprego:** as oportunidades de estágio e emprego se tornaram raras dificultando a possibilidade de adquirir experiência e construir uma rede profissional (NICOLINI; MEDEIROS, 2021).
- **Dificuldades em manter a motivação e o foco:** Com a transição para o ensino *online* e a interrupção das atividades universitárias normais, muitos estudantes universitários tiveram dificuldades em manter a motivação e o foco em seus estudos (OSTI; PONTES JR.; ALMEIDA, 2021; CAPELATO, 2021).

Não bastando tais desafios muitos alunos enfrentaram um atraso na conclusão do curso devido ao não encerramento do semestre ou ao atraso no início do semestre subsequente (OSTI; PONTES JR.; ALMEIDA, 2021). Tal fato levou muitos alunos a buscarem formas de relaxar, buscar saúde mental e acalmar a ansiedade, sendo que essas foram algumas das formas com as quais a religião colaborou com os estudantes

universitários durante o período pandêmico. Na sequência são apresentados os níveis de religiosidade dos estudantes.

4.2 NÍVEL DE RELIGIOSIDADE DOS ESTUDANTES

Para verificar o nível de religiosidade foram realizados 10 questionamentos aos estudantes, dentre eles cinco foram realizados para verificar o perfil religioso e os outros cinco questionamentos são referentes à Escala DUREL. A Tabela 3 apresenta os resultados encontrados na pesquisa.

Tabela 3 – Características religiosas

Você acredita em Deus?				
Sim		Não		Total
101 (87,1%)		15 (12,9%)		116 (100%)
Se sim, a quanto tempo?				
Há 5 anos	Há mais de 10 anos	Sempre acreditei		Total
2 (1,98%)	15 (14,85%)	84 (83,17%)		101 (100%)
Qual sua religião?				
Católico	Espírita	Evangélico	Protestante	Total
20 (17,2%)	12 (10,3%)	19 (16,4%)	4 (3,4%)	
Outro	Sem religião, mas espiritualizado	Ateu		116 (100%)
10 (8,6%)	42 (36,2%)	9 (7,8%)		
O quanto você se considera uma pessoa religiosa? Você diria que é:				
Não religioso	Pouco religioso	Moderadamente religioso	Muito religioso	Total
25 (21,6%)	32 (27,6%)	42 (36,2%)	17 (14,7%)	116 (100%)
No primeiro semestre da pandemia você se percebeu mais religioso?				
Sim		Não		Total
31 (26,7%)		85 (73,3%)		116 (100%)

Fonte: Elaborado pelo autor, com dados de pesquisa.

Como pôde ser observado na Tabela 3 durante a pesquisa os estudantes foram questionados acerca da sua crença em Deus, sendo que 87,1% dos alunos afirmaram que acreditam em Deus, e 12,9% não acreditam. Dos estudantes que acreditam em Deus 83,17% sempre acreditaram, 14,85% acreditam em Deus há mais de 10 anos e 1,98% acreditam há mais de 5 anos.

Com relação à religião a maior parte dos alunos não tem uma religião, mas acredita em Deus (36,2%), a religião mais representativa é a católica com 17,2% da amostra, seguida pela religião evangélica com 16,4%, espírita com 10,3%, protestante com 3,4% e 8,6% pertencentes a outra religião. Não foram encontrados estudantes pertencentes à religião

judia, muçulmana e budista e, além disso, 7,8% dos alunos se consideram ateus, isso é, não acreditam em Deus.

Com relação aos alunos percebeu-se que 21,6% não são religiosos, 27,6% são pouco religiosos, 14,7% são muito religiosos e a maior parte da amostra (36,2%) se considera moderadamente religioso. Ainda 26,7% dos alunos acreditam que durante o primeiro semestre da pandemia perceberam-se mais religiosos, e a maioria (73,3%), não se percebeu mais religioso. Buscando aprofundar a análise, foi aplicada a Escala DUREL, os resultados, os quais são apresentados na Tabela 4.

Tabela 4 – Características religiosas de acordo com a Escala DUREL.

Escala DUREL – Dimensão: Religiosidade Organizacional						
A1 - Na pandemia (ano de 2020), com que frequência você foi a uma igreja, templo ou outro encontro religioso (presencial ou <i>on-line</i>)?						
Mais do que 1 vez por semana	1 vez por semana	2 a 3 vezes por mês	Algumas vezes por ano	1 vez por ano ou menos	Nunca	Total
6 (5,2%)	6 (5,2%)	5 (4,3%)	10 (8,6%)	11 (9,5%)	78 (67,2%)	116 (100%)
Escala DUREL – Dimensão: Religiosidade Não-Organizacional						
B1 - Com que frequência na pandemia (ano de 2020), você dedicou o seu tempo as atividades religiosas individuais, como preces, rezas, meditações, leitura da bíblia ou de outras práticas religiosas?						
Mais do que 1 vez ao dia	Diariamente	2 ou mais vezes por semana	1 vez por semana	Poucas vezes por mês	Raramente ou nunca	Total
6 (5,2%)	25 (21,6%)	11 (9,5%)	10 (8,6%)	18 (15,5%)	46 (39,7%)	116 (100%)
Escala DUREL – Dimensão: Religiosidade Intrínseca						
C1 - Em minha vida, eu sinto a presença de Deus (ou do Espírito Santo).						
Totalmente verdade para mim	Em geral é verdade	Não estou certo	Em geral não é verdade	Não é verdade		Total
47 (40,5%)	33 (28,4%)	11 (9,5%)	11 (9,5%)	14 (12,1%)		116 (100%)
C2 - As minhas crenças religiosas estão realmente por trás de toda a minha maneira de viver.						
Totalmente verdade para mim	Em geral é verdade	Não estou certo	Em geral não é verdade	Não é verdade		Total
35 (30,2%)	33 (28,4%)	12 (10,3%)	12 (10,3%)	24 (20,7%)		116 (100%)
C3 - Eu me esforço muito para viver a minha religião em todos os aspectos da vida.						
Totalmente verdade para mim	Em geral é verdade	Não estou certo	Em geral não é verdade	Não é verdade		Total
27 (23,3%)	24 (20,7%)	17 (14,7%)	15 (12,9%)	33 (28,4%)		116 (100%)

Fonte: Dados de pesquisa.

De acordo com a Tabela 4 a primeira dimensão observada da Escala Durel é a religiosidade organizacional, que de acordo com Koenig e Büssing (2010), é o reflexo de quanto o estudante participa de encontros religiosos como cultos, missas e grupos de oração. Os resultados mostram que, com relação à religiosidade organizacional, a maior parte dos estudantes (67,2%) nunca participa, outros resultados são de 9,5% que participam uma vez por ano ou menos, 8,6% participam algumas vezes ao ano. Mesmo com a maioria dos alunos demonstrando pouca assiduidade, 5,2% participavam de encontros mais do que uma vez por

semana, outros 5,2% mostraram que frequentaram semanalmente encontros religiosos e 4,3% participavam de 2 a 3 vezes por mês. Com uma frequência maior Souza *et al.* (2022) constataram que 36,2% dos docentes e discentes analisados vão a igreja 1 vez por semana ou mais comparado aos 10,4% deste estudo.

Com relação à segunda dimensão, da Religiosidade Não-Organizacional, que observa se o estudante se dedica à prática da sua religião, percebe-se que 39,7% nunca ou raramente dedicam tempo à religião, porém 21,6% dedicam-se diariamente a sua religião, 15,5% dedicam poucas vezes ao mês, 9,5% se dedicam à religião 2 ou mais vezes por semana, 8,6% se dedicam 1 vez por semana e 5,2% se dedicam mais de uma vez ao dia. Os resultados se apresentam em sentido de involução aos encontrados por Souza *et al.* (2022), em que 45,4% dos 390 docentes e discentes analisados se dedica diariamente às atividades religiosas.

Por fim, a última dimensão da DUREL está relacionada à Religiosidade Intrínseca, que representa o grau de compromisso ou motivação religiosa pessoal (KOENIG; BÜSSING, 2010). Nesta dimensão foram realizados três questionamentos: o primeiro questiona se o estudante sente a presença de Deus em sua vida onde, para 40,5% dos estudantes sentem a presença de Deus, 28,7% geralmente acreditam que sentem a presença de Deus, 9,5% ou não está certo, ou acredita que em geral não sente a presença de Deus e 12,1% não sentem a presença de Deus em suas vidas. Comparativamente ao estudo de Souza *et al.* (2022) nota-se uma redução daqueles que sentem a presença de Deus, dado que os autores evidenciaram 74,4% dos docentes e discentes analisados, em contrapartida com os 40,5% deste estudo.

O questionamento seguinte verifica que as crenças religiosas dos estudantes estão por trás de toda a sua maneira de viver. Os índices mais altos indicam que para 30,2% dos estudantes a afirmativa é totalmente verdadeira, para 28,4% geralmente é verdade, em contraponto 20,7% acreditam que não é verdade e 10,3% indicaram que geralmente não é verdade. Em especial 10,3% não estava certo sobre sua resposta.

Já a última afirmativa questionava se o estudante se esforçava para viver sua religião em todos os aspectos de sua vida. A maior parte dos alunos indicou que não (28,4%), e 12,9% indicaram que geralmente não, mas, 23,3% indicaram que sim, e 20,7% indicaram que geralmente sim, enquanto 14,7% não estava certo de sua resposta.

A partir das respostas foi calculada a estatística descritiva, que está apresentada na Tabela 5, a seguir.

Tabela 5 – Estatística descritiva das três dimensões da religiosidade.

Religiosidade	Obs.	Mín.	Máx.	Média	Mediana	Moda	Desvio-Padrão
Organizacional	116	0	5	0,86	0	0	1,491
Não-Organizacional	116	0	5	1,73	1	0	1,766
Intrínseca	116	0	4	2,37	2,67	4	1,35

Fonte: Elaborada pelo autor, com dados de pesquisa.

Como pode ser observado na Tabela 5 e a partir das classificações de Moreira-Almeida *et al.* (2008), as médias apresentadas sobre a religiosidade mostraram-se baixas, a média para a Religiosidade Organizacional, conforme os pressupostos de Koenig e Büssing (2010), foi de 0,86, indicando que grande parte dos alunos não participa de encontros religiosos físicos, como cultos, missas, grupos de oração. A mediana que indica o ponto médio das respostas foi zero, assim como a moda que é o valor das respostas que mais se repete. Tendo em vista que o desvio padrão foi de 1,491, entende-se que mesmo que a maior parte dos alunos não pratique a religiosidade organizacional ainda existem alunos que participam ativamente e que alavancam o índice.

Dando sequência às observações da Tabela 5 da Religiosidade Não-Organizacional, que se refere-se à atividade religiosa privada, pessoal e que pode ser feita individualmente como orar/rezar, estudar as escrituras, assistir programas de TV religiosos, percebe-se que a média foi de 1,73 o que indica uma fraca religiosidade Não-Organizacional, de acordo com a classificação de Moreira-Almeida *et al.* (2008); o mesmo se reflete na mediana que é 1, porém, novamente a moda foi zero, o que indica que os alunos não praticam esse meio de religiosidade. Ao mesmo tempo, o desvio padrão foi novamente elevado (1,766), indicando que existem alunos que praticam a Religiosidade Não-Organizacional e outros que não praticam.

Por fim, a Religiosidade Intrínseca, que se relaciona ao grau de compromisso ou motivação religiosa pessoal (KOENIG; BÜSSING, 2010), mostrou ser a maior média entre as três dimensões (2,37), tendo em vista que a escala variava entre 0 e 4 percebendo-se uma tendência positiva com relação às respostas dos alunos. Para reforçar, a Religiosidade Intrínseca dos estudantes demonstrou uma mediana de 2,67 indicando que o ponto médio das respostas foi superior à média encontrada; já a moda foi 4, indicando os estudantes que responderam a amostra indicaram fortemente sua posição religiosa. O desvio-padrão nessa questão foi de 1,35, menor que as duas dimensões anteriores, indicando que as respostas mostraram menos variação entre os estudantes.

A Tabela 6 apresenta o nível de religiosidade, em termos percentuais, das três dimensões analisadas.

Tabela 6 – Nível de religiosidade

Religiosidade	Obs.:	Soma relativa	% relativo	Soma máxima	% Total
Organizacional	116	100	17,2	580	100%
Não-Organizacional	116	201	34,7	580	100%
Intrínseca	116	824	59,2	1.392	100%

Fonte: Dados de pesquisa.

A Tabela 6 apresenta o nível de religiosidade de cada uma das três dimensões, em termos percentuais. A Religiosidade Organizacional demonstrou um índice baixo, com um nível percentual de 17,2% do total possível de respostas dentre os respondentes. De acordo com Koenig *et al.* (1997) (que foi o criador da primeira versão da DUREL) e Lucchetti *et al.* (2012) (que já discutiram a escala no Brasil) quando a religiosidade organizacional apresenta uma porcentagem abaixo de 20% são fortes os indícios que a população investigada, no caso os alunos de graduação, possui pouco ou nenhum envolvimento com uma instituição religiosa formal (igreja, templo, mesquita ou sinagoga), ou eventos organizados por ela.

A ausência da religiosidade organizacional pode refletir possíveis estados sociais dos alunos como a falta de conexão com uma comunidade religiosa que é um espaço para criar amizades e conexões com outras pessoas que compartilham das mesmas crenças; a falta de orientação espiritual e moral que é fornecida pelas instituições religiosas para que os seus membros tenham respostas sobre questionamentos sobre a vida e a existência; o fortalecimento da identidade individual e significado; e a falta de estrutura e disciplina para a vida dos membros, para que estabeleçam hábitos saudáveis e responsabilidades pessoais (OLIVEIRA, 2017).

Para Flexor, Rodrigues, Silva (2020), durante o período pandêmico as igrejas evangélicas pregaram diversos assuntos de cunho moral, assim como influenciaram as políticas sociais e buscaram melhorias de bens públicos como saúde e educação, de acordo com o que elas acreditavam ser o correto, muitas vezes excluindo o que não estava alinhado à “palavra de Deus”. Tendo em vista o momento histórico propiciado pela COVID-19, entende-se, observando os resultados, que muitos estudantes podem não ter se engajado às instituições religiosas devido ao afastamento social ou por não concordarem com a orientação espiritual e moral que é fornecida pelas instituições religiosas que é contrária aos valores relevantes dos estudantes (NASCIMENTO; ROAZZI, 2014).

Os resultados obtidos nesta pesquisa corroboram com as indicações de Ribeiro (2009) e Moreira-Almeida *et al.* (2008), mostrando que o público universitário apresenta uma redução na adesão religiosa e uma menor aceitação da imagem de autoridade das igrejas. Uma porcentagem expressiva de universitários ainda acredita num ser transcendente e as religiões só são consideradas significativas se/quando contribuem para a experiência pessoal de fé (RIBEIRO, 2009; MOREIRA-ALMEIDA *et al.*, 2008).

No caso da Religiosidade Não-Organizacional que representa a adesão à prática religiosa individual ou não institucionalizada, foi calculado um nível de 34,7% que segundo Koenig *et al.* (1997) e Lucchetti *et al.* (2012) é baixo. Um nível baixo de Religiosidade Não-Organizacional mostra indícios que os estudantes não realizam práticas espirituais como orações, meditação ou atividades que promovem a conexão espiritual; a falta de conexão com o divino que paralelamente promove uma visão sobre o significado e propósito na vida; o aumento da espiritualidade pessoal que serve como catalizador para que o indivíduo obtenha paz interior, aumento da resiliência emocional que em especial nesse período fornece conforto e esperança em momentos de dificuldade e incerteza; e por fim o desenvolvimento de valores e crenças pessoais que podem orientar suas escolhas e comportamentos (KOENIG *et al.*, 1997; MOREIRA-ALMEIDA *et al.*, 2008).

De acordo com as indicações de Fleury *et al.* (2018), seria relevante aos estudantes praticarem a religiosidade não-organizacional com o intuito de obter satisfação com a vida, e adotar estratégias para enfrentamento da pandemia, diminuindo os sentimentos negativos. Tendo em vista que a vida universitária por si só já é repleta de transformações, adaptações e acompanha altos níveis de estresse e ansiedade, a prática religiosa fornece suporte emocional, promovendo bem-estar físico e mental (ZENEVICZ; MORIGUCHI; MADUREIRA, 2013).

A última dimensão é a Religiosidade Intrínseca que representa o nível mais profundo de envolvimento religioso, referente ao compromisso interno e pessoal com uma crença religiosa: a análise mostra um nível de Religiosidade Intrínseca de 59,2% que se destacou dentre as três dimensões analisadas, de acordo com Koenig *et al.* (1997) e Lucchetti *et al.* (2012), o nível é considerado regular (tendo em vista que acima de 60% é considerado um nível alto de religiosidade). Desta forma, percebe-se que os universitários seus valores e crenças pessoais influenciados por sua crença possuem aumento no senso de propósito e significado na vida que promove a sensação de bem-estar, satisfação e saúde mental (MOREIRA-ALMEIDA *et al.*, 2008).

Estudos anteriores como o estudo de Machado *et al.* (2018), indicam que existem uma associação negativa entre bem-estar subjetivo e Religiosidade Intrínseca na medida que a religião está impregnada de julgamentos sobre o certo e o errado, sobre o pecador e o santo, sobre o abominável e o glorificável. Da mesma forma Berkenbrock e Costa (2018), indicam que a entrada na universidade favorece aos estudantes o engajamento religioso e a ressignificação de crenças e práticas podem levar a movimentos como o trânsito religioso ou até mesmo o abandono da religião.

Observando os resultados desta pesquisa em comparação com os obtidos por Lucchetti, Lucchetti e Avezum (2011), percebe-se que a religiosidade vai diminuindo entre os universitários com o passar do tempo, no caso desta pesquisa, mesmo que as rotinas tenham se alterado em decorrência da pandemia e do isolamento social. Além disso, contrário aos resultados obtidos por Rost (2021), esse estudo indica que a religiosidade organizacional e não-organizacional dos estudantes diminuiu durante a pandemia, sendo que somente a religiosidade intrínseca mostrou resultados similares a outros estudos como os de Lucchetti *et al.* (2012).

Desta forma, acredita-se que a amostra de estudantes que participaram desta pesquisa estão se afastando de instituições religiosas devido à intransigência dos representantes com relação a diversos temas como sexualidade (MACHADO *et al.*, 2018), e fazendo com que os universitários desenvolvam sua religiosidade individualmente conforme suas crenças pessoais (MOREIRA-ALMEIDA *et al.*, 2008). Infelizmente, esse abandono priva os estudantes de criarem laços e formarem uma comunidade com pessoas que tenham a mesma forma de ver e viver a religiosidade.

4.3 NÍVEL DE DESEMPENHO DOS ESTUDANTES

A verificação do desempenho discente foi realizada por meio da aplicação da Escala de Autoavaliação de Desempenho Acadêmico (EADA), que foi respondida através da autopercepção dos estudantes que responderam à pesquisa. A Tabela 7 apresenta as características das respostas relacionadas ao desempenho discente.

Tabela 7 – Características do desempenho discente

1 - Tirava boas notas sem dificuldades.					
Discordo Totalmente	Discordo	Não concordo e nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Total
11 (9,5%)	18 (15,5%)	26 (22,4%)	44 (37,9%)	17 (14,7%)	116 (100%)

2 - Tinha aprendido todo o conteúdo e alcançado as notas que desejava.					
Discordo Totalmente	Discordo	Não concordo e nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Total
14 (12,1%)	26 (22,4%)	24 (20,7%)	42 (36,2%)	10 (8,6%)	116 (100%)
3 - Considerava-me um estudante com bom comportamento.					
Discordo Totalmente	Discordo	Não concordo e nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Total
4 (3,4%)	9 (7,8%)	13 (11,2%)	51 (44%)	39 (33,6%)	116 (100%)
4 - Estava com as matérias em dia, por isso tirava boas notas.					
Discordo Totalmente	Discordo	Não concordo e nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Total
13 (11,2%)	22 (19%)	32 (27,6%)	38 (32,8%)	11 (9,5%)	116 (100%)
5 - Embora minhas notas fossem boas, queria sempre aumentá-las.					
Discordo Totalmente	Discordo	Não concordo e nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Total
9 (7,8%)	17 (14,7%)	33 (28,4%)	36 (31%)	21 (18,1%)	116 (100%)
6 - Esforçava-me bastante em meus estudos.					
Discordo Totalmente	Discordo	Não concordo e nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Total
6 (5,2%)	21 (18,1%)	30 (25,9%)	39 (33,6%)	20 (17,2%)	116 (100%)
7 - Minhas notas eram boas em todas as matérias.					
Discordo Totalmente	Discordo	Não concordo e nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Total
11 (9,5%)	35 (30,2%)	33 (28,4%)	25 (21,6%)	12 (10,3%)	116 (100%)
8 - Considero que me dava bem nos estudos, pois nunca fiquei em exame.					
Discordo Totalmente	Discordo	Não concordo e nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Total
26 (22,4%)	42 (36,2%)	20 (17,2%)	19 (16,4%)	9 (7,8%)	116 (100%)
9 - Estudava para tirar as melhores notas.					
Discordo Totalmente	Discordo	Não concordo e nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Total
12 (10,3%)	25 (21,6%)	31 (26,7%)	37 (31,9%)	11 (9,5%)	116 (100%)
10 - Todos me admiram pelo meu excelente desempenho.					
Discordo Totalmente	Discordo	Não concordo e nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Total
19 (16,4%)	36 (31%)	44 (37,9%)	14 (12,1%)	3 (2,6%)	116 (100%)
11 - Tinha bom desempenho porque tive bons professores.					
Discordo Totalmente	Discordo	Não concordo e nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Total
9 (7,8%)	20 (17,2%)	40 (34,5%)	37 (31,9%)	10 (8,6%)	116 (100%)
12 - Fiz todas as minhas tarefas, por isso obtive boas notas.					
Discordo Totalmente	Discordo	Não concordo e nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Total
10 (8,6%)	14 (12,1%)	19 (16,4%)	57 (49,1%)	16 (13,8%)	116 (100%)
13 - Estava satisfeito(a) com meu desempenho.					
Discordo Totalmente	Discordo	Não concordo e nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Total
16 (13,8%)	20 (17,2%)	26 (22,4%)	43 (37,1%)	11 (9,5%)	116 (100%)
14 - Pensava que meus resultados em atividades e provas são bons.					
Discordo Totalmente	Discordo	Não concordo e nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Total
10 (8,6%)	21 (18,1%)	29 (25%)	42 (36,2%)	14 (12,1%)	116 (100%)
15 - Gostava de perguntar aos professores sobre o assunto que estava aprendendo.					
Discordo Totalmente	Discordo	Não concordo e nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Total
13 (11,2%)	23 (19,8%)	34 (29,3%)	40 (34,5%)	6 (5,2%)	116 (100%)
16 - Aprender coisas novas fazia com que eu tirasse boas notas.					

Discordo Totalmente	Discordo	Não concordo e nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Total
10 (8,6%)	16 (13,8%)	45 (38,8%)	43 (37,1%)	2 (1,7%)	116 (100%)
17 - Procurava sempre aprender mais sobre os assuntos que estudo.					
Discordo Totalmente	Discordo	Não concordo e nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Total
11 (9,5%)	20 (17,2%)	35 (30,2%)	39 (33,6%)	4 (3,4%)	116 (100%)
18 - Pensava que era bom aluno, pois tenho tirado boas notas.					
Discordo Totalmente	Discordo	Não concordo e nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Total
11 (9,5%)	24 (20,7%)	42 (36,2%)	41 (35,3%)	5 (4,3%)	116 (100%)

Fonte: Elaborada pelo autor, com dados de pesquisa.

Conforme apresenta a Tabela 7 é possível perceber que alguns aspectos relacionados ao desempenho são mais positivos e outros negativos. Observando as seis primeiras afirmativas percebe-se que a maioria dos estudantes concorda que tirava boas notas sem dificuldade (37,9%), que tinha aprendido o conteúdo e alcançado as notas que desejava (36,2%), que se considerava um estudante com bom comportamento (44%), que tirava boas notas por estar com a matéria em dia (32,8%), buscava aumentar as notas, mesmo sendo boas (31%) e esforçava-se bastante nos estudos (33,6%).

As respostas que tiveram mais representatividade nas perguntas de sete a onze são apresentadas na sequência. A questão seguinte verifica se os alunos têm um bom desempenho em todas as disciplinas, pois a maior parte discorda (30,2%); da mesma forma a maior parte dos alunos discorda que se dava bem nos estudos, pois nunca ficaram em exame (36,2%). Mas, ao mesmo tempo estudavam para tirar as melhores notas (31,9%). Porém, as perguntas relacionadas à admiração acerca do desempenho individual e a influência dos professores pelas boas notas mostraram que a maior parte não concorda e nem discorda (37,9%).

Nas perguntas de 12 a 15 o principal resultado foi o de concordância entre os alunos, visto que a primeira questão indicava que os estudantes obtiveram boas notas devido à realização das tarefas (49,1%), a segunda mostra a satisfação com o seu desempenho (37,1%), a terceira representa o quanto os resultados nas provas e atividades são positivos (36,2%), e a última era se os alunos gostavam de realizar perguntas para os professores para testar seu conhecimento (34,5%).

Por fim, as três últimas questões. A questão 16 questiona se a descoberta de novos ensinamentos estimulava um bom desempenho, porém 38,8% não concordam e nem discordam. Questionados se os alunos buscam aprender mais sobre os assuntos estudados, 33,6% concordaram. E a última questão mostra que não concordam e nem discordam sobre se eram bons alunos devido a seus resultados (notas).

A Tabela 8 apresenta a estatística descritiva do desempenho dos estudantes.

Tabela 8 – Estatística descritiva do desempenho dos estudantes

	Obs.	Mín.	Máx.	Média	Mediana	Moda	Desvio-Padrão
Desempenho dos Estudantes	116	1	4,833	3,1389	3,1778	3,33	0,78

Fonte: Elaborada pelo autor, com dados de pesquisa.

De acordo com a indicação da Souza (2013), na EADA a média 1 significa que o desempenho do aluno foi péssimo e a média 5 significa um desempenho ótimo. Observando os resultados apresentados na Tabela 8 percebe-se que a média referente ao nível de desempenho dos estudantes foi de 3,1389, ou seja, ficou acima do ponto neutro (3), com tendência positiva, independentemente de eles estarem em um momento delicado, devido à pandemia. Conforme Meurer *et al.* (2018) apesar da pandemia os estudantes ainda mostram indícios de que obtiveram notas regulares, mantendo uma coesão de compreensão de conteúdos, atenção nas tarefas, entre outros que teriam ao estar em sala de aula no formato presencial.

Observando as demais informações estatísticas é possível ter uma visão mais ampla, pois pela mediana obtém-se a confirmação de que o ponto médio da amostra foi de 3,1778, um pouco superior à média encontrada, sendo que isso mostra que mais alunos tiveram notas superiores do que a média apresentada, e que a média pode ter sido influenciada por menos alunos com notas muito ruins. A moda apresentada foi de 3,33 indicando também uma tendência mais positiva que as outras informações estatísticas. Nesta variável o desvio padrão foi de 0,78, indicando harmonia entre as respostas e respondentes. A Tabela 9 apresenta o nível de desempenho, em termos percentuais.

Tabela 9 - Nível de Desempenho

Desempenho Acadêmico	obs.:	soma relativa	% relativo	soma máxima	% Total
	116	6.554	62,78%	10.440	100%

Fonte: Elaborada pelo autor, com dados de pesquisa.

Observando a Tabela 9, que apresenta as somas relativas da amostra, se percebe que as respostas atingiram 62,78%, uma vez que este nível evidencia uma tendência positiva, indicando que a maior parte dos alunos compreende que seu desempenho foi positivo durante a pandemia. Compreende-se que o desempenho dos estudantes é influenciado pelas relações que tem com questões familiares, sociedade e experiências escolares (RIVIKIN;

HANUSHEK; KAIN, 2005), e devido ao advento da pandemia alguns estudantes puderam ter mais tempo em suas casas, outros com familiares, outros com atividades extracurriculares e para muitos alunos esses fatos foram positivos.

A pandemia deixou estudantes e professores em crise, pois estes necessitaram se readaptar às novas rotinas de trabalho e aprendizado (SCHUCHMANN *et al.*, 2020), isso é inegável, mas com o decorrer do tempo foram observados elementos que possibilitaram aos estudantes terem vantagens no novo cenário vivenciado, tais como:

- **Ganho de tempo:** devido à não ser necessário sair de casa e enfrentar o trânsito para ir à universidade os estudantes conseguiram adquirir mais tempo para estudo e sua rotina diária (IRALA; MENA, 2021).
- **Aproximação com a família:** a COVID-19 tornou o contato com familiares mais ativo, devido ao medo de infecção, mas ao mesmo tempo ampliou o carinho e dedicação entre os estudantes e suas famílias (NICOLINI, MEDEIROS, 2021).
- **Qualificação:** com a suspensão das aulas alguns estudantes buscaram aprimorar sua educação através de cursos e seminários *online* (SALES; CASTRO, 2021; OSTI; PONTES JR.; ALMEIDA, 2021).
- **Ambiente propício:** mesmo que muitos estudantes mostrassem muitas dificuldades em função do ambiente, também houve estudantes que, devido ao afastamento social, conseguiram estudar com maior eficácia e foco, devido ao não compartilhamento de espaço físico com os colegas, que em alguns momentos distraiam o estudante da aula (PALMEIRA; SILVA; RIBEIRO, 2020).
- **O ensino remoto:** o ensino remoto foi a maior mudança, muitos alunos que não poderiam comparecer às aulas tiveram oportunidade de estudar, mesmo distante da universidade, especialmente alunos com rotinas muito agitadas, que conseguiram aproveitar essa oportunidade para acompanhar as aulas (SALES; CASTRO, 2021; PALMEIRA; SILVA; RIBEIRO, 2020; SCHLEMMER; OLIVEIRA; MENEZES, 2021).

Ao mesmo tempo que enfrentar uma crise global foi muito prejudicial para os estudantes, ela também possibilitou novas formas de estudar. Analisando os resultados discentes percebe-se que, com a flexibilidade de horários, o desempenho dos alunos foi melhor, sendo que alguns fatores podem ter influenciado tal resultado, como por exemplo: a

facilidade de acesso à recursos *online*; também a interação entre professores e alunos foi maior do que somente em sala de aula, pois como as atividades ocorriam no meio *online* ficou mais comum a utilização de *e-mail*, *chat*, fórum, *whatsApp*, *Moodle etc.*

Na mesma direção, houve aumento da autonomia e responsabilidade dos estudantes que deveriam desenvolver as atividades, tendo em vista o gerenciamento de tempo, priorizar tarefas e trabalhar de forma independente, também houve redução de custos como o de deslocamento e de moradia.

Mesmo assim, os resultados não apresentaram o melhor desempenho (5 pontos), como pode ser visto pelos resultados da média, moda e mediana, pois menos alunos tiveram resultados piores, o que demonstra que enfrentaram problemas para conseguir acompanhar as aulas como deveriam. Cabe uma reflexão sobre os fatores que podem afetar o desempenho dos alunos negativamente, pois alguns são inversos aos indicados como favoráveis ao desempenho, como:

- **Falta de interação social:** no ambiente universitário a integração presencial com colegas e professores pode trazer diversas vantagens ao aluno como a criação de laços afetivos, compor uma rotina e aumentar a motivação do aluno, e desta forma engajando-o mais na conclusão do curso (SALES; CASTRO, 2021; CAPELATO, 2021).
- **Falta de suporte técnico:** no ensino presencial o aluno estando presente em sala de aula já é o suficiente para garantir a apreciação do conhecimento, no ensino à distância o aluno enfrenta barreiras como ambiente, equipamento (computador, *internet*, energia elétrica) e pode não conseguir acompanhar a disciplina (SANTOS *et al.*, 2020).
- **Falta de acesso aos recursos necessários:** os estudantes também não tiveram acesso aos acervos da universidade, e ficam restritos aos estudos que estão disponíveis no meio digital. Em casos de cursos que utilizassem laboratório foi ainda mais delicada a situação, pois acabam por não ter a experiência prática, que é muito importante em diferentes cursos (NICOLINI, MEDEIROS, 2021).
- **Dificuldade de manter a disciplina:** muitos estudantes, especialmente aqueles que tem filhos pequenos encontraram dificuldades em acompanhar as disciplinas, pois durante as aulas eram interrompidos por seus familiares, que não conseguiam

compreender a importância da aula na formação do estudante (SANTOS *et al.*, 2020; SALES; CASTRO, 2021).

Tendo em vista os resultados e as possíveis causas do desempenho relatado pelos estudantes entendem-se que a mudança brusca para o ensino remoto foi desafiadora, e ao mesmo tempo que muitos alunos apresentaram diversas dificuldades de adaptação, outros conseguiram se adaptar e ainda obter um resultado ainda melhor. Essa discussão mostra que é possível que os cursos possam adaptar as suas aulas para melhorar a performance dos estudantes. Uma sugestão que fica é a utilização (quando possível) de ambos os formatos de ensino, permitindo que os alunos tenham flexibilidade e estabilidade nas disciplinas.

Os estudos da literatura que analisaram o desempenho discente indicaram diversas influências negativas no aprendizado dos alunos, porém como o resultado desta pesquisa mostra uma tendência positiva fica evidente que o campo ainda necessita de estudos em profundidade, que possam verificar e evidenciar quais são os principais elementos que beneficiam e prejudicam o conjunto que engloba o ensino remoto.

4.4 RELAÇÃO ENTRE O NÍVEL DE RELIGIOSIDADE E O NÍVEL DE DESEMPENHO

Para verificar o nível de relação entre a religiosidade e o desempenho dos estudantes foi realizada inicialmente uma análise de correlação, com base nos pressupostos de Fávero (2017) e Field (2009). A Tabela 10 apresenta a Correlação de Pearson entre as dimensões da religiosidade e do desempenho acadêmico.

Tabela 10 - Correlação de Pearson

		Religiosidade Organizacional	Religiosidade Não-Organizacional	Religiosidade Intrínseca	Desempenho Acadêmico
Religiosidade Organizacional	Pearson Correlation	1	0,413	0,407	-0,036
	Sig. (2-tailed)		0	0	0,702
	N	116	116	116	116
Religiosidade Não-Organizacional	Pearson Correlation	0,413	1	0,564	-0,052
	Sig. (2-tailed)	0		0	0,579
	N	116	116	116	116
Religiosidade Intrínseca	Pearson Correlation	0,407	0,564	1	0,054
	Sig. (2-tailed)	0	0		0,565
	N	116	116	116	116
Desempenho Acadêmico	Pearson Correlation	-0,036	-0,052	0,054	1
	Sig. (2-tailed)	0,702	0,579	0,565	
	N	116	116	116	116

Fonte: Elaborada pelo autor, com dados de pesquisa.

Como pode ser observado na Tabela 10, sendo o N a amostra obtida durante a pesquisa, as dimensões da religiosidade apresentaram relações médias, a relação entre a Religiosidade Organizacional e a Religiosidade Não-Organizacional, com um índice de 0,413 e a Religiosidade Organizacional e a Religiosidade Intrínseca, com um índice de 0,407, indicando que a Religiosidade Organizacional tem uma associação com as outras dimensões.

Da mesma forma a Religiosidade Não-Organizacional e a Religiosidade Intrínseca apresentaram a maior associação dentro do constructo que é de 0,564. Como o *Sig. (2-tailed)* foi inferior à 0,10, significa que é uma correlação significativa.

Porém, com relação à correlação entre as dimensões da Durel e a análise do desempenho dos estudantes foi observado que a correlação é baixa. A correlação entre Desempenho e a Religiosidade Organizacional e Religiosidade Não-Organizacional mostraram uma relação fraca e negativa, respectivamente -0,036 e -0,052.

Com relação a Religiosidade Intrínseca, apesar de mostrar uma correlação positiva, o valor também indicou uma correlação fraca com o desempenho, sendo o valor encontrado 0,054. Como dado confirmatório o *Sig. (2-tailed)* apresentou índices elevados ao mínimo indicado que é de 0,10 (FÁVERO, 2009), sendo que os resultados foram para a Religiosidade Organizacional é de 0,702, para a Religiosidade Não-Organizacional foi 0,579 e para a Religiosidade Intrínseca foi de 0,565. Dessa forma, percebe-se que existe uma relação quase nula entre o desempenho dos alunos e seu nível de religiosidade (FÁVERO, 2017; FIELD, 2009).

Buscando explorar mais a relação entre as variáveis foi também realizada uma análise de regressão que tem como objetivo ampliar a gama de possibilidades. Relembrando que se trata de uma técnica utilizada para investigar a relação entre variáveis que surgem em problemas científicos; já a regressão linear múltipla é uma metodologia estatística que possibilita a previsão e estimação de valores de uma variável de resposta de interesse (Desempenho Acadêmico) através de um conjunto de variáveis regressoras (Religiosidade e Perfil) (SILVA, 2016).

Na análise a variável constante foi o desempenho e as variáveis regressoras foram: Religiosidade Organizacional, Religiosidade Não-Organizacional, Religiosidade Intrínseca, e as variáveis *dummy*: religiosidade do estudante no primeiro semestre e se acredita em Deus. Os resultados são apresentados na Tabela 11.

Tabela 11 – Análise de regressão

Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.
		B	Std. Error	Beta		
1	(Constant) Desempenho	59,328	3,752		15,814	0
	Religiosidade Organizacional	-0,586	1,017	-0,062	-0,576	0,566
	Religiosidade Não-Organizacional	-0,745	0,997	-0,093	-0,748	0,456
	Religiosidade Intrínseca	0,777	0,46	0,223	1,689	0,094
	No primeiro_semestre_religiosidade	-0,612	3,768	-0,019	-0,162	0,871
	Acredita_em Deus	-7,320	4,517	-0,175	-1,62	0,108

Fonte: Elaborada pelo autor, com dados de pesquisa.

Com base na Tabela 11, observa-se que a primeira coluna apresenta o *Unstandardized Coefficients* ou coeficientes não padronizados, esse índice mostra o quanto o aumento de uma unidade constante (Desempenho) modifica as unidades dependentes (FAVERO, 2017). Pode-se perceber que a Religiosidade Organizacional, Religiosidade Não-Organizacional, Religiosidade no primeiro semestre e Acredita em Deus não mostraram resultados conclusivos nesta análise, de acordo com a amostra e metodologia de pesquisa adotada; porém a análise dos coeficientes não padronizados mostrou que existe uma relação entre o desempenho do estudante com sua religiosidade intrínseca; a análise indica que quanto mais elevado for o índice de religiosidade intrínseca, maior será o desempenho do aluno, em uma proporção de 1 para 0,777 respectivamente.

Percebe-se que somente a Religiosidade Intrínseca apresentou um resultado positivo, o que refletiu também nos resultados do *Standardized Coefficients* ou coeficientes padronizados, que assim como a Correlação de Pearson pode se alterar entre 1 e -1 (FAVERO, 2017); no caso da Religiosidade Intrínseca o resultado foi positivo (0,223). Como consequência, o nível de significância é de 0,094, e assim como na correlação, indica que a Religiosidade Intrínseca mostra certa significância sobre o Desempenho dos Alunos, diferente do resultado obtido na análise de correlação.

Observando as outras variáveis percebem-se que os coeficientes não padronizados da Religiosidade Organizacional foi de -0,586, da Religiosidade Não-Organizacional foi de -0,745, da religiosidade do estudante no primeiro semestre foi de -0,612 e se acredita em Deus foi de -7,320 do mesmo modo os coeficientes padronizados foram respectivamente -0,062, -0,093, -0,019 e -0,175. Além disso, a significância mostrou resultados superiores a 0,10; dessa forma as variáveis, exceto a Religiosidade Intrínseca, mostram-se pouco significantes frente ao desempenho acadêmico.

Os resultados obtidos a partir da Correlação de Pearson e da Análise de regressão entre as variáveis apresentaram alguns resultados que indicam as tendências das relações entre as dimensões da religiosidade, desempenho acadêmico e questões de perfil no caso da regressão (Religiosidade no primeiro semestre e se Acredita em Deus). Os resultados da correlação mostraram que entre as dimensões da religiosidade e o desempenho dos estudantes existe uma correlação baixa, quase nula, no caso da religiosidade organizacional e não-organizacional ela mostrou-se negativa (MOREIRA-ALMEIDA *et al.*, 2008).

Já os resultados da regressão reafirmaram a fraca influência da religiosidade organizacional e não-organizacional sobre o desempenho; porém ao contrário dessas dimensões, a religiosidade intrínseca mostrou uma influência forte e positiva sobre o desempenho em uma proporção de 1 para 0,777. Para Lucchetti *et al.* (2012) tal resultado pode ter sido obtido por alguns motivos encontrados na literatura, como por exemplo a religiosidade intrínseca que ajuda o estudante a lidar com o estresse e ansiedade, assim como a prática religiosa é capaz de auxiliar o aluno a manter uma disciplina de estudos, fazendo com que o estudante se mantenha concentrado nos prazos e objetivos futuros.

De acordo com Rost (2021), durante a pandemia especialmente os universitários podem ter sido influenciados a praticarem a religiosidade intrínseca, pois mesmo que não se identifiquem com uma religião, podem praticar sua religiosidade intrínseca através de orações e meditação. Esse posicionamento pode ter fornecido aos estudantes apoio emocional e social o que permitiu que seu desempenho fosse superior, mesmo não participando de práticas religiosas nas dimensões organizacional e não-organizacional (MOREIRA-ALMEIDA *et al.*, 2008).

4.5 INFLUÊNCIA DAS CARACTERÍSTICAS DE PERFIL NO NÍVEL DE RELIGIOSIDADE E NO NÍVEL DE DESEMPENHO

Objetivando identificar se existem diferenças estatisticamente significativas nos níveis de religiosidade e desempenho acadêmico dos alunos participantes da pesquisa em relação às suas características sociodemográficas, foi realizado o teste *One-Way ANOVA*. Para que possa ser realizada a ANOVA é necessário cumprir um dos dois pressupostos: normalidade dos dados e/ou homogeneidade da variância.

Iniciou-se pela estimação dos testes de pressupostos para o nível religiosidade, especificamente para identificar se a amostra de dados da pesquisa apresenta distribuição normal. Foi realizado o teste de normalidade de *Shapiro-Wilk*, recomendável para amostras

com n maior que 100 observações, (FAVERO, 2017). O teste tem em sua H_0 - hipótese nula - que a distribuição da amostra é normal ($p\text{-valor} > 0,05$) e, H_1 - hipótese alternativa - que a distribuição da amostra não é normal ($p\text{-valor} < 0,05$) (FAVERO, 2017). Conforme apresentados na Tabela 12 todos os escores de religiosidade (organizacional, não organizacional e intrínseca), cujos valores de significância do teste ($p\text{-valor} < 0,05$), evidenciam a não normalidade da distribuição da amostra. Resultado semelhante foi obtido para o desempenho acadêmico dos respondentes.

Tabela 12 - Teste de Normalidade.

Score	Shapiro-Wilk	
	Valor do Teste	$p\text{-valor}$
RO_A1	0,386	0,000
RNO_B1	0,233	0,000
RI_total	0,165	0,000
Desempenho Acadêmico	0,962	0,002

Fonte: Elaborada pelo autor, com dados da pesquisa.

Embora a distribuição dos dados não tenha apresentado normalidade (Tabela 13), em função da amostra ser composta por 116 respondentes (amostra > 30 indivíduos) esse pressuposto pode ser relaxado de acordo com as indicações de Hair Júnior *et al.* (2019) apresentadas na metodologia.

A etapa posterior consistiu na estimação do teste de *Levene*, para homogeneidade da variância. Havendo homogeneidade é possível prosseguir com a estimação do *One-Way ANOVA*; caso as variâncias sejam heterogêneas, é necessário estimar um teste não paramétrico (para dados não normais e heterogêneos) equivalente ao *One-Way ANOVA*, denominado *Kruskall-Wallis*.

Na estimação dos testes para identificar possíveis diferenças nos níveis de religiosidade organizacional e as variáveis sociodemográficas, conforme exposto na Tabela 14, os resultados mostraram que alguns dados possuem variância heterogênea, ou seja, o teste de homogeneidade da variância para a Religiosidade Organizacional foi significativo para as variáveis residência e sustento.

Para as demais, verifica-se que o pressuposto de homogeneidade dos dados não foi violado. Em função disso, a estimação da ANOVA de uma via se mostrou adequada para as variáveis idade, etnia, estado civil e curso. Para essas variáveis, o $p\text{-valor}$ do teste foi de 0,05, quando analisada idade, etnia, estado civil e curso, evidencia não existirem diferenças

estatisticamente significativas entre essas características sociodemográficas no que tange à religiosidade.

Especificamente a variável gênero, apesar de haver três opções de respostas para os respondentes (feminino, masculino e outro), do total de 116 respondentes, apenas 1 indivíduo marcou a opção “outro”, tornando-se mais adequado, portanto, a estimação do teste *T*, que compara apenas dois grupos, nesse caso, feminino e masculino. O valor do teste (*p*-valor acima de 0,05) evidencia a diferença entre os grupos, ou seja, o nível de religiosidade organizacional apresenta diferença entre os respondentes que afirmaram se identificar com gênero.

Para as variáveis residência e sustento, cuja variância não foi homogênea, foi necessário estimar o teste equivalente ao *One Way ANOVA* e *Kruskall-Wallis*. Os *p*-valores do teste para ambas as variáveis, acima de 0,05 evidenciam, de forma semelhante às demais características, não haver diferença entre os grupos e a religiosidade organizacional.

A ANOVA tem em sua H_0 - hipótese nula - que as médias dos grupos são iguais (*p*-valor >0,05) e, H_1 - hipótese alternativa – que há diferenças entre as médias dos grupos (*p*-valor <0,05), para isso, realizou-se o teste de homogeneidade da variância por meio do teste de Levene, tem em sua H_0 - hipótese nula - que as variâncias são homogêneas (*p*-valor >0,05) e, H_1 - hipótese alternativa - que as variâncias não são homogêneas (*p*-valor <0,05).

Tabela 13 - Homogeneidade da variância e Teste *F* para o nível de religiosidade organizacional conforme as variáveis sociodemográficas.

Escore	Teste Levene		Teste F	
	Valor	<i>p</i> -valor	Valor	<i>p</i> -valor
Idade	2,389	0,073	0,902	0,443
Gênero**	0,206	0,651	4,061	0,020
Etnia	0,234	0,792	0,051	0,737
Estado Civil	0,801	0,452	0,317	0,729
Residência*	6,585	0,000	4,282	0,118
Sustento*	6,399	0,000	6,902	0,141
Curso	1,535	0,197	0,465	0,762

Legenda: *neste caso foi estimado o teste F de Welsh; **neste caso foi estimado o teste T.

Fonte: Elaborada pelo autor, com dados da pesquisa.

Percebe-se, a partir da Tabela 13, que residência e sustento não apresentaram variância homogênea; em função disso, foi necessário estimar um teste não paramétrico equivalente ao ANOVA, denominado Kruskal-Wallis (FAVERO, 2017). Ao mesmo tempo o Teste T mostra que gênero é uma variável que influencia significativamente a religiosidade

organizacional. Na Tabela 14 são apresentados os resultados quanto à religiosidade não organizacional.

Tabela 14 - Homogeneidade da variância e Teste *F* para o nível de religiosidade não organizacional conforme as variáveis sociodemográficas.

Escore	Teste Levene		Teste F	
	Valor	<i>p-valor</i>	Valor	<i>p-valor</i>
Idade	0,165	0,920	1,042	0,377
Gênero**	0,200	0,656	1,501	0,136
Etnia	1,061	0,350	0,527	0,755
Estado Civil	1,422	0,246	0,047	0,954
Residência	0,284	0,888	0,630	0,642
Sustento	1,177	0,322	0,497	0,738
Curso	0,629	0,643	0,614	0,653

Legenda: *neste caso foi estimado o teste F de Welsh; **neste caso foi estimado o teste t.

Fonte: Elaborada pelo autor, com dados da pesquisa.

O Teste *F* apresentado na Tabela 14 mostrou novamente que gênero está relacionado à níveis diferentes de religiosidade não organizacional. A Tabela 15 demonstra os resultados sobre a influência do perfil sobre a religiosidade Intrínseca são apresentados os resultados quanto à religiosidade não organizacional.

Tabela 15 - Homogeneidade da variância e Teste *F* para o nível de religiosidade intrínseca conforme as variáveis sociodemográficas.

Escore	Teste Levene		Teste F	
	Valor	<i>p-valor</i>	Valor	<i>p-valor</i>
Idade	0,766	0,515	0,837	0,477
Gênero**	5,877	0,017	3,242	0,002
Etnia	3,179	0,027	3,415	0,636
Estado Civil	1,027	0,361	1,670	0,193
Residência	1,632	0,171	1,914	0,113
Sustento	0,884	0,452	0,997	0,412
Curso	2,260	0,067	0,673	0,612

Legenda: *neste caso foi estimado o teste F de Welsh; **neste caso foi estimado o teste t.

Fonte: Elaborada pelo autor, com dados da pesquisa.

Percebe-se a partir da Tabela 15 que a etnia não apresentou variância homogênea, em função disso, foi necessário estimar o teste Kruskal-Wallis (FAVERO, 2017). Já no que se refere à gênero percebe-se uma diferença estatística entre os grupos analisados, tendo em vista que a média da religiosidade do gênero feminino foi de 7,910 e a do masculino de 4,392 ou seja, esse resultado mostra que os respondentes do gênero feminino têm maior religiosidade intrínseca. Souza *et al.* (2022) evidenciaram que nos três domínios da DUREL, em seu estudo com 390 docentes e discentes, as maiores médias foram para o sexo feminino.

Desta-forma, com base nesses dois estudos, denota-se que as mulheres tem mais religiosidade que os homens.

Tabela 16 - Valor e significância da homogeneidade da variância e do Teste *F* para o **desempenho acadêmico** dos respondentes conforme as variáveis sociodemográficas

Escore	Teste Levene		Teste F	
	Valor	<i>p-valor</i>	Valor	<i>p-valor</i>
Idade	1,712	0,169	2,828	0,042
Gênero**	2,931	0,090	0,912	0,364
Etnia	0,350	0,706	0,699	0,625
Estado Civil	2,079	0,130	7,799	0,001
Residência	1,700	0,155	3,298	0,014
Sustento	0,444	0,722	1,073	0,373
Curso	1,392	0,241	0,484	0,747

Legenda: *neste caso foi estimado o teste F de Welsh; **neste caso foi estimado o teste t.

Fonte: Elaborada pelo autor, com dados da pesquisa.

Para as variáveis idade, estado civil e residência, foi evidenciada diferença entre os grupos, haja visto que o *p-valor* do teste ANOVA foi menor que 0,05. Em função disso, foi estimado o teste de *PostHoc* de Turkey para encontrar a diferença. Os resultados mostraram que especificamente para a idade a diferença estatisticamente significativa entre as médias foi “entre 19 e 28 anos” e “entre 29 e 38 anos”. Já no estado civil, diferença estatisticamente significativa entre as médias foi entre solteiros e casados. E na residência, diferença estatisticamente significativa entre as médias foi entre “morar com as pais” e “morar com familiares”.

Observando os resultados apresentados sobre a influência das características de perfil sobre as dimensões da religiosidade e o desempenho acadêmico entende-se que algumas características se destacam, como é o caso de gênero, que se destacou em cada uma das variáveis analisadas mostrando que o gênero feminino sofre mais influência em seu desempenho discente e religiosidade do que o gênero masculino. Foi observado também que o estado civil, a idade e a moradia influenciam o desempenho acadêmico, tendo em vista que os universitários mais influenciados no que tange à idade tem entre 19 e 28 anos; com relação ao estado civil os mais influenciados foram os solteiros e os estudantes que moram com seus pais. As demais variáveis não mostraram uma variância significativa dentro da amostra observada.

4.6 AÇÕES DE MELHORIAS PROPOSTAS JUNTO À UNIVERSIDADE

Para sugestão de novas ações, por parte da Universidade, se faz necessário identificar, mesmo que sinteticamente, a origem, o objetivo e a abrangência de atuação do Espaço Ecumênico existente na Universidade Federal analisada, ressaltando-se que o Centro Ecumênico é abrigado na Pró-reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC).

A Pró-Reitoria de Extensão e Cultura – PROEXC é o órgão executivo responsável pela implementação, coordenação e supervisão das políticas de extensão, de cultura e de artes, e possui a finalidade de contribuir com a missão institucional de promover uma formação acadêmica ampla, com vistas à melhoria da qualidade de vida das pessoas e ao desenvolvimento regional.

No dia 28 de outubro de 2009 foi inaugurado o Espaço Ecumênico, em um evento com diferentes manifestações religiosas. Na ocasião, foi descerrada a placa de inauguração, que continha os dizeres: "local de fé, reflexão e inspiração para todas as pessoas que buscam crescimento espiritual e paz interior".

O objetivo desse espaço é valorizar o respeito a todas as crenças, integrar saberes e desenvolver uma cultura de paz entre as religiões. O espaço é aberto para toda comunidade interna e externa que quiser utilizá-lo, independente da manifestação religiosa, necessitando de apenas um agendamento prévio.

O Espaço Ecumênico é desvinculado de qualquer religião e fica no Campus Carreiros, anexo ao Centro de Convivência, sua localização valoriza a vista para o lago, abrindo-se inteiramente a ele através de paredes envidraçadas, recebendo luz natural e o brilho das águas. A ideia é proporcionar um ambiente agradável para reflexão e espiritualidade. Formado também por uma praça contemplativa de 93m², com jardim e acesso pelo *deck* de madeira que circunda o lago, protegido por um pergolado de 9m². Capacidade para receber grupos de até 40 pessoas (FURG, 2019).

A FURG, como toda instituição pública, é laica por natureza. Mas isso não impede de reconhecer que aqueles que a fazem - estudantes, servidores e comunidade – creem, e que suas crenças manifestam-se nas mais diversas denominações religiosas e filosóficas,

No evento dos 50 anos da FURG houve uma iniciativa de todas as denominações, crenças e manifestações religiosas, que possuem algum tipo de atuação dentro da universidade, que marcou a fala de abertura do evento. Logo depois, representantes da umbanda e religiões de matriz africana, da igreja messiânica, da religião islâmica, da união espírita e da igreja católica fizeram suas intervenções através da fala, canto ou oração.

No dia 21 de janeiro, é celebrado o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa, instituído pela Lei Federal nº 11.635, de 27 de dezembro de 2007. A data foi

escolhida por dois motivos: ela coincide com o Dia Mundial da Religião, e como homenagem para a fundadora do terreiro de candomblé Ilê Asé Abassá, a Iyalorixá Mãe Gilda, vítima de intolerância religiosa em 21 de janeiro de 2000. O objetivo desta data é emitir um alerta para a população sobre os perigos da discriminação e do preconceito religioso, além de dar visibilidade à luta pelo respeito a todas as religiões.

Segundo a Pró-reitoria de Extensão e Cultura o dia serve como reflexão para o combate à intolerância, que deve estar capilarizado na sociedade todos os dias. Segundo a Pró-reitoria "A universidade reflete esta pluralidade religiosa, e neste sentido, o nosso centro ecumênico, centro inter-religioso, recebe as diversas manifestações praticadas pela nossa comunidade acadêmica, e em interação com a comunidade externa, funcionando como um elo de exercício da tolerância e do respeito à diversidade" (FURG, 2023).

Ampliaram-se significativamente as representações religiosas, em um momento que ficou marcado na história da universidade. Os organizadores dessa celebração criaram o Grupo de Diálogo Inter-religioso da FURG. O primeiro desafio deste grupo foi organizar uma roda de conversa na 47ª Feira do Livro da FURG. A ação foi a última atividade presencial do grupo, em função da pandemia de Covid-19, porém, o diálogo inter-religioso se reinventou e aderiu ao formato *online*.

No ano de 2021 aconteceram alguns eventos, mas foi em 2022, em parceria com o Grupo de Diálogo Inter-religioso da FURG, que foram promovidas uma série de lives denominadas "Conversas Inter-religiosas". Entre as temáticas discutidas nessas lives estão: a participação e o papel das mulheres na religião, intolerância religiosa, espiritualidade indígena e a religião de matriz africana como uma ferramenta de preservação da cultura dos povos negros.

A partir desse breve histórico de atuação e com base nos resultados desta pesquisa são indicadas algumas ações que a universidade pode adotar para que os estudantes religiosos (ou não) possam obter benefícios alinhados à religião. Inicialmente, são discutidas ações para dois grupos de alunos: primeiramente os alunos que acreditam em Deus (87,1% dos respondentes) e/ou tem uma religião, e na sequência alunos que não acreditam em Deus (12,9%).

Para os alunos que acreditam em Deus e/ou tem uma religião a universidade pode disponibilizar um espaço inter-religioso, que possa ser destinado à prática religiosa, neutro em termos de simbologia religiosa, para não ofender alguma religião, mas que seja um espaço neutro para que os estudantes que quiserem realizar orações, formar um grupo de oração ou obter alguma orientação espiritual possam ter no espaço. Ressalta-se que, apesar

de existir o espaço físico pode haver um espaço virtual, com *homepage* e redes sociais, permitindo a interação de docentes, discentes, comunidade acadêmica e comunidade em geral.

Outra possibilidade é o fornecimento de orientação e apoio religioso, visto que essa prática pode ser desenvolvida em parceria com as figuras religiosas que os alunos indicarem e em parceria com a universidade, podem ser organizados horários para que os alunos de determinada religião possam ter um diálogo com o seu (ou sua) líder religioso(a); para essa prática indica-se que exista uma sala física ou virtual, aparte do local de orações propiciando segurança e privacidade sem causar alguma discriminação religiosa. A sala virtual pode ter um endereço permanente, em uma plataforma de acesso gratuito, e uma agenda de atividades programadas.

Neste requisito o Espaço Ecumênico pode também promover diálogos inter-religiosos para compreender como cada religião desenvolve sua fé, evidenciando a essência e características de cada uma, convidando representantes internos ou externos a Universidade para apresentar temas pertinentes, propiciando diálogo inter-religioso e compreensão mútua. Espera-se que, com debates abertos e comunitários, promova-se um ambiente de respeito mútuo e tolerância religiosa para que os estudantes que tenham uma religião se sintam valorizados e respeitados, e os que não conhecem as religiões possam passar a conhecer um pouco. Desta forma o Espaço Ecumênico pode desenvolver a diversidade religiosa e abrir espaço para a discussão da religião dentro da universidade.

Como medida suplementar indica-se que os debates não sejam realizados no local destinado para os alunos realizarem suas orações, pois esse será o “local seguro” e essa identidade deve ser mantida para que o aluno sinta a sensação de segurança e bem-estar. Caso a universidade propicie aos estudantes esse espaço para orações e esses espaços para orientação religiosa e debates inter-religiosos é possível que os estudantes tenham um fortalecimento de valores e crenças pessoais, aumento do senso de propósito e significado na vida, melhoria da saúde mental, fortalecimento das relações interpessoais e aumento do bem-estar geral, que pode também contribuir para mitigar os índices de evasão e ampliar os índices de permanência no ambiente universitário.

Porém existe um outro grupo de estudantes na universidade, que é composto pelos universitários que atualmente não praticam nenhuma religião e nem fomentam sua espiritualidade, para esses alunos um espaço inter-religioso também é relevante, pois, mesmo que não realizem orações, um espaço tranquilo pode servir para o desenvolvimento de meditações ou reflexões sobre determinados assuntos da sua vida pessoal e profissional.

Além disso, caso os alunos estejam dispostos a conhecer mais sobre outras religiões é interessante que as pessoas que fomentam o espaço inter-religioso possam oferecer informações, tais como horários de encontro de determinada religião, horários em que os líderes religiosos frequentam a universidade para buscar orientação espiritual e o espaço de encontro para debates.

Outra possibilidade para os alunos conhecerem mais sobre religiões seria um esforço da universidade na criação e disponibilização de recursos sobre as religiões como livretos, *e-books*, *podcasts*, vídeos, artigos e, especialmente, espaços virtuais, tais como redes sociais diversas.

Indica-se a participação expressiva de estudantes, inclusive de membros de Diretórios Acadêmicos, Atlética, Empresas Júniores, Sócios de empresas incubadas, etc. Também divulgar/comunicar a esse e outros públicos, pois o Espaço Ecumênico Universitário é pouco conhecido no ambiente acadêmico amplo. Dessa forma, divulgado e com mais estudantes envolvidos na elaboração e disseminação do Espaço benefícios podem ser gerados para a universidade também.

Cabe destacar que o espaço inter-religioso pode fomentar a compreensão entre os estudantes e promover a empatia religiosa. A divulgação do Espaço Ecumênico pode ser feita também na acolhida dos alunos, para que se possa ampliar o espaço inter-religioso e nas redes sociais no *online* em que o estudante está inserido.

Benefícios que os dois grupos de estudantes podem obter fortalecendo sua religiosidade é a criação de redes sociais com outros estudantes, que frequentarão o espaço inter-religioso, fortalecendo sua identidade a partir da compreensão das diversas religiões, em especial o conhecimento daquela que se alinha com seus valores pessoais e morais; encontrando dentro da universidade um espaço de orientação e apoio.

Com relação aos reflexos da pandemia percebe-se que os alunos obtiveram uma média regular das disciplinas, e aqueles que conseguiram organizar seus estudos, adequadamente em suas casas, mostraram uma tendência de desempenho positiva, fato que suscita a possibilidade de oferecimento de outras disciplinas no formato *online*: devido à economia financeira gerada pelo não deslocamento, dado que os estudantes não precisam de transporte nesse formato; à economia de tempo, pois não necessitam perder tempo com deslocamento e o afeto advindo da proximidade com a família. Por outro lado, muitos alunos não conseguiram acompanhar as atividades durante esse período por motivos de falta de estrutura e por desmotivação.

Tendo em vista os argumentos citados e os demais apresentados neste estudo acredita-se que é viável a realização de alguns encontros *online* para que os alunos possam acompanhar as atividades de casa, porém, obviamente, não substitui a necessidade de que ocorram encontros presenciais para fortalecimento de laços e conhecimento. Desta forma, indica-se que sejam feitos estudos sobre a viabilidade de implantar algumas aulas *online* e verificar o resultado da transmissão de conhecimento entre os alunos, para assim ter uma dimensão melhor da possibilidade de implementação de alguma mudança neste sentido.

5 CONCLUSÃO

Esta dissertação teve como objetivo geral analisar a relação entre o nível de religiosidade e o nível de desempenho, de estudantes de graduação de uma Universidade Federal do Sul do Brasil, durante o primeiro ano da pandemia. Para atingir tal objetivo foram organizados objetivos específicos para nortear a realização da pesquisa.

O primeiro objetivo foi identificar o perfil sociodemográfico dos estudantes, sendo que os resultados mostram que a maior parte dos respondentes é do sexo feminino (67,2%), com relação à idade a maior parte dos alunos tem entre 19 e 24 anos (35,34%), a etnia que compreende a maioria dos alunos é branco(a) (79,3%), a maior parte dos alunos é solteiro(a) (58,6%), residem com seus pais (30,2%), exercem atividade remunerada (71,6%) e são estudantes de administração (42,25%).

Foi criado um perfil com características advindas do período pandêmico que mostrou que a maior parte dos universitários se mantiveram na residência atual (89,7%), continuaram realizando alguma atividade presencial (63,79%), fizeram o isolamento social (78,4%), ficaram privados do convívio familiar (41,3%), 67,2% acreditaram que em algum momento estiveram com Covid-19, 85,3% tiveram suporte psicológico durante a pandemia, tendo em vista que 81,9% da amostra era considerada grupo de risco, e somente 9,48% da amostra continuou com seus estudos no período pandêmico.

O segundo objetivo desta pesquisa foi mensurar o nível de religiosidade dos estudantes. Primeiramente foram realizados alguns questionamentos sobre o perfil religioso dos estudantes, que evidenciaram que 87,1% afirmaram que acreditam em Deus, 83,17% sempre acreditaram em Deus, 36,2% dos alunos não têm uma religião, mas acreditam em Deus, a maior parte dos alunos se considera moderadamente religioso (36,2%) e 73,3% dos alunos não se percebeu mais religioso durante o primeiro ano da pandemia.

Analisando especificamente a Escala Durel pode-se notar que, com relação à Religiosidade Organizacional, a maior parte dos estudantes (67,2%) nunca frequenta igrejas, templos ou outro encontro religioso. Com relação à Religiosidade Não-Organizacional a maior parte dos estudantes (39,7%) nunca ou raramente dedicam tempo à religião e com relação à Religiosidade Intrínseca 40,5% dos estudantes sentem a presença de Deus em sua vida; também 30,2% dos estudantes afirmam que suas crenças religiosas estão por trás de sua maneira de viver e 28,4% dos alunos não se esforçam muito para viver sua religião.

Contrário aos achados de Souza *et al.* (2022) e de acordo com Moreira-Almeida *et al.* (2008), Koenig e Büssing (2010) e Lucchetti *et al.* (2012) a Religiosidade Organizacional demonstrou um índice baixo, o que pode refletir possíveis estados sociais dos alunos, como a falta de conexão com uma comunidade religiosa e com outras pessoas, a falta de orientação espiritual e moral e a falta de estrutura e disciplina. No caso da Religiosidade Não-Organizacional, o índice foi considerado baixo, o que mostra que os estudantes não realizam práticas espirituais, como orações ou meditação, falta de conexão com o divino, o que pode afetar o desenvolvimento de valores e crenças pessoais que podem orientar suas escolhas e comportamentos. Já, em relação à Religiosidade Intrínseca, a análise mostra um nível de 59,2%, nível considerado regular, resultado mais próximo dos achados de Souza *et al.* (2022) o que indica que os universitários têm sua moral e valores pessoais influenciados por sua crença; possuem aumento no senso de propósito e significado na vida que promove a sensação de bem-estar, satisfação e saúde mental.

O terceiro objetivo foi determinar, por meio de autopercepção, o nível de desempenho acadêmico dos estudantes. Durante a pandemia, a maioria dos estudantes concorda que tirava boas notas sem dificuldade (37,9%), que tinha aprendido o conteúdo e alcançado as notas que desejava (36,2%), que se considera um estudante com bom comportamento (44%), que tirava boas notas por estar com a matéria em dia (32,8%), buscava aumentar as notas, mesmo sendo boas (31%) e esforçava-se bastante nos estudos (33,6%). Além disso, a maioria dos alunos discorda que teve um bom desempenho em todas as disciplinas (30,2%), e discordam que se davam bem nos estudos, pois nunca ficaram em exame (36,2%), 31,9% afirmam que estudavam para tirar as melhores notas, enquanto 37,9% não concordam e nem discordam da influência dos professores nas boas notas.

Os estudantes concordaram que obtiveram boas notas devido à realização das tarefas (49,1%), mostraram satisfação com o seu desempenho (37,1%), os resultados nas provas e atividades foram positivos (36,2%), e os alunos gostam de realizar perguntas para os professores para testar seu conhecimento (34,5%); 38,8% dos alunos não concordam que a descoberta de novos ensinamentos estimulava um bom desempenho, mas 33,6% concordam que buscam aprender mais sobre os assuntos estudados. As médias obtidas mostram que o nível de desempenho dos estudantes foi de 3,1389, ou seja, ficou acima do ponto neutro (3), com tendência positiva, independentemente de eles estarem em um momento delicado e que, devido à pandemia, obtiveram notas regulares, mantendo uma coesão de compreensão de conteúdos, atenção nas tarefas, entre outros que teriam ao estar em sala de aula no formato presencial.

Alguns pontos possibilitaram aos estudantes ter vantagem no novo cenário pandêmico vivenciado, tais como o ganho de tempo, aproximação com a família, possibilidade de qualificação, ambiente propício e o ensino remoto. Porém, da mesma forma alguns fatores afetaram o desempenho dos alunos negativamente, como: a falta de interação social, falta de suporte técnico, falta de acesso aos recursos necessários e dificuldade de manter a disciplina.

O objetivo geral do estudo, considerado como quarta etapa da pesquisa, foi analisar a relação entre o nível de religiosidade e o nível de desempenho, de estudantes de graduação de uma Universidade Federal do Sul do Brasil, durante o primeiro ano da pandemia. Ao verificar a relação entre ambas as variáveis, por meio da análise de Correlação de Pearson e da Análise de Regressão, percebeu-se que a relação entre as dimensões da religiosidade e o desempenho dos estudantes é baixa, quase nula, no caso da religiosidade organizacional e não-organizacional, visto que se mostrou relação negativa. Já os resultados da regressão reafirmaram a fraca influência da religiosidade organizacional e não-organizacional sobre o desempenho, porém ao contrário dessas dimensões, a religiosidade intrínseca mostrou uma influência forte e positiva sobre o desempenho em uma proporção de 1 para 0,777, ou seja, aumenta o nível de religiosidade aumenta o nível de desempenho.

Por outro lado, fica a reflexão de que a maioria dos estudantes concorda que tirava boas notas sem dificuldade (37,9%), fato que pode explicar a baixa relação entre a religiosidade e o desempenho, pois quando está dando tudo certo, menos recorre-se a religiosidade.

O quinto objetivo foi analisar se as características do perfil sociodemográfico dos estudantes influenciam o nível de religiosidade e o nível de desempenho acadêmico, durante o primeiro ano da pandemia, percebeu-se que algumas características se destacam, como é o caso do gênero, que se destacou em cada uma das variáveis analisadas mostrando que o gênero feminino sofre mais influência em seu desempenho discente e religiosidade do que o gênero masculino. Foi observado também que o estado civil, a idade e a moradia influenciam o desempenho acadêmico, tendo em vista que os universitários mais influenciados no que tange à idade tem entre 19 e 28 anos; com relação à estado civil os mais influenciados foram os solteiros e os estudantes que moram com seus pais. As demais variáveis não mostraram uma variância significativa dentro da amostra observada.

Destaca-se que houve prevalência de mulheres respondentes desta pesquisa, assim como há maior participação delas em todos os ambientes, inclusive em ascensão e assumindo cargos de liderança, agregando responsabilidades organizacionais e familiares, conciliando

casa, trabalho e família, talvez por esses motivos elas acabam sofrendo maior influência, já que a literatura pregressa apresenta também mais religiosidade para as mulheres.

O sexto, e, portanto, último objetivo desta pesquisa foi propor, a partir dos achados, ações junto à gestão da Universidade, a fim de contribuir para a melhoria do desempenho dos estudantes.

A partir dos achados deste estudo, são propostas ações junto à gestão da Universidade, a fim de contribuir para a melhoria do desempenho dos estudantes, e são elas: disponibilização de um espaço inter-religioso, além do físico um espaço virtual, que possa ser destinado a prática religiosa, fornecimento de orientação e apoio religioso, com privacidade ou com grupos afins, em uma sala aparte do local de orações, propiciando segurança e privacidade, sem causar discriminação religiosa, e promoção de diálogos inter-religiosos em que seja possível compreender como cada religião desenvolve sua fé, aumentando a sensação de segurança e bem-estar dos estudantes, fomentando a compreensão entre os estudantes e promovendo a empatia religiosa.

Para os universitários que atualmente não praticam nenhuma religião e nem sua espiritualidade a universidade pode disponibilizar o espaço inter-religioso como um espaço tranquilo para o desenvolvimento de meditações ou reflexões sobre determinados assuntos da sua vida pessoal e profissional. Outra possibilidade para os alunos conhecerem mais sobre religiões seria um esforço da universidade na criação e disponibilização de recursos sobre as religiões como *e-books*, livretos, *podcasts*, vídeos, artigos, espaço virtual e em redes sociais.

Esse estudo é limitado devido ao número de estudantes que responderam à pesquisa, sendo necessário para a universidade que mais estudantes possam opinar sobre melhorias que podem ser empregadas na universidade. A religiosidade ainda é um escasso em pesquisas empíricas brasileiras e pela sua representatividade na vida e na sociedade merece uma atenção especial. Além disso, mesmo com a pandemia, surgiram no estudo aspectos positivos que poderiam ser estudados e empregados na educação universitária.

Tendo em vista os resultados encontrados percebe-se que ainda há muito para se pesquisar com relação à religiosidade, como por exemplo: investigar os motivos pelos quais a religiosidade intrínseca apresentou resultados muito superiores à religiosidade organizacional e não organizacional; verificar se o sentido de comunidade que as instituições religiosas propiciam favorece o desempenho dos estudantes; evidenciar quais são os aspectos que afastam os universitários das instituições religiosas; analisar, por meio de pesquisa qualitativa, para compreensão os dados numéricos encontrados para religiosidade e desempenho; investigar os solteiros em épocas de crises sanitárias ou epidemias/pandemias

em relação ao seu desempenho e religiosidade; analisar o aumento do acompanhamento psicológico frente a diminuição do acompanhamento espiritual dos estudantes, dado que a religiosidade é imaterial e o profissional da psicologia sabe ouvir, falar e orientar, que é distinto da orientação religiosidade. Estas são algumas sugestões de pesquisas para estudos futuros.

REFERÊNCIAS

ALVES, E. V. S. B.; SANTOS, M. A.; PONTE, A. V. A.; ROSA, J. L. S.; FARIA, A. C. D.; MANOEL, F.; BRAGA, J. C. Autopercepção de habilidades sociais e adaptação à vida acadêmica. In: Fórum Nacional de Ensino em Fisioterapia, 27 e Congresso Brasileiro de Educação em Fisioterapia, 4, João Pessoa/PB, 2017. **Anais [...]** João Pessoa: COFFITO, 2017.

ANDRADE, J. M.; GOUVEIA, V. V.; JESUS, G. R.; SANTOS, W. S.; ANDRADE, W. C. L. Escala de crenças religiosas: elaboração e validação de construto. In: Encontro Paraibano de Avaliação e Medida em Psicologia, 1, João Pessoa/PB, 200. **Anais [...]** João Pessoa: Conselho Regional de Psicologia, 2001.

ANDRADE, M. O. A religiosidade brasileira: o pluralismo religioso, a diversidade de crenças e o processo sincrético. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, v. 14, n. 14, p. 106-118, 2009.

ANDRIETTI, V.; VELASCO, C. Lecture attendance, study time, and academic performance: a panel data study. **The Journal of Economic Education**, Semarang, v. 46, n. 3, p. 239-259, 2015.

AQUINO, T. A. A. Atitude religiosa e crenças pessoais dos alunos de psicologia. **Revista UNIPÊ**, João Pessoa, v. 9, n. 1, p. 56-63, 2005.

AQUINO, T. A. A. de; CORREIA, A. P. M.; MARQUES, A. L. C.; SOUZA, C. G. de; FREITAS, H. C. A.; ARAÚJO, I. F. de, DIAS, P. S.; ARAÚJO, W. F. de. Atitude religiosa e sentido da vida: um estudo correlacional. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 228-243, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932009000200003>

ARARIPE, F. A. A. L.; NASCIMENTO, R. V. do; PANTOJA, L. D. M.; PAIXÃO, G. C. Aspectos ergonômicos e distanciamento social enfrentados por docentes de graduações a distância durante a pandemia. **Revista Docência do Ensino Superior**, Belo Horizonte, v. 10, p. 1-19, 2020. DOI: <https://doi.org/10.35699/2237-5864.2020.24713>

ARAÚJO, E. A. T.; CAMARGOS, M. A.; CAMARGOS, M. C. S.; DIAS, A. T. Desempenho acadêmico de discentes do curso de Ciências Contábeis: uma análise dos seus fatores determinantes em uma IES privada. **Contabilidade Vista & Revista**, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, p. 60-83, jan./mar., 2013.

BACICH, L.; TANZI NETO, A. T.; TREVISANI, F. M. **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. São Paulo: Penso, 2015.

BADIN, A. M. A.; PEDERSETTI, S.; SILVA, M. B. da. Educação básica em tempos de pandemia: tentativas para minimizar o impacto do distanciamento e manter o vínculo entre os alunos, as famílias e a escola. In: PALÚ, J.; SCHÜTZ, J. A.; MAYER, L. (Orgs.). **Desafios da educação em tempos de pandemia**. Cruz Alta: Ilustração. p. 123-138, 2020.

BAKER, M. J. Selecting a research methodology. **The Marketing Review**, v. 10, p. 373-397, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1362/1469347002530736>

BARBOSA, A. M.; VIEGAS, M. A. S.; BATISTA, R. L. N. F. F. Aulas presenciais em tempos de pandemia: relatos de experiências de professores do nível superior sobre as aulas remotas. **Revista Augustus**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 51, p. 255-280, jul./out., 2020. DOI: <https://doi.org/10.15202/1981896.2020v25n51p255>

BARBOSA, D. J.; GOMES, M. P.; TOSOLI, A. M. G.; SOUZA, F. B. A. A espiritualidade e o cuidar em enfermagem em tempos de pandemia. **Enfermagem em Foco**, Brasília, v. 11, n. 1, p. 131-134, 2020. DOI: <https://doi.org/10.21675/2357-707X.2020.v11.n1.ESP.3792>

BENSON, P. L.; DONAHUE, M. J.; ERICKSON, J. A. The Faith Maturity Scale: Conceptualization, Measurement and Empirical Validation. **Research in the Social Scientific Study of Religion**, n. 5, p. 1-26, 1993.

BERKENBROCK, V. J.; COSTA, K. A. R. da;. Jovens evangélicos universitários. **Interações**, Belo Horizonte, v. 13, n. 24, p. 414-435, ago./dez., 2018. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.1983-2478.2018v13n24p414-435>

BERNARDI, C. J.; CASTILHO, M. A. A religiosidade como elemento do desenvolvimento humano. **Interações**, Campo Grande, v. 17, n. 4, p. 745-756, out./dez., 2016. DOI: [https://doi.org/10.20435/1984-042X-2016-v.17-n.4\(15\)](https://doi.org/10.20435/1984-042X-2016-v.17-n.4(15))

BORGES, L. F. M.; LEAL, E. A.; SILVA, T. D.; PEREIRA, J. M. Rendimento acadêmico e os estilos de aprendizagem: um estudo na disciplina análise de custos. **Revista Alcance**, Itajaí, v. 25, n. 2, p. 161-176, maio/ago., 2018. DOI: [https://doi.org/alcance.v25n2\(Mai/Ago\).p161-176](https://doi.org/alcance.v25n2(Mai/Ago).p161-176)

BORGES, M. S.; MIRANDA, G. J.; FREITAS, S. C. A teoria da autodeterminação aplicada na análise da motivação e do desempenho acadêmico discente do curso de ciências contábeis de uma instituição pública brasileira. **Revista Contemporânea de Contabilidade**, Florianópolis, v. 14, n. 32, p. 89-107, maio/ago., 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8069.2017v14n32p89>

BRASIL. **Portaria nº 1.565, de 18 de junho de 2020**. Estabelece orientações gerais visando à prevenção, ao controle e à mitigação da transmissão da COVID-19, e à promoção da saúde física e mental da população brasileira, de forma a contribuir com as ações para a retomada segura das atividades e o convívio social seguro. Ministério da Saúde, Brasília, DF, 2020.

BRASIL. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016**. Ministério da Saúde, Brasília, DF, 2016.

BRIDI, M. A.; BOHLER, F. R.; ZANONI, Al. P. **Relatório técnico da pesquisa: trabalho remoto/home-office no contexto da pandemia COVID-19**. Curitiba: GETS/UFPR, 2020.

BURRUS, J. R.; ROBERT, T.; GRAHAM, J. E. Early morning classes and finance student performance. **Proceedings of the Financial Education Association**. University of North Carolina Wilmington, 2009.

CAPELATO, E. Círculos matemáticos: uma experiência com alunos ingressantes no ensino superior no contexto da pandemia Covid-19. **Revista BOEM**, Florianópolis, v. 9, n. 18, p. 211-225, out., 2021. DOI: <https://doi.org/10.5965/2357724X09182021211>

CARNEIRO, L. A., RODRIGUES, W., FRANÇA, G., PRATA, D. N. Uso de tecnologias no ensino superior público brasileiro em tempos de pandemia COVID-19. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 9, n. 8, 2020. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i8.5485>

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**, 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

CHENG, S. T.; CHAN, A. C. M. The development of a brief measure of school attitude. **Educational and Psychological Measurement**, v. 63, p. 1060-1070, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1177/0013164403251>

CORNACHIONE JUNIOR, E. B.; CUNHA, J. V. A. de; LUCA, M. M. M. de; OTT, E. O bom é meu, o ruim é seu: perspectivas da teoria da atribuição sobre o desempenho acadêmico de alunos da graduação em Ciências Contábeis. **Revista Contabilidade & Finanças**, São Paulo, v. 21, n. 53, p. 1-24, maio/ago., 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1519-70772010000200004>

COSTA, F. J. da; MACHADO, M. A. V.; LIMA NOETO, E. A. Métodos quantitativos e desempenho acadêmico: uma análise com estudantes de administração e contabilidade. **Teoria e Prática em Administração**, João Pessoa, v. 4, n. 2, p. 28-48, 2020.

COSTA, M. A. S.; SILVA, B. N. da; ABBAS, K. Motivações e estratégias de aprendizagem dos discentes em contabilidade de custos e a influência no desempenho acadêmico. *In*: Congresso Brasileiro de Custos, 24, Florianópolis/SC, 2017. **Anais [...]** Florianópolis: CBC, 2017.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativos e misto**. 5. ed., Porto Alegre: Artmed, 2021.

CURCIO, C. S. S.; LUCCHETTI, G.; MOREIRA-ALMEIDA, A. Validação da versão em português da Medida Multidimensional Breve de Religiosidade/Espiritualidade (BMMRS-P) em amostras clínicas e não clínicas. **Revista de Religião e Saúde**, v. 54, n. 2, p. 435-448, 2015.

DEZORZI, L. M.; RAYMUNDO, M. M.; GOLDIM, J. R. **Religiões e credos no Brasil: um guia breve para profissionais de saúde**. Porto Alegre: Cria Ideais, 2016.

EDUCA+ BRASIL. **Religião**, Bolsas de Estudo, Guia ENEM, 2022. Disponível em <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/religiao> Acesso em: 22 ago. 2022.

ROST, E. A religiosidade em tempos de pandemia: um estudo a partir de entrevistas com jovens universitários do Instituto Luterano de Ensino Superior de Itumbiara. *In: SIMPÓSIO NACIONAL DA ABHR*, 17, Anápolis e SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS DA RELIGIÃO DA UEG, 2, Anápolis, 2022. **Anais [...]** Anápolis: Universidade Estadual de Goiás, 2022. Disponível em: <https://revistaplura.emnuvens.com.br/anais/article/view/2118> Acesso em: 01 jan. 2022.

ELY, A.; CALIXTO, A. M. Religiosity and spirituality in the hospital treatment of addictions. **Revista Bioética**, Brasília, v. 26, n. 4; p. 587-596, out./dez., 2018. DOI: 10.1590/1983-80422018264277

FERREIRA, A. M. M. S. V. **Religiosidade em alunos e professores portugueses**. 2005, 356 f. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) – Universidade Aberta, Lisboa, 2005.

FERREIRA, A.; CRISÓSTOMO, J. A influência do desempenho acadêmico na carreira profissional: um estudo de caso em um curso de engenharia. **Revista de ensino de engenharia**, v. 30, n. 1, p. 35-44, 2012.

FERREIRA, J. A.; ALMEIDA, L. S.; SOARES, A. P. C. Adaptação acadêmica em estudante do 1º ano: diferenças de gênero, situação de estudante e curso. **Psico-USF**, Campinas, v. 6, n.1; p. 1-10, jun., 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-82712001000100002>

FERREIRA, M. A. **Determinantes do desempenho discente no ENADE em cursos de Ciências Contábeis**. 2015, 124 f. Dissertação (Mestrado em Contabilidade) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

FLEURY, L. F. O.; GOMES, A. M. T.; ROCHA, J. C. C. C. da.; FORMIGA, N. S.; SOUZA, M. M. T.; MARQUES, S. C.; BERNARDES, M. M. R. Religiosidade, estratégias de *coping* e satisfação com a vida: verificação de um modelo de influência em estudantes universitários. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, Porto, n. 20, p. 51-57, dez., 2018. DOI: <https://doi.org/10.19131/rpesm.0226>

FLEXOR, G. G.; RODRIGUES, A. O.; SILVA, R. D. da. Religião e preferências econômicas e políticas entre jovens universitários da periferia: um estudo exploratório na Baixada Fluminense. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 22, n. 53; p. 138-171, jan./abr., 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/15174522-94917>

FORTI, S.; SERBENA, C. A.; SCADUTO, A. A. Mensuração da espiritualidade/religiosidade em saúde no Brasil: uma revisão sistemática. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 4; p. 1463-1474, mar., 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020254.21672018>

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

G1. **50% dos brasileiros são católicos, 31%, evangélicos e 10% não têm religião, diz Datafolha**. Política. 13 jan. 2020. Disponível em:

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghhtml> Acesso em: 16 maio 2023.

GARCIA-MARQUES, T.; AZEVEDO, M. A inferência estatística e o problema da inflação do nível de alfa: A ANOVA como exemplo. **Psicologia**, v. 10, n. 1/2, p. 195-220, 1995. DOI: <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v10i1/2.655>

GIL, A. C. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 6. ed., São Paulo: Atlas, 2017.

GONÇALVES, A. M. S.; PILLON, S. C. Adaptação transcultural e avaliação da consistência interna da versão em português da Spirituality Self Rating Scale (SSRS). **Arquivo de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 36, p. 10-15, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-60832009000100002>

GONÇALVES, A. M. S.; SANTOS, M. A.; CHAVES, E. C. L.; PILLON, S. C. Adaptação transcultural e validação da versão brasileira da Treatment Spirituality/Religiosity Scale. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 69, n. 2; p. 235-241, mar./abr., 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-7167.20166902051>

GUNEY, Y. Exogenous and endogenous factors influencing students' performance in undergraduate accounting modules. **Accounting Education**, v. 18, n. 1, p. 51-73, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1080/09639280701740142>

HAILE, Y. G.; ALEMU, S. M.; HABTEWOLD, T. D. Insomnia and its temporal association with academic performance among university students: a cross-sectional study. **BioMed Research International**, v. 2017, p. 1-7, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1155/2017/2542367>

HAIR JUNIOR, J.; BLACK, W. C.; BABIN, B. J.; ANDERSON, R. E. **Análise multivariada de dados**. São Paulo: Cengage, 2019.

INFOESCOLA. **Neopentecostalismo**, Religião, 2022. Disponível em: <https://www.infoescola.com/religiao/neopentecostalismo/IBGE> Acesso em 14 abr 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo demográfico de 2010**. Estatísticas, Sociais, População, Censo Demográfico, Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência, RIO DE JANEIRO: IBGE, 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?edicao=9749&t=sobre> Acesso em: 14 abr. 2022.

IRALA, V. B.; MENA, L. P. Avaliação discente na percepção de docentes da educação superior. **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, v. 32, 2021. DOI: <https://doi.org/10.18222/eae.v32.7107>

KIMURA, M.; OLIVEIRA, A. L.; MISHIMA, L. S.; UNDERWOOD, L. G. Adaptação cultural e validação da Underwood's Daily Spiritual Experience Scale-versão brasileira.

Revista da Escola de Enfermagem da USP, São Paulo, v. 46, p. 99-106, out., 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0080-62342012000700015>

KING, M. B.; KOENIG, H. G. Conceptualising spirituality for medical research and health service provisio. **BMC Health Services Research**, v. 9, n. 116, p. 1-7, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1186/1472-6963-9-116>

KINNAMAN, D. **Geração perdida**: porque os jovens estão abandonando a igreja e repensando a fé. São Paulo: Universidade da Família, 2021.

KIRCHNER, E. A. Vivenciando os desafios da educação em tempos de pandemia. *In*: PALÚ, J.; SCHÜTZ, J. A.; MAYER, L. (Orgs.). **Desafios da educação em tempos de pandemia**. Cruz Alta: Ilustração. p. 45 -54, 2020.

KOENIG H. G.; BÜSSING A. The Duke University Religion Index (DUREL): A five-item measure for use in epidemiological studies. **Religions**, v. 1, n. 1, p. 78-85, 2010. DOI: <https://doi.org/10.3390/rel1010078>

KOENIG, H.; JR, G. R. P.; MEADOR, K. G. Religion index for psychiatric research. **American Journal of Psychiatry**, v. 154, n. 6, p. 885–886, jun., 1997. DOI: <https://doi.org/10.1176/ajp.154.6.885b>

LEITE, L.; SILVA, M. C. R.; SIMÕES, T. M. S.; SILVA, A. C. S.; PEREIRA, M. Impactos da covid-19 na graduação da pessoa com deficiência visual. **Revista Encantar**, Bom Jesus da Lapa, v. 2, p. 01-14, jan./dez., 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.46375/encantar.v2.0033>

LEPP, A.; BARKLEY, J. E.; KARPINSKI, A. C. The relationship between cell phone use, academic performance, anxiety, and satisfaction with life in college students. **Computers in Human Behavior**, Quebec, v. 31, p. 343-350, fev., 2014. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.chb.2013.10.049>

LIMA C. S. **Saúde mental, uso de substâncias e religiosidade dos estudantes do curso de graduação em enfermagem frente a pandemia da COVID-19**. 2020, 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) - Universidade de Uberlândia, Uberlândia, 2020.

LIMA, I. V.; KROENKE, A.; HEIN, N. Análise de atributos relacionados ao sucesso na aprendizagem de estudantes do curso de Ciências Contábeis. **Gestão contemporânea**, Porto Alegre, v. 7, n. 7, p. 101-122, 2010.

LUCCHETTI G.; LUCCHETTI A. L. G., AVEZUM JUNIOR, A. Religiosidade, espiritualidade e doenças cardiovasculares. **Rev Bras Cardiol**, v. 24, n. 1, p. 55-57, jan./fev., 2011.

LUCCHETTI, G. *et al.* Validação da versão em português da escala de avaliação funcional da terapia de doenças crônicas-bem-estar espiritual (FACIT-Sp 12) em pacientes psiquiátricos brasileiros internados. **Revista de religião e saúde**, v. 54, n. 1, p. 112-121, 2015.

MACHADO, L.; SOUZA, C. T. N. D.; NUNES, R. D. O.; SANTANA, C. N. de; ARAUJO, C. F. D.; CANTILINO, A. Bem-estar subjetivo, religiosidade e ansiedade: um estudo transversal em uma amostra brasileira de estudantes de medicina. **Tendências em Psiquiatria e Psicoterapia**, Porto Alegre, v. 40, p. 185-192, jul./set., 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/2237-6089-2017-0070>

MAGALHÃES, S. R.; CARVALHO, Z. M. F.; ANDRADE, L. M. de; PINHEIRO, A. K. B.; STUDART, R. M. B. Influência da espiritualidade, religião e crenças na qualidade de vida de pessoas com lesão medular. **Texto & Contexto-Enfermagem**, Florianópolis, v. 24, n. 3, p. 792-800, jul./set., 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-07072015000620014>

MAIA, B. R.; DIAS, P. C. Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 37, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200067>

MALLMANN, C.; NASU, V.; DOMINGUES, M. J. Relação entre a leitura de livros e o desempenho acadêmico: análise com discentes de ciências sociais aplicadas: Análises Comparativa e Geral de Estudantes da Área de Ciências Sociais Aplicadas. **Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade (REPeC)**, Brasília, v. 15, n. 2, p. 163-184, abr./jun., 2021. DOI: <https://doi.org/10.17524/repec.v15i2.2751>

MAMEDE, S. P. N.; MARQUES, A. V. C.; ROGERS, P.; MIRANDA, G. J. Psychological determinants of academic achievement in accounting: evidence from Brazil. **Brazilian Business Review**, Vitória, v. 12, p. 50-71, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.15728/bbrconf.2015.3>

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MARQUES, L. F.; SARRIERA, J. C.; DELL'AGLIO, D. D. Adaptação e validação da Escala de Bem-estar Espiritual (EBE): adaptação e validação da Spiritual Well-Being Scale (SWS). **Avaliação Psicológica**, v. 8, n. 2, p. 179-186, 2009.

MARTINEZ, E. Z.; ALVES, A. C.; CARNEIRO, A. F. T. M.; JORGE, T. M.; CARVALHO, A. C. D. D.; ZUCOLOTO, Investigação das propriedades psicométricas do Duke Religious Index no âmbito da pesquisa em Saúde Coletiva. **Cadernos Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 4, p. 419-427, out./dez., 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/1414-462X201400040016>

MARTINS, V.; ALMEIDA, J. Educação em tempos de pandemia no Brasil: saberes-fazer escolares em exposição nas redes. **Revista Docência e Cibercultura**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 215-224, 2020. DOI: <https://doi.org/10.12957/redoc.2020.51026>

MARTINS, Z. B.; MARINHO, S. V. Relação das variáveis concernentes ao desempenho acadêmico: um estudo com alunos de graduação em ciências contábeis. **Revista Universo Contábil**, Blumenau, v. 15, n. 1, p. 27-48, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.4270/ruc.2019102>

MARZARI, M.; QUEIROZ, V. M. A educação em tempos de pandemia: contribuições das ciências humanas e sociais. **Revista Panorâmica**, v. 35, p. 9 -31, jan./abr., 2022.

MEHMOOD, F.; SADAF, T.; KOUSAR, R. Gendered academic performance in two public universities in Faisalabad, Pakistan. **Science International**, v. 29, n. 4, p. 711-717, 2017.

MEIRA, M.; GOUVEIA, V.; SOCORRO, T.; OLIVEIRA, S.; SILVA FILHO, S.; Escala de práticas religiosas: construção e validação de construto. *In*: ENCONTRO PARAIBANO DE AVALIAÇÃO E MEDIDA EM PSICOLOGIA, 1, João Pessoa, 2001. **Anais[...]** João Pessoa: Conselho Regional de Psicologia, 2001.

MEURER, A. M.; PEDERSINI, D. R.; ANTONELLI, R. A.; VOESE, S. B. Estilos de aprendizagem e rendimento acadêmico na universidade. **REICE: Revista Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio em Educación**, Madrid, v. 16, n. 4, p. 23-43, 2018.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Dados do Covid**. Coronavírus. 2020. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/> Acesso em: 24 dez. 2021.

MIRANDA, G. J.; LEMOS, K. C. S.; OLIVEIRA, A. S.; FERREIRA, M. A. Determinantes do desempenho acadêmico na área de negócios. **Revista Meta-Avaliação**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 20, p. 175-209, maio/ago., 2015.

MIRANDA, G. J.; MAMEDE S. P. N.; MARQUES A. V. C.; ROGERS P. Determinantes do desempenho acadêmico em Ciências Contábeis: uma análise de variáveis comportamentais. *In*: CONGRESSO USP DE CONTROLADORIA E CONTABILIDADE, 14, São Paulo, 2014. **Anais [...]** São Paulo: USP, 2014.

MOLETA D.; RIBEIRO F.; CLEMENTE, A. Fatores determinantes para o desempenho acadêmico: uma pesquisa com estudantes de ciências contábeis. **Revista Capital Científico**, Guarapuava, v. 15, n. 3, p. 1-17, jul., set., 2017. DOI: 10.5935/2177-4153.20170019.

MONTEIRO, S. C; ALMEIDA, L. S.; VASCONCELOS, R. M. C. F. Abordagens à aprendizagem, autorregulação e motivação: convergência no desempenho acadêmico excelente. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 153-162, 2012.

MORALES, V. J.; LOPEZ, Y. A. Impactos da Pandemia na Vida Acadêmica dos Estudantes Universitários. **Revista Angolana de Extensão Universitária**, Dande, v. 2, n. 2, p. 53-67, jul., 2020.

MOREIRA, C. N. de O. MARQUES, C. B.; SILVA, M. A. P. D.; PINHEIRO, F. A. M.; SALOMÉ, G. M. Associação de fatores sociodemográficos e clínicos com espiritualidade e esperança de cura de ostomizados. **Journal of Coloproctology**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 3, p. 162-172, 2016.

MOREIRA, D.; BARROS, D. M. V. **Orientações práticas para a comunicação síncrona e assíncrona em contextos educativos digitais**. 1. ed. Lisboa: Universidade Aberta.

MOREIRA-ALMEIDA, A.; LOTUFO NETO, F.; KOENIG, H. G. Religiosidade e saúde mental: uma revisão. **Brazilian Journal of Psychiatry**, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 242-250, set., 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1516-44462006005000006>

MOREIRA-ALMEIDA, A.; PERES, M. F.; ALOE, F.; LOTUFO NETO, F.; KOENIG, H. G. Versão em português da Escala de Religiosidade da Duke: DUREL. **Archives of Clinical Psychiatry**, São Paulo, v. 35, n. 1, p. 31-32, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-60832008000100006>

MOTA, L. A. B. Aplicação da espiritualidade/religiosidade no processo terapêutico de pessoas em uso de substâncias psicoativas. **Revista Enfermagem Digital Cuidado e Promoção da Saúde**, v. 5, n. 1, p. 40-46, jan./jun., 2020.

MOURA, A. C. R.; MIRANDA, G. J.; PEREIRA, J. M. Desempenho acadêmico em ciências contábeis: turno noturno versus diurno. **Enfoque: Reflexão Contábil**, v. 34, n. 1, p. 57-70, 2015.

NASCIMENTO, A. M.; ROAZZI, A. Religiosidade e satisfação com a religião em estudantes universitários. **Revista Amazônica**, v. 13, n. 1, p. 143-174, 2014.

NICOLINI, C.; MEDEIROS, K. É. G. Aprendizagem histórica em tempos de pandemia. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 73, p. 281-298, maio/ago., 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/S2178-149420210204>

NOGUEIRA, D. R. Desempenho acadêmico X estilos de aprendizagem segundo Honey-Alonso: uma análise com estudantes do curso de Ciências Contábeis. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 12, n. 137, p. 80-89, 2012.

OLIVEIRA, D.; CAGGY, R. Análise dos fatores influenciadores do desempenho acadêmico de estudantes de administração: um olhar do docente. **Revista Formadores**, v. 6, n. 1, p. 5-5, 2013.

OLIVEIRA, J. A. C. **Qualidade de vida e desempenho acadêmico de graduandos**. 2006, 245 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

OLIVEIRA, V. L. **A religiosidade em universitários da geração Y na crise da modernidade: um estudo de caso na Universidade Federal de Sergipe (UFS)**. 2017, 98 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017.

OPAS. **Folha informativa: COVID 19** (doença causada pelo novo coronavírus), 2020. Disponível em:

https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875 Acesso em: 01 jan. 2022.

OSTI, A.; PONTES JÚNIOR, J. A. F.; ALMEIDA, L. S. O comprometimento acadêmico no contexto da pandemia da COVID-19 em estudantes brasileiros do ensino superior. **Revista Práxis**, Novo Hamburgo, v. 3, p. 275-292, set./dez. 2021. DOI: <https://doi.org/10.25112/rpr.v3.2676>

PALMEIRA, R. L.; da SILVA, A. A. R.; RIBEIRO, W. L. As metodologias ativas de ensino e aprendizagem em tempos de pandemia: a utilização dos recursos tecnológicos na Educação Superior. **HOLOS**, Natal, v. 5, p. 1-13, 2020. DOI: <https://doi.org/10.15628/holos.2020.10810>

PANZINI, R. G.; MAGANHA, C.; ROCHA, N. S. da; BANDEIRA, D. R.; FLECK, M. P. Validação brasileira do instrumento de qualidade de vida/espiritualidade, religião e crenças pessoais. **Revista de saúde pública**, São Paulo, v. 45, n. 1, p. 153-165, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-89102011000100018>

PANZINI, R. G.; ROCHA, N.; BANDEIRA, D. R.; FLECK, M. P. A. Qualidade de vida e espiritualidade. **Rev Psiquiatr Clín**, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 105-115, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-60832007000700014>

PANZINI, R. G.; BANDEIRA, D. R. Escala de Coping Religioso-Espiritual (Escala CRE): Elaboração e validação de Construto. **Psicologia em Estudo**, Maringá v. 10, n. 3, p. 507-516, set./dez., 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722005000300019>

PARADELA, G. J. Uma análise do fenômeno dos evangélicos não-determinados a partir da perspectiva Tillichiana de heteronomia, autonomia e teonomia. **Correlatio**, São Paulo, v. 13, n. 25, p. 97-104, 2014. DOI: <https://doi.org/10.15603/1677-2644/correlatio.v13n25p97-104>

PAREDES, I. M. G. T. **Influência da religiosidade na qualidade de vida dos idosos**. 2018, 148 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2018.

PAULA, J. J. Propriedades psicométricas do Índice de Religiosidade de Duke aplicado em plataforma virtual. **Cadernos Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, p. 276-279, jul./set., 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/1414-462X201500030090>

RANGEL, J. R.; MIRANDA, G. J. Desempenho Acadêmico e o uso de redes sociais. **Sociedade, Contabilidade e Gestão**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 139 – 154, 2016.

RIBEIRO, F.; AVELINO, B. C., COLAUTO, R. D.; NOVA, S. P. C. C. Comportamento procrastinador e desempenho acadêmico de estudantes do curso de ciências contábeis. **Advances in Scientific and Applied Accounting**, São Paulo, v. 7, n. 3, p. 386-406, maio/ago., 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.14392/asaa.2014070304>

RIBEIRO, J. C. Religiosidade do universitário: comentários dos sujeitos e aplicação didática. **ESPAÇOS-Revista de Teologia e Cultura**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 127-141, 2019.

RIVKIN, S. G.; HANUSHEK, E. A.; KAIN, J. F. Teachers, schools, and academic achievement. **Econometrica**, v. 73, n. 2, p. 417-458, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1468-0262.2005.00584.x>

RODRÍGUEZ RAD, C. J.; RAMOS HIDALGO, E. Influencia de la religiosidad y la espiritualidad en el comportamiento ético del consumidor. **Innovar**, v. 27, n. 65, p. 69–80, jul./set., 2017.

SALES, J. R.; DE CASTRO, D. B. Covid-19 e o aluno de medicina: qual a participação dos nossos internos. **Revista Brasileira Educação Médica**, Brasília, v. 45, n. 03, p. 1-8, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5271v45.3-20200503>

SALGUEIRO, J. B.; GOLDIM, J. R. As múltiplas interfaces da bioética com a religião e a espiritualidade. In: GOLDIM, J. R., (Org.) **Bioética e espiritualidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007. p. 11-27.

SANTOS, L. C.; DINIZ, J. A. Um estudo sobre a religiosidade e a relação moral dos alunos de Ciências Contábeis. **Enfoque: Reflexão Contábil**, v. 35, n. 3, p. 83-101, 2016.

SANTOS, M. J. C.; VILHENA, E. M. R. S.; ANTONELLI, R. A.; MEURER, A. M., Diferenças no desempenho acadêmico a partir das características socioeconômicas, demográficas, comportamentais e psicológicas de estudantes portugueses da área de negócios **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 111-129, abr./jun, 2020.

SANTOS, N. A. **Determinantes do desempenho acadêmico dos alunos dos cursos de Ciências Contábeis**. 2012, 257f. Tese (Doutorado em Ciências Contábeis) - Programa de Controladoria e Contabilidade, Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2012.

SCALIA, L. A. M; ALMEIDA NETO, O. P.; DUARTE, P. R. A.; MIRANDA K.; CARILLI, C. F. S. Mental health, spirituality and alternative practices for coping with health professionals in the face of the COVID-19 pandemic. **International Journal for innovation Education and Research**, v. 8, n. 8, p. 466-471, 2020. DOI: <https://doi.org/10.31686/ijier.vol8.iss8.2540>

SCHLEMMER, E.; OLIVEIRA, L. C.; MENEZES, J. O habitar do ensinar e do aprender em tempos de pandemia e a virtualidade de uma educação OnLIFE. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 45, p. 137-161, abr./jun., 2021. DOI: <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i45.8339>

SCHMIDT, B.; MELO, B. D.; LIMA, C. C.; PEREIRA, D. R.; SERPELONI, F.; KATZ, I.; RABELO, I.; KABAD, J. F.; SOUZA, M. S.; KADRI, M.; MAGRIN, N. P. **Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19: a quarentena na COVID-19 - orientações e estratégias de cuidado**. Rio de Janeiro: Fiocruz/CEPEDES, 2020. 15 p.

SCHUCHMANN, A. Z.; SCHNORRENBERGER, B. L.; CHIQUETTI, M. E.; GAIKI, R. S.; RAIMANN, B. W.; MAEYAMA, M. A. Isolamento social vertical X isolamento social

horizontal: os dilemas sanitários e sociais no enfrentamento da pandemia de COVID-19. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v. 3, n. 2, p. 3556-3576. 2020. DOI: <https://doi.org/10.34119/bjhrv3n2-185>

SILVA, E. M. Religião, diversidade e valores culturais: conceitos teóricos e a educação para a cidadania. **REVER Rev Estudos Religião**. São Paulo, v. 4, n. 2, p. 1-14, 2004.

SILVA, J. P. B. C. **Modelos de Regressão Linear e Logística utilizando o software R**. 2016, 146 f. Dissertação (Mestrado em Estatística, Matemática e Computação) - Universidade Aberta, Lisboa, 2016.

SILVA, M. M.; OLIVEIRA, J. G.; DURSO, S. D. O.; CUNHA, J. V. A. Resiliência e desempenho acadêmico: um estudo com graduandos de contabilidade. *In: International Conference in Accounting*, 20, São Paulo, 2020. **Anais [...]** USP: São Paulo, 2020.

SMIRNOV, I.; THURNER, S. Formation of homophily in academic performance: Students change their friends rather than performance. **PloS one**, v. 12, n. 8, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0183473>

SOARES, H. F. G.; BARBEDO, C. H. S. Desempenho acadêmico e a teoria do prospecto: estudo empírico sobre o comportamento decisório. **Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 64-82, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1415-65552013000100005>

SOUSA, D. M. F. **Desempenho acadêmico: uma explicação pautada nos valores humanos, atitudes e engajamento escolar**. 2013, 282 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

SOUZA, I. A.; SANTOS, M. C. Q.; TAVARES, M. M.; GOMES, A. M.T.; YARID, S. D. A religiosidade nas universidades de odontologia do Brasil. **Revista Pró-UniverSUS**, Vassouras, v. 13, n. 2, p. 80-85, 2022. DOI: [10.21727/rpu.13i3.3469](https://doi.org/10.21727/rpu.13i3.3469)

SOUZA, P. V. S. de; CRUZ, U. L.; LYRIO, E. F. A relação do Exame de Suficiência Contábil com o desempenho discente e a qualidade dos cursos superiores em Ciências Contábeis do Brasil. **Revista Ambiente Contábil**, Natal, v. 9, n. 2, p. 179-199, 2017.

STRELHOW, M. R. W.; SARRIERA, J. C. Evidências de validade do índice de religiosidade de Duke (P-DUREL) entre adolescentes. **Avaliação Psicológica**, Itatiba, v. 17, n. 3, p. 330-338, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.15689/ap.2018.1703.14630.06>

TAUNAY, T. C. E., GONDIM, F. A. A., MACÊDO, D. S., MOREIRA-ALMEIDA, A., GURGEL, L. A., ANDRADE, L. M. S., CARVALHO, A. F. Validação da versão brasileira da escala de religiosidade de Duke (DUREL). **Archives of Clinical Psychiatry**, São Paulo, v. 39, n. 4, p. 130-135, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-60832012000400003>

TEIXEIRA, D. A. O.; NASCIMENTO, F. L. Ensino remoto: o uso do google meet na pandemia da COVID-19. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 7, n. 19, p. 44–61, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.5028436>

THIENGO, P. C. S.; GOMES, A. M. T.; MERCÊS, M. C. das; COUTO, P. L. S.; FRANÇA, L. C. M.; SILVA, A. N. da. Espiritualidade e religiosidade no cuidado em saúde: revisão integrativa. **Cogitare Enfermagem**, Curitiba, v. 24, 7 mar. 2019. DOI: <https://doi.org/10.5380/ce.v24i0.58692>

UNICAP. **Espíritas**. Observatório, 2022. Disponível em: https://www1.unicap.br/observatorio2/?page_id=173#:~:text=%C3%89%20uma%20religi%C3%A3o%20sem%20culto,a%20caridade%20como%20ideal%20maior Acesso em: 22 ago. 2022.

VALENTE, G. A. A religiosidade na prática docente. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 98, p. 198-211, jan./abr., 2017. DOI: <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.98i248.2874>

WANG, T. **The effect of virtual reality on learning motivation and academic performance**. 2017, 47 f. Tese (Doutorado em Ciência em Desenho Institucional e Tecnológico) - Emporia State University, Estados Unidos, 2017.

YORK, T. T.; GIBSON, C.; RANKIN, S. Defining and measuring academic success. **Practical Assessment, Research, and Evaluation**, v. 20, n. 1, p. 5, 2015. DOI: <https://doi.org/10.7275/hz5x-tx03>

ZAIDI, U.; HAMMADI, S.; AWAD S. S. The effect of virtual reality on learning motivation and academic performance. **Sci.Int.(Lahore)**, v. 29, n. 3, 2017.

ZANGARI, W.; MACHADO, F. R. **Cartilha Virtual Psicologia & Religião: Histórico, subjetividade, Saúde Mental, Manejo, Ética Profissional e Direitos Humanos**. Inter Psi 43 - Laboratório de Psicologia Anomálistica e processos Psicossociais Departamento de Psicologia Social e do Trabalho. Instituto de Psicologia - Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: www.usp.br/interpsi Acesso em: 22 ago. 2022.

ZENEVICZ, L.; MORIGUCHI, Y.; MADUREIRA, V. S. F. A religiosidade no processo de viver envelhecendo. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 47, n. 2, p. 433-439, abr., 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0080-62342013000200023>

ZHAI, Y.; DU, X. Mental health care for international Chinese students affected by the COVID19 outbreak. **The Lancet Psychiatry**, v. 7, n. 4, p. e22, 2020. DOI: [https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(20\)30089-4](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(20)30089-4)

Apêndice A – Carta Convite



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
INSTITUTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS, ADMINISTRATIVAS E CONTÁBEIS
MESTRADO PROFISSIONAL EM ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA - PROFIAP

_____, ____ de _____ de 2022.

Prezado(a) Discente,

Eu, Fabricio Cassol Silberslach, aluno regularmente matriculado no Mestrado Profissional em Administração Pública, da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), convido você a participar da pesquisa realizada para a dissertação de mestrado intitulada “Religiosidade e desempenho acadêmico discente em tempos de pandemia”, orientado pela professora Dra. Débora Gomes de Gomes,

Para alcançar os objetivos do estudo será necessário responder o questionário estruturado disponível no link: <http://xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx>

A sua participação é fundamental para consecução dos objetivos do estudo.

Agradecemos a sua participação!

Respeitosamente,

Fabício Cassol Silberslach
Mestrando – PROFIAP – FURG

Prof^a. Dra. Débora Gomes de Gomes
Orientadora – PROFIAP – FURG

Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
INSTITUTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS, ADMINISTRATIVAS E CONTÁBEIS
MESTRADO PROFISSIONAL EM ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA - PROFIAP

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Eu, Fabricio Cassol Silberslach, aluno do Mestrado Profissional em Administração Pública, da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, pesquisador principal da pesquisa “Religiosidade e desempenho acadêmico discente em tempos de pandemia”, tendo como orientadora e pesquisadora responsável a Profa. Dra. Débora Gomes de Gomes.

Este estudo tem como objetivo analisar a relação entre o nível de religiosidade e o nível de desempenho, de estudantes de uma Universidade Federal do Sul do Brasil, em tempos de pandemia. Assim, gostaria de convidá-lo a participar desta investigação, por meio do preenchimento do questionário, que leva em média 20 minutos para o completo preenchimento.

Os riscos da pesquisa aos participantes são mínimos, como no caso de desconforto emocional, caso em que os pesquisadores garantirão assistência imediata, integral e gratuita. Os benefícios da pesquisa estão voltados na possibilidade de os participantes compreenderem seu desempenho discente, sua religiosidade e os impactos da pandemia da Covid-19 na sua rotina acadêmica.

Em observância ao estabelecido pelas normas éticas nacionais que regulam as pesquisas envolvendo seres humanos, posso garantir-lhe: liberdade de adesão ou recusa da participação na pesquisa; liberdade para retirar seu consentimento em qualquer momento, sem causar-lhe nenhum prejuízo, bastando contatar os pesquisadores da equipe pelos telefones a seguir indicados; não haverá nenhuma despesa nem compensação financeira para você; você tem direito a ressarcimento das despesas diretamente decorrentes de sua participação na pesquisa; direito a indenização pelo dano decorrido da pesquisa nos termos da lei; direito a não responder alguma das perguntas elencadas; sigilo das informações que forem dadas durante a pesquisa, e sigilo quanto a sua identidade.

Este estudo não acarreta riscos sobre a sua saúde e, em caso de algum desconforto ao responder alguma pergunta, a sua participação pode ser interrompida e finalizada. Cabe, ainda, esclarecer, que as informações levantadas nesta investigação serão guardadas em local de acesso somente aos pesquisadores e serão utilizadas para os fins deste estudo. Informamos, ainda, que as publicações que resultarem desta pesquisa, manterão a garantia de sigilo e, portanto, preservarão a identidade e a privacidade dos participantes, garantindo assim seu anonimato, confidencialidade dos dados, privacidade e sigilo.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pelos pesquisadores ou pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da FURG, a seguir elencados.

- Pesquisadora responsável: Débora Gomes de Gomes, Avenida Itália, km 8, prédio do Curso de Ciências Contábeis, bairro carreiros. Telefone para contato: (53) 981449000. E-mail para contato: debora_furg@yahoo.com.br

- Pesquisador principal e coletador dos dados: Fabricio Cassol Silberslach, Avenida Itália, km 8, prédio do curso de Ciências Contábeis, bairro carreiros. Telefone para contato: (55) 9901-4319. E-mail para contato: fabriciocassol1994@gmail.com.

- CEP/FURG: segundo andar do prédio das Pró-reitorias, Avenida Itália, km 8, bairro carreiros. Telefone para contato: (53) 3237-3013. E-mail para contato: cep@furg.br O CEP/FURG é um comitê responsável pela análise e aprovação ética de todas as pesquisas desenvolvidas com seres humanos, assegurando o respeito pela identidade, integridade, dignidade, prática da solidariedade e justiça social.

Você pode imprimir uma via deste TCLE na sua tela de visualização e os pesquisadores irão guardar uma via nos documentos da pesquisa, garantimos-lhe o acesso ao registro sempre que solicitado.

Mestrando Fabricio Cassol Silberslach

Profa. Dra. Débora Gomes de Gomes

Registro do Consentimento pós-informação

() Eu fui esclarecido (a) sobre a Pesquisa e Aceito em Participar da pesquisa.

() Eu fui esclarecido (a) sobre a Pesquisa e Não Aceito em Participar da pesquisa.

_____, ____ de _____ de 2022.